

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

MAIARA GARBUIO

**PERCEPÇÕES DA SOCIEDADE SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL
EDIFICADO DE PONTA GROSSA/PR: COLÉGIO ESTADUAL
REGENTE FEIJÓ, ESTAÇÃO PARANÁ E VILA HILDA**

PONTA GROSSA
2019

MAIARA GARBUIO

**PERCEPÇÕES DA SOCIEDADE SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL
EDIFICADO DE PONTA GROSSA/PR: COLÉGIO ESTADUAL
REGENTE FEIJÓ, ESTAÇÃO PARANÁ E VILA HILDA**

Dissertação apresentada para a obtenção do
título de Mestre em Geografia na Universidade
Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-
Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão
do Território

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

PONTA GROSSA
2019

G214 Garbuió, Maiara
Percepções da sociedade sobre o patrimônio cultural edificado de Ponta Grossa/PR: Colégio Estadual Regente Feijó, Estação Paraná e Vila Hilda / Maiara Garbuió. Ponta Grossa, 2019.
160 f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Análises Socioeconômicas e Dinâmicas Regionais e Urbanas.), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky.

1. Patrimônio cultural. 2. Ponta grossa. 3. Percepção popular. I. Monastirsky, Leonel Brizolla. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Análises Socioeconômicas e Dinâmicas Regionais e Urbanas. . III.T.

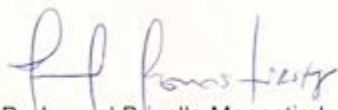
CDD: 918.162

TERMO DE APROVAÇÃO

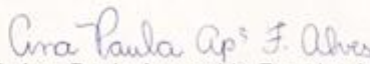
MAIARA GARBUIO

“PERCEPÇÕES DA SOCIEDADE SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO DE PONTA GROSSA/PR: COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ, ESTAÇÃO PARANÁ E VILA HILDA”

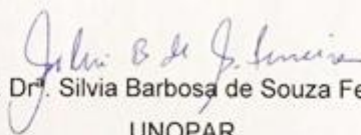
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Leonel Brizolla Monastirsky
UEPG



Profª. Drª. Ana Paula Aparecida Ferreira Alves
UEPG



Profª. Drª. Silvia Barbosa de Souza Ferreira
UNOPAR

Ponta Grossa, 28 de março de 2019.

AGRADECIMENTOS

A ideia de realizar este trabalho nasceu das minhas escolhas e dos meus anseios. Agora, contudo, percebo que, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, não compreendia a abrangência do tema deste trabalho: patrimônio cultural.

A descoberta dessa temática do patrimônio cultural e sobre as nuances da vida acadêmica ocorreu com o auxílio do meu orientador, professor Dr. Leonel Brizolla Monastirsky. Ele representa para mim um símbolo acadêmico, pois não só me inspira, mas também me motiva a buscar realizar novas descobertas e novos estudos. Diante disso, fica o meu "muito obrigada" ao meu orientador e amigo. Obrigada por acreditar e apostar em mim, por segurar meu choro na hora do desespero, por me ajudar a levantar quando me fizeram cair.

Além do meu orientador, agradeço a toda sociedade acadêmica, visto que cada indivíduo (discentes e docentes), de alguma maneira, auxiliou na minha pesquisa. Sendo o meu "muito obrigada" especial à Aninha, à Carla, ao Martin e à Sandra – colegas queridos, que sempre me motivaram e me ajudaram.

Agora devo agradecer à Dra. Ana Paula Aparecida Alves, ao Dr. Luís Fernando Souza e à Dra. Silvia Barboza – professores queridos que participaram da minha banca de qualificação e/ou de defesa. Fizeram apontamentos totalmente relevantes e importantes. Fiquei realmente muito agradecida.

Agradeço ainda a toda equipe do Programa de Pós-Graduação em Geografia e aos professores, pois me proporcionaram a oportunidade de cursar o Mestrado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da bolsa. Sem essa bolsa a possibilidade de realizar esta pesquisa teria sido nula.

Também tenho constar agradecimento à fotógrafa Karina Machado, que realizou os registros fotográficos dos patrimônios estudados e auxiliou na aplicação do formulário. Quanto à aplicação do formulário, também agradeço a participação da pesquisadora Maria Vitória Garbuio.

Aos meus pais, Iara e Jorge, por terem me proporcionado uma educação e estudo adequado. Às minhas irmãs: Paula, Karen e Vitória, que me inspiram como pessoa e pesquisadora. Às minhas amigas: Andresa, Karina, Priscila, Emili, Jussara,

Lygia e Sheilla, por sempre estarem ao meu lado. Aos meus amados sobrinhos: Leonardo, Diego, Benjamin, Benício e Yasmin. E à meu amigo Juliano, por ter feito o desenho da capa desse trabalho.

Mas, meu muito obrigada carregado de amor vai para meu marido, Odilon da Cruz Neto, e para minha filha, Helena Garbuio da Cruz. Sem eles, a minha pesquisa não teria saído do papel, bem como não teria o mesmo entusiasmo e afeto. É a eles que dedico o meu estudo.

Enfim, agradeço a todos os que me auxiliaram na minha pesquisa.

O tempo linear é uma invenção do Ocidente. O tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer instante, podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim.

(Lina Bo Bardi)

RESUMO

O município de Ponta Grossa, no estado do Paraná, possui vasto campo patrimonial em relação ao qual, por hipótese, parte da sociedade local se preocupa com esse patrimônio cultural e a outra parte, não. Assim, para comprovar, ou não, essa hipótese, a presente pesquisa buscou compreender como os indivíduos percebem os patrimônios edificados como elementos da paisagem urbana, tomando como objetivo de análise o Colégio Estadual Regente Feijó, a Estação Paraná e a Vila Hilda, sendo todos eles patrimônios culturais edificados tombados em 1990 pela Secretaria de Estado Educação e Cultura do Paraná (SEEC-PR). Para isso, a pesquisa considerou o período da atualidade para análise, sendo permeado pela condição e pela relação atual dos sujeitos com os objetos. A categoria geográfica utilizada para realizar essa compreensão foi "paisagem", categoria que se mostrou totalmente satisfatória, visto que atendeu prontamente aos objetivos iniciais. Quanto à operacionalização da pesquisa, a metodologia empregada solicitou a aplicação de entrevistas, tendo como base de apoio os estudos de Leonel Brizolla Monastirsky e de Nisiane Madalozzo. Tais entrevistas foram regidas pela técnica metodológica do tipo formulário e questionário, sendo a "saturação" de respostas similares o indicativo para o encerramento da atividade, conforme elucidam Martin W. Bauer e George Gaskel. Os resultados da pesquisa foram apresentados mediante dois vieses: o primeiro sendo o mapa conceitual de cada patrimônio edificado estudado e o segundo sendo a análise das percepções comuns aos três patrimônios, e foram analisadas como tendenciosas a qualquer patrimônio edificado da cidade. Ao final das reflexões, percebeu-se que a pesquisa conseguiu alcançar o objetivo e sanar a hipótese levantada de início. Foi constatado que a grande maioria dos indivíduos possui consciência social da representatividade dos patrimônios culturais edificados, atribuindo-lhes importância e depositando-lhes valores. Outra parte da população, no entanto, os identifica até como símbolos de atraso social.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; Ponta Grossa; Percepção popular

ABSTRACT

The municipality of Ponta Grossa, in the state of Paraná, has a vast heritage field in relation to which, for hypothesis, part of the local society is concerned with this cultural heritage and the other part, not. Thus, to prove, or not, this hypothesis, this research sought to understand how individuals perceive the built heritage as elements of the urban landscape, taking as the objective of analysis the Colégio Estadual Regente Feijó, the Estação Paraná and the Vila Hilda, all of which are cultural heritage built under the auspices of the Secretaria de Estado Educação e Cultura do Paraná (SEEC-PR) in 1990. For this, the research considered the current period for analysis, being permeated by the condition and the current relationship of the subjects with the objects. The geographical category used to carry out this understanding was "landscape", a category that proved to be totally satisfactory, since it promptly met the initial objectives. Regarding the operationalization of the research, the methodology used the requested application of interviews, based on the studies of Leonel Brizolla Monastirsky and Nisiane Madalozzo. These interviews were governed by the methodological technique of form and questionnaire type, and the "saturation" of similar answers is indicative for the closure of the activity, as elucidated by Martin W. Bauer and George Gaskel. The results of the research were presented through two biases: the first being the conceptual map of each built heritage studied and the second being the analysis of the perceptions common to the three heritage sites, and were analyzed as biased to any built heritage in the city. At the end of the reflections, it was noticed that the research managed to achieve the objective and solve the hypothesis raised at the beginning. It was found that the vast majority of individuals have social awareness of the representativeness of cultural heritage built, attributing importance to them and depositing values to them. Another part of the population, however, even identifies them as symbols of social backwardness.

Keywords: Cultural heritage; Ponta Grossa; Popular perception

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Percepção da população em relação ao patrimônio edificado	54
FIGURA 2 – Inscrição Tombo 104-ii / Processo número 13/1990 – Colégio Estadual Regente Feijó	59
FIGURA 3 – Inscrição Tombo 100-ii / Processo número 4/1990 – Estações de passageiros da Estrada de Ferro de Ponta Grossa	60
FIGURA 4 – Inscrição Tombo 99-ii / Processo número 3/1990 – Vila Hilda	61
FOTOGRAFIA 1 – Escola Primária na década de 1930	64
FOTOGRAFIA 2 – Colégio Estadual Regente Feijó em 1990	66
FOTOGRAFIA 3 – Colégio Estadual Regente Feijó – Área tombada e área não tombada	68
FOTOGRAFIA 4 – Fachada do Colégio Estadual Regente Feijó em 2018	70
FOTOGRAFIA 5 – Estação Paraná em 1892	73
FOTOGRAFIA 6 – Reforma da Estação Paraná	74
FOTOGRAFIA 7 – Reforma da Estação Paraná	75
FOTOGRAFIA 8 – Estação Paraná e Locomotiva 250 (Maria Fumaça) em 2017	76
FOTOGRAFIA 9 – Família Thielen: Rodolpho Francisco Thielen, Hilda Thielen, Alberto Henrique Thielen e Alberto Thielen da esquerda para a direita	77
FOTOGRAFIA 10 – Mansão Vila Hilda	79
FOTOGRAFIA 11 – Restauração dos afrescos internos da Vila Hilda	80
FOTOGRAFIA 12 – Mansão Vila Hilda em 2018	81
GRÁFICO 1 – Características de gênero	90
GRÁFICO 2 – Características de idade	90
GRÁFICO 3 – Características de escolaridade	90
GRÁFICO 4 – Características de renda familiar	90
MAPA 1 – Mapa rodoferroviário do estado do Paraná	55

MAPA CONCEITUAL 1 – Percepções em relação ao Colégio Estadual Regente Feijó	92
MAPA CONCEITUAL 2 – Percepções em relação à Estação Paraná	93
MAPA CONCEITUAL 3 – Percepções em relação à Vila Hilda	94
 QUADRO 1 – Metodologia empregada na dissertação	 21

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Entrevistados via formulário	87
TABELA 2 – Entrevistados via formulário e questionário	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
 CAPÍTULO I – GEOGRAFIA E ARQUITETURA: CONCEITOS DE COMPREENSÃO DA PERCEPÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO	 23
1.1. GEOGRAFIA CULTURAL	25
1.1.1. Geografia das Emoções	29
1.1.2. Geografia da Percepção	31
1.1.3. Geografia das Representações	35
1.2. PATRIMÔNIO CULTURAL	38
1.2.1. Memória individual e social do patrimônio cultural	43
1.2.2. Patrimônio cultural e arquitetura	45
1.2.3. Patrimônio cultural, arquitetura e arte	47
1.2.4. Patrimônio cultural e o <i>flâneur</i>	50
1.2.5. Patrimônio cultural e espaço urbano	51
 CAPÍTULO II – VOLTANDO AO PASSADO – UMA REVELAÇÃO DA VILA HILDA, DO COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ E DA ESTAÇÃO PARANÁ	 55
2.1. COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ	63
2.2. ESTAÇÃO PARANÁ	71
2.3. VILA HILDA	77
2.4. COMO O COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ, A ESTAÇÃO PARANÁ E A VILA HILDA COMPÕEM A PAISAGEM PONTA-GROSSENSE	82
 CAPÍTULO III - DOS VALORES SIMBÓLICOS DO COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ, ESTAÇÃO PARANÁ E VILA HILDA À PAISAGEM URBANA DE PONTA GROSSA	 84
3.1. MÉTODOS UTILIZADOS PARA PESQUISAR SOBRE A PERCEPÇÃO	84

3.2. A PERCEPÇÃO A RESPEITO DO COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ, ESTAÇÃO PARANÁ E VILA HILDA	91
3.3. A RELAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS EDIFICADOS COM A PAISAGEM URBANA: REFLEXÕES E RESULTADOS	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE A – FORMULÁRIO E QUESTIONÁRIO REALIZADOS NA PESQUISA	126
APÊNDICE B – DOCUMENTOS RETIRADOS DA TESE DE DOUTORADO DE MÁRCIA MARIA DROPA	141
APÊNDICE C – SÍNTESE DAS RESPOSTAS	146

INTRODUÇÃO

A preservação do patrimônio cultural é um tema antigo, tendo recebido grande importância no fim do século XVIII na Europa, principalmente na França. Essa preocupação chegou ao Brasil mais tarde. Assim, ainda no século XIX, o Brasil tinha uma postura totalmente avessa à preservação do legado patrimonial, visto que as elites brasileiras desejavam eliminar toda a sua cultura a fim de importar e imitar os modos de vida europeus. Mesmo assim, contudo, em oposição a essa ignorância, no mesmo período “[...] começaram a surgir as primeiras instituições voltadas para a invenção de uma memória dita brasileira” (VILLELA, 2017, p. 67). Assim, a preservação dos patrimônios culturais esteve localizada, primeiramente, nos países centrais, mas tornou-se atual na agenda do Brasil. Há um pensamento de que tal preservação seja, em parte, regida por uma elite dominante com intuito de valorizar a sua história e memória, prevalecendo seus interesses (CHAUÍ, 2006). Diante disso, compreender a pluralidade de símbolos de cada patrimônio a partir da percepção dos indivíduos em relação aos patrimônios torna-se uma tarefa fundamental para o entendimento do conceito de patrimônio cultural.

À guisa de iniciar uma tentativa de definição, pode-se dizer que a noção de patrimônio cultural é manifestada pela valorização simbólica que a sociedade – pelo menos parte dela – atribui a determinado bem cultural, sendo composto de expressões culturais que representam a identidade, a cultura e a memória local. A hipótese da presente pesquisa é a de que a academia, a sociedade organizada e as instituições com competência social para pensar e gerir os patrimônios, realmente compreendem a importância deles, e de que outra parte da sociedade, contudo, não compreende, de forma ampla, essa importância.

Essa hipótese desenha um contexto social e simbólico e é nesse contexto que nasce a curiosidade por conhecer as percepções dos indivíduos a respeito dos patrimônios culturais e, nesse caso específico, os patrimônios culturais edificados. Posta essa questão, cabe, de imediato, alertar para o fato de que faltam estudos que contemplem as percepções a respeito dos patrimônios culturais brasileiros, ou seja, faltam estudos que analisem as percepções da população em relação à simbologia, à arquitetura, à memória (social e individual), ao contexto no espaço, à utilidade/função

da edificação, à história, entre outros aspectos dos muitos e diversos patrimônios culturais existentes no Brasil.

Assim, a pesquisa pretendeu compreender como os indivíduos percebem os patrimônios edificados no contexto da paisagem urbana. As questões estabelecidas para essa inquietação foram motivadas pela arquitetura e, posteriormente, intensificadas pela ciência geográfica. Os motivos para ocorrer essa afirmação foi que a pesquisadora, além de graduação em Direito, terá graduação em Arquitetura¹, na área do conhecimento na qual se encontra a sua familiaridade. Com o passar dos semestres acadêmicos no curso de Arquitetura nasceu na autora a vontade de aprofundar os seus conhecimentos a respeito dos patrimônios culturais edificados. Diante disso, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Geografia, pois a geografia é uma ciência social que possui capacidade de desvendar os fenômenos que dizem respeito aos patrimônios culturais, visto que são resultados de relações sociais, como também materializadas no espaço geográfico. Ademais, segundo Schirru (2017):

Um trabalho multidisciplinar, embasado por diferentes profissionais e em diversos campos de conhecimento, garante uma melhor interpretação do comportamento das pessoas no que refere à formação da memória e identidade, na configuração espacial da cidade e na importância de sua manutenção. (SCHIRRU, 2017, s/n).

Num cenário bibliográfico semelhante, Madalozzo (2015) recentemente realizou estudo sobre a percepção dos indivíduos frente ao Complexo Ferroviário de Ponta Grossa/PR. Seu objetivo foi “[...] compreender a composição atual do velho centro ferroviário de Ponta Grossa, a partir dos significados de seus elementos construídos para a sociedade ponta-grossense” (p. 15). Assim, além de motivar a pesquisa que aqui segue, ofereceu informações importantes no estabelecimento da ligação metodológica entre ciência geográfica, arquitetura, patrimônio e memória.

Dito isso, o conceito geográfico trazido para a problemática foi "paisagem cultural". Tal conceito é fundamentado na forma e na aparência como o espaço geográfico é percebido pelos indivíduos – questões essas indispensáveis para este trabalho. Além disso, Almeida (2013) esclarece que a "paisagem" se mostra como o melhor conceito geográfico para compreender a respeito de patrimônio cultural, pois

¹ A pesquisadora pretende concluir a segunda formação em julho de 2019, estando ela, atualmente, no 10º período.

ela é formada pela cultura e pelas emoções e veiculada através dos sentidos. Para compor esse pensamento foi buscada mais elucidação em textos de Duncan (2004), de Berque (2004), de Claval (2007), entre outros.

Sendo assim, o conceito geográfico "paisagem" foi se apresentando totalmente pertinente conforme a pesquisa se ia desdobrando e tomando forma. Outras categorias geográficas, como "espaço" e "lugar" também podiam ser adotadas para a compreensão desse estudo, visto que todas elas levam em consideração os significados e os sentidos das formas contidas no e do espaço geográfico – em que espaço é:

[...] um equilíbrio, uma espécie de equação engendrada pela forma e pelos diferentes sentidos que ela é capaz de suscitar e condicionar. Equacionados e construídos socialmente, os sentidos e as significações da organização do espaço são sempre advindos de uma perene relação, isto é, o espaço é uma constituição relacional, relação entre objetos/coisas espacialmente distribuídas, da relação entre os objetos e suas funções, o que traz os seus sentidos e significados, da relação entre esses objetos e as vivências, isto é, das práticas sociais. (LOPES, 2012, p. 25).

Já o lugar é:

[...] sítio de identidades significativas e atividade imediata, é uma consequência de ligações que o convertem mais numa teia/rede dinâmica do que uma localização específica. Ainda para ele, o lugar não deve ser compreendido como um contraponto conceitual a uma vaga modernidade "deslugarizada", pois o que acontece no lugar não é meramente um embate frente às tentativas de hegemonia histórica e espacial, mas uma luta para nos colocarmos como sujeitos espaciais e históricos. (LOPES, 2012, p. 27).

A pesquisa emprestou alguns pontos marcantes dos dois conceitos acima, sobretudo a constituição relacional do espaço e a identidade significativa do lugar. Mesmo assim, contudo, a utilização de "paisagem" fez-se a mais conexa neste estudo, pois essa categoria está totalmente conectada com a forma visível do espaço geográfico, em especial, aqui, o patrimônio edificado. Tomando a perspectiva de Lopes (2012) para com o tema, o patrimônio edificado faz parte de uma cena visível diante da qual o indivíduo capta um conjunto de elementos sensoriais conforme a sua subjetividade e experiência, convertendo-os em um campo da significação.

– RECORTE ESPACIAL

O município de Ponta Grossa possui vasto acervo patrimonial. Dentre os vários processos sociais, econômicos e políticos ligados ao desenvolvimento histórico da

cidade de Ponta Grossa, o tropeirismo aparece com destaque: “[...] esse movimento tornou-se um importante fator de formação sócio-político-econômica das regiões que abrangeu” (FRASSON; GOMES, 2013, p. 1). Os caminhos percorridos pela atividade tropeira deram origem aos pousios² e os pousios, por sua vez, foram responsáveis pelo surgimento das cidades. O Caminho do Viamão foi um trecho muito importante nessa época. Ele cortava os campos dos atuais estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo. Esse caminho deu origem a importantes cidades, dentre elas Ponta Grossa (FRASSON; GOMES, 2013). Por isso esse entroncamento de caminhos justifica a pluralidade étnica e cultural da região, o que pode ser notado nos mais variados modelos arquitetônicos, nas diferentes manifestações culturais, entre outras tradições.

A participação do tropeirismo foi determinante para a configuração da cidade como centro geográfico estratégico, pois em decorrência das rotas dos tropeiros vieram estradas e estradas de ferro. Esse entroncamento rodoferroviário se destacou ou destaca na logística não só do estado do Paraná, nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, mas também no Cone Sul.

Mesmo com esse vasto histórico de ocupação e atividades, Ponta Grossa só começou a se preocupar com o seu acervo patrimonial há poucas décadas. Isso, de fato, só se deu, segundo Dropa (2016), com uma ação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG em conjunto com a prefeitura do município. Tal ação visava criar um conselho que daria conta da discussão sobre patrimônios culturais. Assim, em 1990 surgiu o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural – Compac. Após esse período, as ações frente aos patrimônios começaram a ganhar força no município.

Cabe informar que aqui se elegeu Ponta Grossa como município objeto desta pesquisa em função do amplo acervo patrimonial existente e por haver, em parte da sociedade local, a preocupação com a sua preservação.

Ponta Grossa possui vários patrimônios culturais edificados, como Vila Hilda, Casa do Divino, Colégio Estadual Regente Feijó, Museu Campos Gerais, entre outros. Alguns estão tombados pela Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Paraná – SEEC/PR, outros pelo Compac. Foram escolhidos, para este estudo, três patrimônios culturais edificados, quais sejam: Colégio Estadual Regente Feijó,

² Lugares onde as tropas pernoitavam para descanso.

Estação Paraná e Vila Hilda. A escolha foi feita acompanhando o estudo de Dropa (2016). O estudo de Dropa partiu de três critérios preestabelecidos por ela mesma:

- 1) Fazem parte da lista de bens preservados no Estado do Paraná, desde 1990, com reconhecimento valor social, econômico, artístico, paisagístico e turístico;
- 2) Por serem os mais antigos no processo de preservação e também em parte por terem sido estudados em diferentes momentos pela academia, são mais conhecidos pela comunidade;
- 3) São espaços utilizados atualmente pela própria comunidade em exposições artísticas, exposições museais, espaços de eventos, local de ensino e de disseminação cultural [...]. (DROPA, 2016, p.100).

Assim, o estudo de Dropa (2016) consistiu em analisar cinco patrimônios culturais edificados: “Edifício Guilherme Naumann (Proex), Antigo Fórum (Museu Campos Gerais), Complexo Ferroviário (as duas estações), Colégio Regente Feijó e a Mansão Vila Hilda” (p. 100). A autora estudou esses patrimônios para descobrir o conhecimento da população ponta-grossense em relação à história e à localização de cada um dos patrimônios estabelecidos.

Além de se basear nos três critérios estabelecidos por Dropa (supramencionado), o trabalho, aqui, apontou os recortes espaciais inserindo um quarto critério: 4) São os três espaços mais conhecidos (localização e história) pela sociedade ponta-grossense, tomando como critério de análise o estudo de Dropa (2016). Elegeu-se três, visto ser prática usual quando há a comparação de elementos similares, colocando os três melhores (qual seja o critério de avaliação) em evidência. Com isso, foi delimitado o recorte espacial para a presente pesquisa.

Quanto ao Complexo Ferroviário, que conta com as edificações Estação Paraná (Casa da Memória) e Estação Ponta Grossa (Estação Saudade), este estudo se atém apenas ao recorte espacial da Estação Paraná, pois há poucos estudos que levem em consideração somente essa estação, sendo que a maioria dos estudos que trazem o Complexo Ferroviário de Ponta Grossa para o campo da análise gera discussões com maior relevância junto à Estação Ponta Grossa.

Ante todo o exposto, esclarece-se que o objetivo principal desta pesquisa ficou definido em compreender como os indivíduos percebem a edificação do Colégio Estadual Regente Feijó, a da Estação Paraná e a da Vila Hilda na composição da paisagem urbana de Ponta Grossa/PR, pois mesmo Ponta Grossa, possuindo amplo patrimônio cultural edificado (alguns tombados pelo Compac, outros pela SEEC/PR – como já acima mencionado), percebe-se, no entanto, que grande parte desse

patrimônio não é valorizado por parte da sociedade, pelos proprietários e pelo poder público.

Para decifrar essa temática se fez necessário compreender por que a memória, as emoções e a arquitetura são elementos de interesse da geografia da percepção e da geografia cultural quando o objetivo de estudo é o patrimônio cultural edificado. A partir disso, é preciso compreender cada uma de suas arquiteturas, histórias e o que os respectivos símbolos sugerem à comunidade, assim como a relação dos valores simbólicos despertados com a paisagem urbana de Ponta Grossa.

O recorte espacial foi estabelecido conforme critérios metodológicos, mas não se pode negar que a percepção da pesquisadora se fez presente nessa análise. Para ela, os patrimônios eleitos falam de história e de arquitetura. Suas cores e curvas refletem a intelectualidade arquitetônica de tempos passados. Para a autora, o Colégio Estadual Regente Feijó, a Estação Paraná e a Vila Hilda são símbolos na paisagem ponta-grossense que provocam percepções distintas, sendo a emoção o efeito dessas percepções.

A Mansão Vila Hilda, como é conhecida, foi construída em 1926 com a finalidade de moradia para a família Thielen. A arquitetura da residência é imponente, sendo analisada pela pesquisadora como uma arquitetura própria da arte francesa neoclássica e da *art-nouveau*. Conta com 600 m² distribuídos em porão, pavimento térreo, sótão, torreão e mirante. Foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa em 1968, quando passou a sediar a Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei, e tombada em maio de 1990 como Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Paraná (PMPG, 2018). Atualmente funciona como Fundação Municipal de Cultura.

O Colégio Estadual Regente Feijó, construído em 1927 com estilo eclético (SEEC/PR, 2018), foi tombado em 3 de novembro de 1990 como Patrimônio Cultural do Paraná. O intuito foi prolongar a existência de um monumento representativo da sociedade ponta-grossense. A construção integra dois pavimentos mais o subsolo para distribuição do programa de necessidades (educacional), e assim funciona até os dias atuais. Ao longo da testada se pode verificar a harmonia e o ritmo da construção, em especial na sequência de janelas e de ornamentos. O projeto distribui seus componentes a partir de um átrio central, onde ocorre a conversação com o todo.

Estação Paraná marca o início da era ferroviária em Ponta Grossa. Atualmente salvaguarda a Casa da Memória e faz parte do Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas. A estação, construída em 1894 como estação de embarque e de

desembarque de passageiros, foi tombada também em 1990 como Patrimônio Cultural do Paraná (SEEC/PR, 2018). Sua arquitetura pode ser classificada como utilitarista, sem muitos ornamentos e sem preocupações com estética.

A suposição que se tem é que são três arquiteturas que são valorizadas pelo que carregam, seja pela história, seja pela estética imponente, seja pelas memórias reveladas, seja pela representatividade, entre outros valores. Então, para confirmar essa suposição ou não, é preciso analisar as percepções dos indivíduos por esses patrimônios.

Assim, o problema desta pesquisa se insere na dúvida sobre qual seja a importância que a comunidade ponta-grossense dá aos patrimônios, visto que a educação patrimonial brasileira deixa a desejar (GUIMARÃES, 2017), sendo a educação um fator fundamental na compreensão da importância do patrimônio cultural.

- METODOLOGIA

Quanto ao método, a pesquisa utilizou o da corrente filosófica da fenomenologia, visto que prioriza a percepção. Essa corrente extrai um interessante significado da realidade social, seja em termos de crítica, seja em relação a generalizações. A geografia fenomenológica está guiada na percepção subjetiva a respeito do espaço geográfico, com o que se procuram solucionar certas deficiências metodológicas do empirismo e do racionalismo (PEREIRA; CORREIA; OLIVEIRA, 2010).

Considerando todos os eventos históricos relacionados aos patrimônios, em que o tempo dos indivíduos participantes é diferente, ou não, do tempo representado pelas edificações, sendo ele não linear, então Massey aponta:

[...] reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre em processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. (MASSEY, 2008, p. 28).

Por se tratar de uma análise sobre a percepção dos indivíduos em relação aos patrimônios culturais edificados, e considerando-se a importância da memória, da história e das emoções, entende-se que o recorte temporal parte do contexto atual, contexto, portanto, permeado pela condição e pela relação atual dos sujeitos com o

objeto. Partindo desse mesmo pensamento, utilizou-se os nomes próprios dos patrimônios, conforme o laudo de tombamento de cada um. No entanto, existiu a hipótese de que alguns desses nomes não seriam de conhecimento geral da sociedade, pois o nome, muitas vezes, esteve associado com a função que exercia. Assim, para a realização da pesquisa com a sociedade prevaleceu o nome popular atual de cada patrimônio.

Dessa forma, este trabalho está regido pelas percepções dos indivíduos conforme o levantamento de declarações colhidas para esse fim. Para a coleta dessas declarações foi elaborado um formulário único e semiestruturado, portanto constituído por perguntas fechadas, mas também por outras ditas abertas, para respostas livres. O formulário, obviamente, foi formulado levando em conta as hipóteses que a pesquisa tinha intenção de constatar e o objetivo de resolver (compreensão das percepções) e tendo como guia os formulários realizados por Monastirsky (2006) e Madalozzo (2015) – ambos relativos ao tema. Após o formulário estabelecido, fez-se necessário obter uma amostragem de resultados preliminares, isso para verificar a sua eficácia, ou seja, se as questões eram adequadas para suscitar as respostas em relação ao objetivo estabelecido. Para essa amostragem, a aplicação do formulário se deu em frente ao Colégio Estadual Regente Feijó, tendo sido aplicado a quatro pessoas (uma criança, um adolescente, um adulto e um idoso). Analisando a amostragem preliminar, ficou evidenciado que alguns pontos ficaram obscuros devido à má formulação da pergunta.

Paralelamente aos reajustes realizados pela própria pesquisadora, o formulário passou por reajustes solicitados pela banca de qualificação a que este trabalho esteve submetido – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Mestrado em Gestão do Território. A banca solicitou a inclusão quanto ao envolvimento do participante no tema, ou seja, sua profissão. Postos todos esses apontamentos, o documento, enfim, estava pronto para ser utilizado na pesquisa (ver Apêndice A).

Em relação ao método para delimitar o critério da finalização da pesquisa, utilizou-se o método da saturação. Trata-se do método em que “[...] investigam-se diferentes representações, apenas até que a inclusão de novos estratos não acrescente mais nada de novo” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 59).

A aplicação do formulário ocorreu no mês de dezembro de 2018 (Quadro 1). Utilizou-se, além do instrumento metodológico do tipo formulário, o método da

observação, visto que as respostas não foram expressadas somente na forma verbal, mas também através de gestos e sinais, conforme elucidam Marconi e Lakatos (2003).

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos, e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (RIBEIRO, 2008, p. 141).

Além do mais, McDowel (1996) traz a noção de que o depoimento oral é capaz de desvendar os efeitos das tendências globais, trazendo a conexão de identidade e significado (semiótica). É nessa esfera que a pesquisa pretendia penetrar, nos sentimentos, nas emoções, nas memórias, no comportamento e nos significados. Por isso, a entrevista se tornou uma das maneiras mais eficazes para obter as informações mais profundas a respeito dos objetos deste trabalho (BRITTO JÚNIOR; FERES JÚNIOR, 2011).

A pesquisa (qualitativa) mostrou-se totalmente interessante nesse estágio, porém, após a extração de resultados parciais, observou-se que alguns pontos relevantes não obtiveram grande êxito, mesmo havendo a saturação de respostas. Assim, para conseguir atingir o objetivo deste trabalho, optou-se por levar o formulário a outro público, a um público diferente dos indivíduos que passavam ou permaneciam em frente aos patrimônios analisados. Diante disso, disponibilizou o formulário a pessoas por meio de *links*. Agora, aqui, tratava-se de pesquisa com instrumento metodológico do tipo questionário, em que não há a presença do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 2003). O questionário também conseguiu ótimo resultado, haja vista o anonimato e a liberdade de respostas.

Essas práticas metodológicas distintas mostraram-se satisfatórias para esse trabalho, visto que as deficiências de uma foram sanadas pelas vantagens da outra e vice-versa.

No terceiro capítulo, onde ocorre a discussão do resultado desse trabalho, foi imprescindível descrever como se deu o tratamento e leitura dos dados obtidos nas respostas aos formulários/questionários, haja vista sua complexidade. Paralelamente a isso e para elucidar o transcrito até aqui, apresenta-se o Quadro 1, que descreve toda a metodologia – conjunto de métodos – empregada na dissertação.

Quadro 1 – Metodologia empregada na dissertação

Objetivos específicos	Etapa da pesquisa	Tipo de pesquisa	Técnica	Ferramentas
Compreender como a memória, as emoções e a arquitetura são elementos de interesse da geografia da percepção e da geografia cultural quando objetivado o patrimônio cultural edificado.	1º Etapa	Pesquisa Bibliográfica	-----	Materiais referentes ao tema: livros, artigos, teses e dissertações.
Compreender como se apresentam os patrimônios edificados escolhidos, isso com relação à preservação e ao uso.	2º Etapa	Pesquisa Bibliográfica e Documental	-----	Materiais referentes ao tema. Dados da Casa da Memória, da Vila Hilda e da Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Paraná.
Relacionar os valores simbólicos despertados a partir dos patrimônios culturais edificados com a paisagem urbana de Ponta Grossa/PR.	3º Etapa	Pesquisa de Campo e Pesquisa Bibliográfica	Formulário e Observação	Aplicação do formulário com os transeuntes ou com indivíduos que permaneciam em frente aos patrimônios.
			Questionário	Aplicação do questionário com indivíduos através de arquivo <i>on-line</i> .
	4º Etapa	Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Bibliográfica	Análise Qualitativa de Dados	Análise das entrevistas. Análise da relação dos patrimônios edificados com a paisagem urbana.

Fonte: Adaptado de: VALE, Tatiane Ferrari do. **A gestão do território e os benefícios de um geopark:** ações visando a implantação o Projeto Geopark Fernando de Noronha (PE), 2017. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR.

Ante todo o exposto, a problemática envolveu viés exploratório, visando obter uma aproximação da realidade do fenômeno, isso resultando em percepções narrativas e gestuais, visto que não há como transpor somente as narrativas quando se abrangeram campos tão subjetivos. Por isso, as respostas orais foram transcritas, e as respostas gestuais anotadas. Além disso, a pesquisa possuiu caráter qualitativo, importando-se não com a quantidade de respostas, mas, sim, com a contextualização delas (OLIVEIRA JUNIOR; SGARBIERO; BOURGUIGNON, 2012).

– ESTRUTURAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

As reflexões desta pesquisa estão organizadas em três capítulos – além da presente introdução, das considerações finais e apêndices. O primeiro capítulo busca

a legitimação do patrimônio cultural edificado como arte inserido no espaço geográfico e percebido pelos indivíduos. Em seguida, o segundo busca estabelecer um aprofundamento histórico-cultural dos patrimônios eleitos, assim como uma análise pertinente à sua arquitetura. Por fim, o terceiro e último capítulo, buscou compreender as discussões sobre os valores simbólicos despertados a partir dos patrimônios culturais edificados, seguindo as interpretações das percepções dos indivíduos.

Assim, portanto, este trabalho atingiu o objetivo ao qual se propunha e sanou a hipótese levantada como pergunta de partida. Foi possível compreender a percepção dos indivíduos, de diferentes perfis, a respeito do Regente, da Estação Paraná e da Vila Hilda.

Esses patrimônios são, efetivamente, percebidos como símbolos na paisagem urbana ponta-grossense pela grande maioria dos indivíduos. Por isso, segundo eles, devem ser preservados, mantidos e conservados. Todavia, a outra parte da população, que condiz a um grupo social segmentado, com características específicas, percebe esses patrimônios como meros mensageiros do atraso social. Para esse grupo, os padrões estéticos, sociais e culturais estipulados pela globalização propõem a melhor maneira de (re)organizar e de (re)desenhar o espaço geográfico.

CAPÍTULO I

GEOGRAFIA E ARQUITETURA: CONCEITOS DE COMPREENSÃO DA PERCEPÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO

O foco das investigações da geografia é o estudo do espaço geográfico, assim objetivando compreender e analisar os fenômenos naturais e humanos que decorrem das relações entre si e com esse espaço³.

Dessa forma, o patrimônio cultural, que abrange os patrimônios históricos, sociais e também os naturais, se apresenta como um dos temas abordados pela geografia. Isso ocorre porque a cultura e, por conseguinte, o patrimônio cultural, provém das relações do homem no e com o espaço.

Com relação à ciência geográfica, Almeida (2013, p. 197) elenca que a compreensão de patrimônio está inserida na concepção da paisagem cultural, pois ela se mostra como “[...] um objeto concreto, material, físico, e factual percebido pelos sujeitos por meio dos cinco sentidos”, e que se expressa de forma simbólica⁴.

Assim, a paisagem pode ser entendida como formada por movimentos impostos pelos grupos sociais por meio de seu trabalho, trocas informacionais, cultura, emoções, o que lhe confere uma dimensão social. A paisagem é percebida e concebida pelos sentidos e por eles ela é veiculada [...]. (ALMEIDA, 2013, p. 190).

Diante disso, a paisagem cultural, sistematizada na figura do patrimônio cultural, envolve o encontro do sensível com o individual, em que a memória, cultura, valores e sentidos são construídos subjetivamente e resultam na interpretação e percepção do patrimônio edificado, pois estão ancoradas na forma com a qual ele se apresenta no espaço geográfico.

O universo patrimonial está em toda parte. Ponta Grossa se destaca como um dos espaços geográficos desse universo. O município conta com uma vasta relação de patrimônios culturais edificados, entre eles os objetos desta pesquisa: Vila Hilda, Colégio Estadual Regente Feijó e Estação Paraná. Cada um deles possui importância para a comunidade, o que justifica a sua preservação. Suas arquiteturas são

³ Todo o resultado singular dessas relações sociais que ocorrem no espaço, especialmente as que se cristalizam com o tempo e/ou se tornam significativas pela simbologia, são de pertencimento da sociedade. Logo, são patrimônios culturais daquele lugar.

⁴ Cosgrove (1998, p. 106) afirma que “[...] toda paisagem é simbólica”.

relevantes obras de arte que compõem o espaço geográfico e se mostram como símbolos representacionais dos ponta-grossenses. Por isso se tornam também alvo de análise acadêmica.

Ao abordar o tema patrimônio cultural buscou-se apresentar conceitos relativos à sua preservação, visto ser este um dos princípios básicos do tema em questão. Então são pertinentes conceitos como: i) a sua relevância enquanto lugar de memória, em razão de a memória ser o principal meio pelo qual o patrimônio se manifesta, ii) a sua designação como arte e paisagem, tendo em vista o que a presente pesquisa buscou solucionar e iii) a sua relação com a arquitetura, visto que ela é uma das peças para a descoberta dos enigmas que o espaço geográfico possui. Este primeiro capítulo possui, portanto, apresentação prévia desses conceitos, relacionando-os ao patrimônio cultural.

Antes desses conceitos, anteriormente, na introdução foi apresentada uma concepção sobre geografia cultural em relação ao tema desta pesquisa, sobretudo o que se refere às emoções e à percepção. O patrimônio cultural, enquanto resultado das relações sociais contidas no espaço, proporciona, pela sua simbologia e pela história individual/coletiva, emoções e percepções nas pessoas atuais. Assim esse patrimônio passa a ter importância e representatividade junto à sociedade e aos visitantes, justamente por ser uma base física da memória, da imaterialidade, da história e das emoções.

Com reflexões de Anderson e Smith (2001), em conjunto com Lencioni (2003), as análises a respeito de temas oriundos das ciências sociais devem vir acompanhados de interpretações das emoções e das percepções, pois ambas motivam a execução do fenômeno social. Essas ideias serão mais bem exploradas adiante.

Nesse sentido, a exposição prévia dos conceitos e suas relações com o patrimônio cultural facilitam a sustentação da pesquisa, que procurou analisar os patrimônios culturais edificados enquanto lugares de memória e, portanto, que compõem a paisagem cultural, que contêm arte e que provocam emoções nas pessoas.

1.1 GEOGRAFIA CULTURAL

A geografia é uma ciência autônoma contida no âmbito das ciências sociais e cujo objeto de estudo é a sociedade, o espaço e a relação destes entre si, sendo objetivada mediante cinco conceitos-chave: paisagem, região, lugar, território e espaço – todos com viés da ação humana na superfície terrestre (CORRÊA, 2000).

Para Moreira (1981, p. 7), o "objeto material" da geografia é a Terra e o seu "objeto formal" são as relações espaciais que aí se processam, num jogo múltiplo e complexo de fatores naturais e humanos, fazendo uma ligação entre o espaço e o homem. A geografia se mostra como ciência que tem por finalidade estudar o espaço e seus fenômenos geográficos, espaço em que o homem entra como peça fundamental de estudo, pois é ele, segundo Corrêa (2000), que constrói e organiza o espaço.

Para Claval (2011), para haver uma compreensão abrangente sobre a ciência geográfica, o pesquisador deve atentar-se às questões culturais, pois o espaço, a sociedade e os indivíduos são construídos a partir da cultura. Cuchê (2002) também define da mesma maneira as reflexões a respeito das ciências sociais e esclarece que a cultura “[...] parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença dos povos” (CHUCHÊ, 2002, p. 9).

Cultura deriva do latim *cultura* (CUCHÊ, 2002). Claval (2011) a define atualmente como

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. (CLAVAL, 2007, p. 63).

Na linha de Claval (2011) e de Cuchê (2002), a geografia e a cultura se entrelaçam e formam a geografia cultural, que se constitui como uma disciplina da geografia humana concebida por Ratzel no final do século XIX, pois foi o primeiro geógrafo a abordar a cultura nos estudos da ciência geográfica:

Ratzel desenvolveu sua tese de doutorado a respeito das migrações chinesas na Califórnia, o que o estimulou a publicar em 1880 a obra intitulada [...] A Geografia Cultural dos Estados Unidos da América do Norte com a ênfase especialmente voltada para as suas condições econômicas. É nesta obra que

se verifica o primeiro aparecimento do termo geografia cultural (BENATTI, 2016, p. 3-4).

Hahn é outro geógrafo alemão que contribuiu para o surgimento da geografia cultural. Suas pesquisas levavam em consideração a materialização da cultura, afirmando que a cultura estava ligada às técnicas realizadas na agricultura (BENATTI, 2016). Outros nomes alemães, como Schlüter e Passarge, e franceses, como La Blache, Brunhes e Deffontaines, foram importantes personagens nessa linha da geografia (CLAVAL, 2007):

Imbuídos de cunho crítico às ideias positivistas, é possível observar que os geógrafos franceses desenvolveram estudos que tinham como assunto dominante as comunidades tradicionais e os seus modos de vida, motivados, sobretudo, pelas análises de Vidal de La Blache. Já os geógrafos alemães se ocupavam com pesquisas acerca dos utensílios e técnicas utilizadas pelo homem como meio de apropriação e transformações das paisagens. É importante ressaltar ainda que as produções científicas dos alemães sobre as paisagens culturais tiveram relevante difusão nos Estados Unidos, disseminadas pelas investigações engendradas pelo geógrafo Carl Ortwin Sauer (1889- 1975) e pelos seus seguidores na “Berkeley School” (Escola de Berkeley) (BENATTI, 2016, p. 6).

Carl Sauer foi o nome da geografia cultural norte-americana. Sauer abandonou o determinismo ambiental e suas análises sobre as ações e transformações do espaço levavam em consideração as áreas culturais com distintas características devido às suas origens e aos processos desenvolvidos (CLAVAL, 2007).

Claval (2007) realizou estudos sobre o contexto histórico e epistemológico desse ramo da geografia. Argumentou que, nos anos 70 do século XX, a geografia cultural sofreu mudanças significativas em decorrência dos caminhos percorridos pelas ciências sociais e humanas. Então se tornou mais abrangente. A ideia não era extinguir os pensamentos anteriores, mas enriquecê-los. A geografia cultural tornou-se campo relevante da geografia, ressurgindo num “cenário pós-positivista” (BENATTI, 2016, p. 7).

Desse modo, nessa nova geografia cultural eram realizadas novas abordagens metodológicas e temáticas, em que “[...] os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os freqüentam” (CLAVAL, 2007, p. 57). A preocupação da geografia agora é compreender a “[...] interpretação simbólica que os grupos e as classes dão ao ambiente, as justificativas estéticas ou ideológicas que propõem e o impacto das representações sobre a vida coletiva” (CLAVAL, 2007, p.

58). Aqui, então, as dimensões imateriais tomam espaço e ganham prestígio. Segundo Linda McDowel, os geógrafos culturais se preocupam:

[...] em saber como a crescente escala global de produção e consumo afeta as relações entre identidade, significado e lugar. A atenção é concentrada na maneira como os símbolos, rituais, comportamento e práticas sociais do dia-a-dia resultam num compartilhado conjunto ou conjuntos de significados que em maior ou menor grau são específicos em termos de lugar. Portanto, temos que uma perspectiva geográfica tornou-se central para o projeto de estudos culturais de forma mais ampla. (McDOWEL, 1996, p. 160).

Em outras linhas, a geografia cultural se preocupa em compreender a relação do homem com o espaço geográfico motivada pela cultura, sendo essa relação entrelaçada de simbologia, visto que Cosgrove (2003), Cassirer (2001) e Hall (1997) elencam que o elo do homem com o meio é sustentado pela produção simbólica, em que o comportamento humano é simbólico e medido conforme as suas interpretações, que são instáveis e mutáveis. No mesmo sentido, Choay (2006) traz uma narrativa sobre a afinidade da simbologia no campo patrimonial. Escreve que o patrimônio cultural se expressa como tal quando a sociedade atribui valor simbólico a um bem cultural.

Já na concepção de Berque (2004), a geografia cultural possibilita a compreensão da relação da sociedade com o patrimônio e dá sentido a esse vínculo, sendo a paisagem a verdadeira reveladora dessa conexão, pois é marca e matriz em que se “[...] expressa uma civilização [...] e participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação” (BERQUE, 2004, p. 85).

Diante disso, o objeto deste estudo é identificado como "paisagem cultural", delimitando o recorte espacial para as edificações da Vila Hilda, Colégio Estadual Regente Feijó e Estação Paraná. Para compreender essa fundamentação buscamos elucidação em Berque (supracitado) e em Duncan (2004). O primeiro autor esclarece que paisagem é o conjunto de marcas deixadas no espaço geográfico. No caso aqui, a paisagem urbana observada hoje é um conjunto de marcas deixadas ao longo de muitos anos, uma composição de estilos arquitetônicos de diferentes épocas, as quais são cristalizadas a partir da comunhão das análises sociais e da mobilidade histórica⁵. Já para Duncan (2004), a paisagem se estabelece como um sistema de criação de significados. Se as paisagens estudadas são constituídas por vários edifícios de várias

⁵ Massey (2008).

épocas, cada edifício, por sua vez, comporta um significado e uma carga de memória não estagnada. Em relação a isso, os edifícios históricos se sobressaem quanto à originação dos signos e quanto ao poder mnemônico, por possuírem uma mensagem particular (TUAN, 1980).

No caso dos objetos, ao longo das paisagens percebidas pelo observador, que compõem as várias edificações, nota-se uma diferenciação de arquitetura, algo que lhe chama a atenção. Essa atenção é motivada em virtude da existência da estética de tempos passados, da possibilidade de acessar memórias e histórias. Diante disso, considera-se o objeto estudado como uma composição da paisagem urbana – Colégio Estadual Regente Feijó, Estação Paraná e Vila Hilda – que se sobressaem no jogo da percepção. Ademais, é notória a motivação da sua percepção no contexto das suas paisagens, haja vista serem patrimônios legalizados no tombamento, ou seja, uma percepção *a priori*.

Desse modo, a geografia cultural é o subcampo da geografia que envolve o tema em tela e consegue desvendar os seus fenômenos, visto que o patrimônio é a construção identitária da coletividade estimulada pela cultura e pelo significado que gera.

Nessa perspectiva, observa-se a importante contribuição que a geografia cultural traz na abordagem do patrimônio cultural, pois ele é a expressão cultural que compõe o espaço geográfico historicamente construído, que destaca a relação do homem com o meio através da valorização que a sociedade lhe atribui a partir das interpretações simbólicas. A geografia cultural estuda ainda o sistema de criação de signos produzido pelo patrimônio, em que as interpretações não são únicas e possuem possibilidade de transformar os signos identitários culturais (DUNCAN, 2004). Então a geografia cultural estuda como a imaginação humana se constitui a respeito de um espaço vivido e experimentado dotado de significado.

Lefebvre (1976) considera o espaço vivido uma consequência das relações sociais ao longo da história, isto é, reflete o espaço geográfico como espaço vivido. Assim, trabalhar com o espaço vivido é trabalhar com a subjetividade, possibilitando que o pesquisador capte informações e significados, analisando de forma concomitante com o vivido, com o espacial e com o temporal.

1.1.1 Geografia das Emoções

O patrimônio cultural é constituído pelo simbolismo e este elemento, por sua vez, em grande medida, relaciona-se com as emoções, que necessariamente integram a vida humana e tocam a parte irracional do ser. As emoções influenciam os comportamentos dos homens, moldando suas escolhas e ações.

Emoções, sensações e sentimentos são palavras usadas no cotidiano, porém remontam a significados distintos. A sensação constitui-se de um fenômeno perceptual baseado nos sentidos do homem. Já sentimentos se caracterizam por um aspecto mais integrado e profundo ligado à avaliação individual vinculada à experiência do indivíduo. E as emoções, diferentemente, são as reações que fogem do controle do indivíduo quando em resposta a um acontecimento muito aguardado ou inesperado (CEZAR; JUCÁ-VASCONCELOS, 2016). Desse modo, os sentimentos constituem as contínuas emoções, que mudam de indivíduo para indivíduo (FURLANETO, 2014).

Furlaneto (2014) escreve que a valorização das emoções no campo acadêmico se deu graças à Charles Darwin, “[...] quando destaca o papel do medo ou do desejo no desafio das dificuldades ambientais e na luta pela sobrevivência”. A autora reconhece que o “[...] ‘sentir’ induz as pessoas a determinados itinerários de vida, às relações entre elas, aos vínculos com os lugares e, [...] torna-se uma forma de juízo relativamente autônoma da razão” (FURLANETO, 2014, p. 202).

Já o caráter geográfico das emoções começou⁶ com análises de Humboldt⁷, porém alguns pensadores se referiam a tais estudos como inúteis⁸, pois era uma época em que o racionalismo reinava nas ciências. Por isso a emoção nem sempre foi pauta no campo geográfico, por estar vinculada a uma reação instintiva do irracional humano. Todavia, Silva (2015) destaca que, quando se busca uma abordagem humanística (o homem como centro do estudo), deve-se levar em

⁶ FURLANETTO, Beatriz Helena. Geografia e emoções. Pessoas e lugares: sentidos, sentimentos e emoções. **Revista Geografar**. Curitiba, v. 9, n. 1, p. 200-218, jun. 2014.

⁷ Alexander von Humboldt (1769* a 1859†), geógrafo alemão viajante que ligava ideias românticas e sentimentais ao espaço que analisava (DAGNINO, 2008).

⁸ DAGNINO, Ricardo de Sampaio. A geografia de Alexander von Humboldt: diálogos entre arte e complexidade. **Revista Caminhos da Geografia**, Uberlândia/MG, v. 9, n. 26, p. 65-83, jun. 2008.

consideração a emoção individual perceptível daquele espaço, pois a interpretação humana das paisagens culturais está intimamente ligada às emoções.

Assim, a geografia emocional, ou das emoções, busca compreender a relação do homem com o espaço, para isso levando em consideração as emoções, que “[...] não se manifestam apenas no corpo e na mente, mas também são espaciais, isto é, certos lugares nos despertam determinadas emoções, boas ou ruins” (SILVA, 2015, p. 147). Para descrever essas emoções, Tuan (1980) criou os termos "topofilia" e "topofobia", respectivamente, sendo a topofilia o elo afetivo positivo entre o indivíduo e o espaço geográfico, e topofobia o elo negativo entre o indivíduo e o espaço.

A geografia emocional é uma geografia humanística inspirada, mais ou menos explicitamente, em diferentes doutrinas filosóficas, em especial a fenomenologia, o existencialismo, o espiritualismo e o pós-modernismo. As fontes das perspectivas teóricas aproximam-se do Movimento Romântico que influenciou a doutrina dos geógrafos do século XIX (pensamento oitocentista). Muito próxima à geografia da percepção e das abordagens semióticas e espiritualistas da geografia cultural, ela pode ser considerada como uma leitura de desenvolvimento recente. Esta tendência favorece atenção às emoções, aos sentimentos e às sensações como fontes de conhecimentos e representações da superfície da Terra, se posicionando, assim, além da racionalidade científica como núcleo da cultura ocidental. (ANDREOTTI, 2003, p. 99).

O patrimônio cultural é envolvido no manto geográfico emocional, pois ele tem capacidade de gerar emoções espaciais (essa é a essência deste trabalho), emoções positivas ou negativas que resultam na valorização positiva ou negativa desse patrimônio. Compreender o patrimônio e deixar as emoções de lado é negligenciar o estudo, pois as relações sociais são mediadas por sentimentos e por sensibilidade (ANDERSON; SMITH, 2001).

A geografia cultural contém a geografia das emoções. Isto é, as emoções são afetadas pelas ideias culturais, tornando-se produto delas. Por isso emoções e as ideias se autocompletam num movimento dialético. Daí a necessidade do reconhecimento das emoções como forma de saber e de analisar a ciência geográfica, pois ela se apresenta como instrumento de construção cultural, como também método de análise.

Assim, o patrimônio cultural se mostra como destaque da relação emotiva entre o meio e o homem em razão das variadas sensibilidades espaciais que desperta numa sociedade, visto que ele é a herança emotiva da coletividade.

1.1.2 Geografia das Percepções

O patrimônio cultural, sobretudo o patrimônio material, compõe o espaço geográfico e por isso é percebido pela sociedade. As percepções são motivadas por diversos contextos que revelam múltiplas percepções e a importância desse patrimônio para cada indivíduo.

Analisando isso, Corrêa (2000, p. 30) esclareceu que a geografia humanista está “[...] calçada nas filosofias do significado, especialmente na fenomenologia e no existencialismo [...]”, sendo que a fenomenologia, segundo Lencioni (2003), prioriza a percepção dos indivíduos a respeito do fenômeno. Desse modo, a análise da percepção dentro da corrente fenomenológica torna-se imprescindível.

Maurice Merleau-Ponty (1996) foi um filósofo francês que criticava as pesquisas baseadas no Empirismo e no Racionalismo. Para o autor, a fenomenologia da percepção é a base central de todo o estudo social. Ela é a tentativa de obter as experiências num dado espaço-tempo, considerando os fatos do mundo vivido e a relação dos indivíduos com o espaço (PEREIRA; CORREIA; OLIVEIRA, 2010).

A percepção percorre um caminho extenso e muito vasto dentro da ciência geográfica. Yi-Fu Tuan (1980) é um autor de destaque dessa linha. Ele desenvolveu um estudo trazendo os traços e as influências na percepção do meio ambiente, utilizando-se do conceito geográfico de lugar para compor essa análise. Assim, as percepções por ele defendidas também cabem ao conceito geográfico de paisagem.

Ao longo do seu texto, ele destaca que características são levadas em consideração para o resultado da percepção do meio ambiente: as cores, os sentidos humanos, o simbolismo, a individualização humana, a idade, a cultura, a originação espacial (visitante ou nativo), o conhecimento, a experiência, o estado de espírito e as emoções. A seguir essas características serão apresentadas e discutidas.

Sentidos humanos: Tuan (1980) destaca que a percepção é a combinação conjunta dos sentidos humanos: tato, olfato, paladar, audição e visão, e que só se consegue chegar a uma percepção correta da realidade quando ela é interpretada por todos os sentidos. Somente a visão não proporciona uma riqueza de detalhes, pois o indivíduo que observa fica restrito ao papel de espectador. Diferentemente, quem sente odores, escuta e toca, esse participa de forma mais completa, mais ampla, mais plural, daquela paisagem.

Cores: Como mencionado anteriormente, a percepção não é regida somente pela visão, porém esse sentido possui grande influência no resultado final da percepção. Por isso as cores simbolizam uma sugestão emocional do tipo quente/frio, longe/perto, tristeza/alegria, bonito/feio, etc. As cores claras indicam positividade, enquanto as cores escuras trazem sentido de negatividade (TUAN, 1980).

Simbolismo:

Um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Um objeto também é interpretado como símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. (TUAN, 1980, p. 26).

Determinadas paisagens dispostas no espaço geográfico trazem, em seu bojo, um discurso que sugere algo. No caso do estudo, a percepção das edificações produz uma ampla gama de significados, isto é, o discurso que delas emana desperta nas pessoas um simbolismo ligado tanto à história, quanto à arquitetura, à memória, à estética, etc. Disso decorre que a percepção dos aspectos simbólicos por vários indivíduos consegue revelar a importância simbólica que o objeto possui para a comunidade.

Além do mais, a própria arquitetura possui poder de discursar no espaço. Para Mello (2007), a construção arquitetônica possui capacidade de servir como símbolo, uma vez que dialoga com os indivíduos por conter um discurso. Por isso é notório que um edifício pode funcionar como símbolo – que é o caso –, pois carrega um discurso que sugere determinado momento histórico, uma cultura ou um estilo arquitetônico.

Individualidade humana: Cada indivíduo possui sua própria construção física e biológica, sendo a personalidade um traço de origem orgânica, em que as sensibilidades e os traumas emocionais são moldadas desde a infância. O homem nasce homem biologicamente falando, mas para ele desenvolver a sua individualidade no espaço e, para isso, é preciso que haja uma apropriação e objetivação dos bens culturalmente produzidos. Essa apropriação ocorre mediante as relações sociais (XAVIER; FACCI, 2011):

É necessário considerar a indissolúvel unidade entre o indivíduo e o gênero humano, de modo que o homem apenas se individualiza por meio do processo histórico-social. A realização humana se dá por meio da história construída, desenvolve-a a partir de condições biológicas e sociais. A atividade humana engendra um conjunto de processos pelos quais o

indivíduo adquire existência psicológica, desenvolvendo sua personalidade à medida que faz, pensa e sente. (XAVIER; FACCI, 2011, p. 5).

Nesse sentido, a individualidade humana é construída pelas relações sociais. Em razão disso, quanto maior a sociabilização do indivíduo, maior será o seu processo de individualização, pois a interação com a coletividade fornece um leque de opções a serem decididas e acolhidas. Assim, a percepção do patrimônio leva em consideração a individualidade humana, visto que cada ser humano é singular e único; assim como a contextualização dele com o lugar e com a história desse lugar.

Idade: Tuan (1980) traz com eloquência a descrição da grande diferença de percepção quando se trata das faixas etárias humanas. A diferenciação da percepção está inserida na capacidade dentro de cada ciclo de idade. Um infante, como ele chama, não possui a mesma capacidade de perceber o meio ambiente como um adulto. Para o autor, o discurso do mundo está proporcionalmente ligado à idade, segundo o que, quanto mais velho o indivíduo, maior é o seu poder de resposta. Diante disso, os patrimônios são percebidos com maior vivacidade pelos idosos, pois, por hipótese, um maior tempo de experiência propicia o aprofundamento dessa percepção.

Cultura: Não distante da questão da idade, a cultura também se caracteriza como elemento diferenciador na percepção do patrimônio. Os comportamentos, as técnicas, os valores e, principalmente, os hábitos se distinguem entre os grupos sociais, por isso a percepção se torna múltipla e variada, assim como a cultura. A preferência de um indivíduo é examinada mediante fatores como “[...] herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos” (TUAN, 1980, p. 68). As pessoas não percebem uma mesma paisagem da mesma maneira, nem mesmo quando fazem parte do mesmo grupo social, pois a realidade se apresenta com várias impressões. O que pode ocorrer é a concordância de interpretações do grupo social em virtude do mesmo segmento cultural utilizado.

Originação espacial (visitante ou nativo): A percepção da Vila Hilda por um ponta-grossense nato é geralmente diferente da percepção alcançada por um turista: “O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente” (TUAN, 1980, p. 72). O visitante possui uma percepção reduzida ao aspecto estético, pois ele não absorve o discurso implícito do meio ambiente. Já o nativo aspira todo o arsenal

simbólico e, assim, a sua percepção se torna mais complexa quando comparada com a do visitante.

Conhecimento histórico e patrimonial: O conhecimento histórico e patrimonial molda a percepção do patrimônio na condição de elevá-lo a camadas superiores de contemplação. O agente que vivenciou ou conhece a história e/ou compactua positivamente em prol do legado cultural, esse agente percebe esse patrimônio com mais clareza de detalhes, consegue expor as suas frustrações e as suas angústias, as suas fraquezas e os seus temores, as suas satisfações e as suas exaltações em relação a esse objeto cultural.

Experiências:

Tuan ainda esclarece que a percepção:

[...] é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. (TUAN, 1980, p. 4).

Nessa linha, a percepção é regida pela subjetividade singular, em que cada indivíduo possui a sua e varia de acordo com as suas experiências, visto que as pessoas interpretam de forma distinta os discursos das edificações. Tomando a temática como partida, a experiência está ancorada na memória e no conhecimento. A percepção de um indivíduo em relação ao objeto é distinta da de outro porque as suas experiências prévias não estão em consonância com as experiências do outro e, assim, tampouco há consonância quanto ao tanto de conhecimento de cada um. Essa distinção ocorre, então, devido à multiplicidade de interpretações possíveis diante de um mesmo discurso.

Emoções: As emoções se caracterizam como determinantes no jogo da percepção, visto que ambas (emoção e percepção) se entrelaçam quando da interpretação final a respeito do patrimônio. Os discursos emanados dos patrimônios geram emoções nos indivíduos que os recebem: tristeza, alegria, nostalgia, etc.

A relação familiar com o patrimônio proporciona um sentimento mais complexo que a mera relação ocasional, isso porque a vivência rotineira está intimamente ligada à memória, sendo essa uma das modeladoras dos sentimentos humanos. Um aluno que estudou ou estuda no Colégio Estadual Regente Feijó provavelmente o sentirá com mais fervor que uma pessoa que não estudou, pois carrega recordações que

incitam os seus sentimentos – e esse é um componente subjetivo de que o mero expectador não dispõe.

Além da memória, o plano visível influencia as emoções do expectador diante dos patrimônios edificados. Certos espaços são repelidos pela sensação negativa que geram e outros, aproximados pela sensação positiva. Essas sensações são chamadas, por Tuan (1980), de topofobia e topofilia, respectivamente. Assim, um beco escuro, estreito, pode despertar medo e desconforto, enquanto que uma praça bem arejada, com árvores e bancos, pode proporcionar satisfação e alegria.

Para Souza (2013), o estado de espírito das pessoas interfere nas sensações despertadas. Um indivíduo que esteja triste, mal-humorado, possui maior probabilidade de perceber o patrimônio edificado a partir de seus defeitos, mas, se estiver alegre, bem-humorado, a probabilidade fica contida nas qualidades.

Assim, essas são contingências subjetivas à percepção das pessoas diante de patrimônios culturais, sobretudo os edificados. Um patrimônio possui forma e aparência, cores vibrantes e ofuscantes ou não, possui som, cheiro e sabor, é experienciado por várias culturas e de várias maneiras, ou seja, ele é a forma palpável das memórias e dos sentimentos – ele é o que o homem quer que ele seja.

1.1.3 Geografia das Representações

Patrimônio cultural é resultado de diversos processos realizados pelo homem no espaço geográfico, processos esses com potencialidade quanto à geração de diversas representações sociais.

Nesse contexto, a representação social é uma modalidade particular de conhecimento. Trata-se de um conhecimento específico cuja função consiste em elaborar comportamentos e estabelecer um determinado tipo de comunicação entre os indivíduos. A representação é um corpo organizado de conhecimentos e uma atividade alternada, em que os homens se integram à realidade física e social, dando asas ao seu imaginário (BOMFIM; ROCHA, 2012).

Nogueira (2002) retrata ainda que as representações variam de indivíduo para indivíduo, pois, assim como as percepções, também sofrem influências subjetivas; tais fatores são moldados na particularidade do ser, sendo as suas combinações físicas, sociais e biológicas as suas determinantes. Por isso, as representações são formadas a partir da percepção da paisagem pelo indivíduo e assim “[...] fornecem pistas

valiosas à compreensão do significado de determinada paisagem” (NOGUEIRA, 2002, p. 74). Assim, “[...] uma representação é construída em torno de objetos precisos, reais ou imaginários, sejam eles: ideias, teorias e acontecimentos” (BOMFIM; ROCHA, 2012, p. 14).

As representações sociais estão radicadas nas reuniões públicas, nos cafés, nas ruas, nos meios de comunicação, nas instituições sociais e assim por diante. Este processo em que elas se incubam, se cristalizam e são transmitidas. É no encontro público de atores sociais, nas várias mediações da vida pública, nos espaços em que sujeitos sociais reúnem-se para falar e dar sentido ao cotidiano que as representações sociais são formadas (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 40).

No entender de Bomfim e Rocha (2012, p. 19), as representações sociais se apresentam como forma de apreender as “[...] relações emocionais e afetivas, de atração e de repulsa na relação sujeito e objeto”. Já no entender de Nogueira (2002), a compreensão da percepção individual da paisagem está intimamente ligada às representações que ela desperta. Nesse contexto, a representação social passa a ter papel de destaque nas ciências.

A noção de representação passa a ter grande importância em algumas pesquisas geográficas que enfocam a percepção ambiental, já que é a partir de sua análise e do entendimento da dinamicidade das representações que se torna possível compreender o processo da percepção ambiental dos indivíduos e grupos, bem como algumas atitudes perante o espaço (NOGUEIRA, 2002, p. 71).

Furini (2013, p. 3) estabelece a importância da busca da ciência geográfica para compreender as representações sociais, pois, “[...] embora possam ser investigadas sem a ênfase espacial, as representações sociais são geradas segundo lógicas espaciais”. Desse modo, a geografia das representações se preocupa, então, em desvendar a relação do homem com o espaço geográfico levando em consideração as suas propriedades de representação, visto que o espaço possui objetos materiais e imateriais que despertam o imaginário subjetivo do indivíduo, o qual realiza a organização significativa e atribui sentido a esse objeto.

Diante dessa organização significativa, a representação espacial pode gerar signos, sendo eles elementos que gritam uma mensagem posta num texto não verbal, ou seja, é “[...] aquilo que representa algo ou alguma coisa para alguém” (COELHO NETO, 1996, p. 10).

A fim de compreender essa mensagem subliminar, surgiu, no século XX, a semiótica. Trata-se de uma ciência que se preocupa com todo tipo de linguagem com o intuito de dominar o âmbito da interpretação dos signos (ROCHA, 2003).

Como a mensagem é falada (abstratamente) de diversas formas, pois os observadores são diversos e as suas percepções são movidas subjetivamente, as interpretações também ocorrem de diversas formas. Por isso, um signo pode ser elencado como um índice, um ícone ou um símbolo. O índice é o signo representativo que sugere causa e realiza uma reação a quem o vê. O ícone leva em seu bojo a analogia, sendo um signo cujo significado é análogo ao que representa. E, enfim, o símbolo é signo que detêm uma linguagem universal e com capacidade de representar um grupo de indivíduos. Assim, Epstein (1991, p. 62-63) se expressa assim a esse respeito: “[...] ícone tem uma relação de semelhança com seu objeto, o índice tem uma relação de causalidade com seu objeto e o símbolo tem uma relação convencional com seu objeto”.

Ante o exposto, é determinante fixar o entendimento de que o patrimônio cultural possui papel de destaque dentro do mundo das representações espaciais. Ele consegue estimular o imaginário do indivíduo com diversas representações as quais sintetizam a relação convencional. Assim, o patrimônio cultural é símbolo, consciente ou inconscientemente, de determinado grupo social, visto que é signo que os representa socialmente, culturalmente, politicamente, economicamente e historicamente. Diante disso, compreender a temática das representações e, por consequência, a semiótica, torna-se imprescindível para este estudo, visto que, a partir da pesquisa de campo, os signos serão exaltados não somente na forma verbal, mas também na forma não verbal, constituída de gestos, de sinais e de emoções.

1.2 PATRIMÔNIO CULTURAL

Patrimônio deriva de *pater* ("pai", em latim), e seu significado inicial fazia referência aos bens das famílias do patriarcado romano. As primeiras ideias ligadas ao que se chama de patrimônio hoje foram formuladas em meados do século XIX, na Itália, no período conhecido como *Quattrocento* (CHOAY, 2006), quando estudiosos começaram a manifestar interesse nos monumentos antigos. Com o passar dos anos foi empreendida uma ampla busca por heranças greco-romanas (VILLELA, 2017).

A mesma autora informa, porém, que “[...] o fascínio pelas ruínas clássicas como algo sublime e inalcançável iria ser substituído pela abordagem científica dos estudos acerca da Antiguidade” (VILLELA, 2017, p. 12). Mesmo assim, nesses tempos de "caça" aos vestígios do legado greco-romano, ainda eram praticamente incipientes as ações do que atualmente se entende por "preservação".

As primeiras preocupações nesse quesito ocorreram no fim do século XVIII na Europa, principalmente na França. Foi então que, em 1789, se chegou à ideia de patrimônio, todavia com significado de pertencer à classe dominante. Essa noção elitizada muda com o modernismo positivista.

Somente décadas depois a concepção atual de patrimônio cultural teve origem, isso em meados do século XIX, quando, na Europa, surgiram as primeiras leis que a regulamentassem (CHOAY, 2006). Para Chauí (2006), a ideia de patrimônio surgiu no momento da formação das nações, sendo a "nação" considerada o primeiro patrimônio de cada povo, pois continha a noção de pertencimento

Com o passar dos anos, o conceito de patrimônio cultural adquiriu importância significativa no mundo, ampliando-se da valorização às obras artísticas do passado ao conjunto de bens culturais referente às identidades e às memórias coletivas. Com isso, os costumes, as tradições, as paisagens, as arquiteturas, as expressões culturais, entre outras manifestações – incluindo as classes populares –, passaram a ser considerados patrimônios culturais (MONASTIRSKY, 2006).

Para Almeida (2013, p. 189), os bens culturais “[...] constituem um componente atual do território e da paisagem e trazem, em seu bojo, razões de ordem espiritual, moral, motivos práticos que uma sociedade ou parte dela compartilha”. Determinados bens culturais são, portanto, constituídos de valorização e, por isso, se tornam importantes e imprescindíveis. Essa valorização abstrata faz com que a sociedade –

em muitos casos, especificamente a população mais madura e alguns governos, queiram perpetuá-los no tempo e torná-los uma herança comum a todos.

De acordo com Abreu (2003), os bens culturais se distinguem em materiais e imateriais⁹, sendo este último um conceito que somente agora se está entendendo melhor no Brasil. Nessa linha de raciocínio, Johansen (2015) esclarece que o leque de bens patrimoniais é também integrado pelas ações e pelas práticas coletivas próprias da história de uma sociedade. A partir desse entendimento, o patrimônio imaterial pressupõe o patrimônio material:

Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas, etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. A proposta é no sentido de "registrar" essas práticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações. (GONÇALVES, 2003, p. 24):

Para Fonseca (2003), esse grupo de bens imateriais recebeu enfoque de proteção, dentro do sistema legislativo brasileiro, a partir do Decreto Presidencial nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Já os bens culturais materiais foram legitimados a partir do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, portanto mais de 60 anos antes:

Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN).

Com isso, a Constituição Federal de 1988¹⁰ (2017), em seu artigo 216, traz como definição do patrimônio cultural brasileiro:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
I - as formas de expressão;
II - os modos de criar, fazer e viver;
III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
IV - as obras, os objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

⁹ Nessa categoria estão incluídos os tesouros vivos, que são pessoas/mestres que proporcionam a produção e a preservação do saber fazer da arte tradicional (ABREU, 2003).

¹⁰ Atividade Legislativa. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/com1988_05.10.1988/art_216_.asp>. Acesso em: 19 set. 2017.

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 2017, s/p).

Dessa maneira, em seus incisos, o artigo 216 da Constituição Federal descreve ambas as categorias do patrimônio cultural (imaterial e material) e também determina o seu acautelamento. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, criado em 1937, é o órgão do Ministério da Cultura que possui competência para debater assuntos relativos ao patrimônio (IPHAN, 2017), principalmente concernentes à preservação. Todavia, não é somente mediante o registro ou o tombamento que determinado bem cultural se torna patrimônio cultural. O próprio reconhecimento da sua importância pela sociedade lhe transfere inclusão nessa categoria (DROPA et al., 2012).

É importante esclarecer as diferenças entre "preservação" e "conservação", visto que são palavras antônimas, embora se complementem a partir do pressuposto de que ambas expressem intervenções no patrimônio cultural. Para Barreto (2000), a concepção da palavra "preservação" está ligada ao ato de “[...] proteger, resguardar, evitar que alguma coisa seja atingida por outra que possa lhe ocasionar dano” (p. 15). Já o significado da palavra "conservação" está conectado ao ato de permanência no tempo, ou seja, “[...] preservar o patrimônio implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar o patrimônio implica integrá-lo no dinamismo do processo cultural” (p. 15). A conservação faz parte do rol de princípios específicos de preservação do patrimônio, e se insere como elo material mais próximo do diálogo entre o passado e o presente, pois perpetua as características do patrimônio no tempo.

Conservar e restaurar são formas de retardar a destruição do passado, porém a conservação possui função permanente, enquanto a restauração possui função excepcional, que deve ser usada quando observada a verdadeira importância na intervenção na obra arquitetônica e isso deve ser marcado de forma ostensiva.

É imperioso que se possa, num relance, distinguir a inautenticidade da parte restaurada das partes originais do edifício, graças a uma disposição engenhosa que recorra a múltiplos artifícios: materiais diferentes; cor diferente da do original; aposição de inscrição e de sinais simbólicos nas partes restauradas, indicando as condições e as datas das intervenções; difusão, local e na imprensa, das informações necessárias, e em especial fotografias das diferentes fases dos trabalhos; conservação, em local próximo do monumento, das partes substituídas por ocasião da restauração. (CHOAY, 2006, p. 166).

Visto isso, o patrimônio histórico cultural começa a ser lapidado a partir do momento em que a sociedade passa a atribuir valor simbólico para coisas e/ou ações dessa sociedade – sobretudo aquelas que possuem memória social e, por isso, constituem um bem cultural¹¹. Tais valores são resultantes de práticas culturais contidas nas relações sociais que se estabelecem com e no espaço em um determinado tempo histórico, com influência do modo de produção capitalista. Nesse contexto, as relações que dão sentido ao patrimônio não serão as mesmas que perpetuarão seu valor, em virtude de serem únicas e se modificarem no tempo e no espaço. Vale dizer que uma dada valorização pode ocorrer hoje em uma determinada região, mas, em outra, não, podendo, mesmo assim, ocorrer que esse cenário se inverta com o passar dos tempos. Diante disso, o patrimônio não possui valorização pela eternidade nem necessariamente por todos, pois as relações sociais contidas no espaço geográfico são singulares.

Para Bourdieu (1998), pelo motivo exposto acima, o patrimônio cultural sofre uma dominação simbólica, isto é, os sistemas simbólicos legítimos num dado espaço-tempo social são construídos e operados por grupos que conseguiram se colocar em posição dominante, e isso por meio da estruturação do capital, não sendo imutável. Assim, sua cultura torna-se dominante, mas não superior.

Nesse quesito, Monastirsky (2006) descreve que o patrimônio sofre percalços negativos do modo de produção capitalista. O primeiro ponto a considerar a partir desse conceito é o do processo de escolha, preservação e uso dado ao patrimônio, que geralmente está baseado na ação da elite dominante, sendo a valorização, muitas vezes, não fidedigna, e sim uma imposição forçada do capital, que quer estabelecer sua cultura como superior em detrimento da cultura das outras classes. Pode ainda estabelecer, nessa análise, o discurso competente que Chauí (2001) traz em sua obra

¹¹ Todo patrimônio cultural possui imaterialidade -simbologia e memória (FONSECA, 2003).

"Brasil, Mito Fundador e Sociedade Autoritária", em que alega que a comunidade vive a história dos vencedores – o “Brasil fundado” –, esquecendo a história de toda a sociedade.

Além disso, grande parte da população brasileira deixa o sistema simbólico ditar o que é importante, em virtude do baixo percentual de escolarização/educação – neste caso, também da inexistente ou deficiente educação patrimonial. Conforme Guimarães (2017), os programas e as políticas públicas de incentivo ao conhecimento do patrimônio cultural no Brasil estão em fase de implementação, mas ainda se encontram bem abaixo do esperado em relação aos países centrais, e isso acarreta a permanência de um analfabetismo patrimonial¹². O retrocesso é percebido no processo cultural e social atual, visto que grandes símbolos da história, memória, cultura e arquitetura estão sendo destruídos por negligência da população brasileira e dos governantes¹³.

O segundo ponto de que Monastirsky trata é o turismo. Baseado em Choay (2006), o autor afirma que o turismo pode ser bom, no sentido de auxiliar a preservar o patrimônio, mas pode ser ruim se esse processo apenas atender a interesses do capital, caso em que um bem cultural é utilizado como oportunidade propícia ao lucro. Assim, o turismo estaria desvinculando o patrimônio do seu valor simbólico ou transformando-o conforme a conveniência econômica:

Se a preservação do patrimônio se realiza em função exclusiva do turismo, obtém-se uma lembrança favorável única, estabelecendo-se uma versão desse patrimônio que atenderá tão somente aos interesses do turismo, com o risco desta versão se solidificar com o tempo, impossibilitando, assim, a oportunidade de novas descobertas e interpretações. (MONASTIRSKY, 2006, p. 31).

A transmissão do patrimônio cultural está vinculada às interpretações, especialmente as relativas à memória, e não a fôlderes turísticos, que podem ser enganosos. Entretanto, não é somente negativamente que o turismo se une ao patrimônio. Méo (2014) indica essa união como vantajosa quando retrata a

¹² Dropa e Oliveira (2015) retratam isso como violência simbólica e trazem como exemplo a cidade de Ponta Grossa/PR, que sofre a dominação simbólica pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (Compac), pois a comunidade não possui interesse e conhecimento no tema.

¹³ O ano de 2018 foi marcado pela perda irreparável de parte do Museu Nacional do Rio de Janeiro, sendo motivada por negligências por parte do poder público.

potencialidade do turismo em relação ao desenvolvimento do conhecimento a respeito do legado cultural e identitário de uma sociedade.

Desse modo, cabe ao turismólogo, como também aos agentes envolvidos no turismo, compreender que o patrimônio cultural não é somente uma máquina que gera capital, mas é, antes de mais nada, uma máquina que proporciona múltiplas memórias e sentimentos, e que, por isso, a interpretação subjetiva é fundamental.

Deve-se entender, portanto, que patrimônio cultural é aquele bem cultural, material ou imaterial, que possui importância significativa (mnemônica, arquitetônica, histórica e/ou artística) para a sociedade, e que, por essa razão, deve ser preservado. Sabe-se que grande parte da população sente (emoção e memória) essa importância, mas não compreende a essência da seriedade em preservar ou, ainda, não compreende esse sentimento como importante, isso porque a construção sociocultural brasileira ainda não é moldada para esse conhecimento. Por esse motivo, o capitalismo, que já se demonstra como fator que gera consequências negativas nesse tema, se fortalece e toma mais espaço.

1.2.1 Memória individual/social e o patrimônio cultural

Quando se fala em patrimônio cultural, imediatamente se o associa ao conceito de memória, em razão da relação inseparável de ambos. O patrimônio (tanto material quanto imaterial) é o meio que capacita aos indivíduos a estimulação da memória, constituindo-se como testemunho colaborador das lembranças; e a memória, por sua vez, é o que dá sentido ao patrimônio cultural.

Para Halbwachs (1999), a memória é uma reconstrução do passado a partir do presente. Essa reconstrução ocorre por um processo de seleção de acontecimentos/episódios passados. Por essa seleção, o que se conserva são os fatos efetivamente marcantes do passado, visto que é impossível armazenar tudo o que aconteceu.

Já para Nora (1993), memória é ferramenta de preservação e de continuidade do significado do passado eternizado pela lembrança. Nesse sentido, a memória faz com que esse algo que não existe mais, exista, mesmo que somente na lembrança do indivíduo. Para ele, colaborar com a preservação da memória é bloquear o esquecimento da lembrança do passado. O mesmo autor esclarece a diferenciação entre história e memória. Ambas se distanciam à medida que a memória toma para si

a possibilidade irracional da transformação no tempo, pois ela é lembrança e esquecimento, e, em razão disso, não se apresenta de forma cronológica e ordenada como a história.

Assim, memória é a capacidade humana de conservar acontecimentos e experiências marcantes do passado, tanto positivamente quanto negativamente, e retransmiti-los a outras pessoas por meio de diversas bases empíricas. Desse modo, essa retransmissão de experiências pode ser carregada do esquecimento verídico dos fatos, todavia não deixa de ser memória.

Sua construção é particular a cada indivíduo (memória individual), mas se manifesta como resultado do ponto de vista sobre a memória do grupo social (memória coletiva), pois a memória individual se apoia não somente “[...] sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros” (HALBWACHS, 1999, p. 25), sendo ela, então, um fragmento da memória coletiva. Dessa forma, mostra-se como sendo um fenômeno coletivo que depende das lembranças do grupo social (HALBWACHS, 1999).

O indivíduo constitui a memória pelo seu imaginário moldado nas experiências passadas. Ele pode, porém, utilizar-se de objetos que suportem e sustentem tal memória. Esses objetos, por sua vez, podem configurar-se como patrimônio, por terem tido extrema relevância no passado. Seu valor não é de uso, mas, sim, um valor por ser algo concreto e palpável mais próximo do passado que não quer se esquecer (MONASTIRSKY, 2006).

A memória, indispensável para o sujeito, efetiva-se de forma subjetiva, porém se utiliza, em alguns momentos, de objetos concretos para a sua sustentação. O indivíduo precisa guardar, arquivar, registrar fatos, momentos, sensações que possibilitem a percepção de identidade, em um processo que tem como orientação a continuidade e a permanência coletiva. (MONASTIRSKY, 2006, p. 25).

A memória é constituída também de lugares e paisagens, que são “[...] aquilo que se permite ser diferente ou complementar à história. Possui uma representatividade própria, identidade única” (MONASTIRSKY, 2006, p. 25). Esses espaços possuem essência mnemônica e, por isso, devem ser preservados. Deve-se, entretanto, evitar a banalização quanto à preservação, devido à existência de muitos desses espaços. Por esse motivo, é necessário que as escolhas das memórias sejam um processo democrático que envolva a memória social, visto que há,

necessariamente, uma importância social e cultural envolvida no “lugar de memória” e no patrimônio cultural (MONASTIRSKY, 2006).

O patrimônio mostra-se como objeto e ferramenta de preservação e de aproximação da memória. Ele é o resultado do significado despertado pela comunhão das lembranças do passado. Ele surge a partir das memórias individuais, mas se fortalece como tal na soma das memórias coletivas. O seu papel “[...] não é a fixação de memórias, mas sim, a produção de memórias” (GUIMARÃES, 2017, p. 34), não sendo apenas um produto imagético. Preservar o patrimônio é suscitar-lo a diversas interpretações mnemônicas que são influenciadas umas pelas outras, como supracitado. O seu reconhecimento “[...] se estabelece pela identificação dos seus significados. [...] O valor simbólico que é atribuído aos objetos decorre da importância que lhes atribui a memória coletiva” (MONASTIRSKY, 2006, p. 18) e é essa memória que legitima o patrimônio cultural.

1.2.2 Patrimônio cultural e arquitetura

Desde os primórdios, o homem necessitou de espaços particulares para se abrigar dos perigos que o circundavam. Com o passar das eras, os abrigos se tornaram cada vez mais aprimorados, dotados de tecnologia, de estética e de utilidade, moldados, nos diferentes períodos históricos, com os materiais disponíveis nos diversos espaços de instalação e segundo a originalidade dos costumes de cada civilização.

Nesses inúmeros caminhos da humanidade, os conhecimentos de arquitetura foram ampliados, de forma a moldar os espaços do homem da melhor forma possível, considerando materiais, utilidade e estética. A arquitetura, assim, se instituiu como disciplina com intuito de promover a melhor intervenção no meio ambiente, quase sempre com determinada intenção plástica de adequar o espaço para atender às necessidades imediatas ou às expectativas programadas (LEMOS, 2007).

Para Zevi (1996), a arquitetura centra a sua atuação no contexto tridimensional, sendo uma atividade artística desenvolvida no espaço geográfico em que o homem é o principal agente. A compreensão do valor dessa atuação deve vir acompanhada da compreensão do espaço, pois é ele o seu protagonista. É através do espaço que a

arquitetura passa da forma abstrata para a forma concreta¹⁴, e o espaço, por sua vez, é moldado pelo homem culturalizado, que torna a arquitetura um produto cultural.

Assim, não basta compreender a estética, a forma e a utilidade de uma edificação. Deve-se ir mais fundo e buscar compreender a sociedade, os costumes, os comportamentos, as técnicas utilizadas, o período em que foi concretizada a obra no espaço, para assim chegar ao seu valor mais fidedigno com a realidade.

Lemos (2007) ainda destaca que a arquitetura é caracterizada pelo que chama de "partido". Entende por partido um complexo de fatores envolvendo a técnica construtiva, o clima e as condições físicas e topográficas do local da construção, além do programa de necessidades, das condições financeiras de que dependeu e a que se destinou, bem como também a legislação vigente da época.

Hegel (2002), em uma visão filosófica, descreve a arquitetura como uma forma de arte simbólica, pois a sua forma indica os significados exteriores do ambiente. Ela fornece aos indivíduos possibilidades de interpretações dos significados, em que o conteúdo caminha concomitantemente com a forma, podendo ser atribuído a tal interpretação o simbolismo.

No mesmo traço, Artigas (2003) traz a arquitetura como um símbolo de uma sociedade, de uma cultura e de um período:

Os arquitetos, [...], querem que a obra seja a expressão da época em que eles viveram. Transporta-se para a cidade e passam a ter responsabilidade sobre as formas que ela vai assumir, bem como com o papel que cada edificação representará no ambiente urbano. (ARTIGAS, 2003, p. 217).

Dessa maneira, a arquitetura se mostra como profissão imbuída de qualidades com intuito de proporcionar uma satisfação (funcional, estética e espacial) quanto ao desenho de novos espaços. Esse desenho de novos espaços é lapidado pelos fatores que compõem o partido, ou seja, pelos fatores determinados pela cultura, pela civilização, pelo momento histórico e pelos elementos componentes do espaço local, tornando-se, assim, um símbolo, pois representa uma cultura, uma civilização e um período.

Conforme Chauí (2006), a arquitetura, composta pelas edificações, pode ser nomeada como patrimônio cultural quando marcar algum estilo arquitetônico que desapareceu e/ou “[...] cujos exemplares devem ser conservados a título de

¹⁴ O autor escreve que a realidade arquitetônica é a essência espacial (ZEVI, 1996).

lembrança do passado da coletividade” (CHAUI, 2006, p. 114). Essas edificações passam a ser, então, forma concreta do diálogo entre o passado e o presente a respeito dos símbolos e das representações do passado. Por isso a arquitetura, pelos elementos representativos que consegue implantar numa edificação, é capaz de nortear e lapidar a esfera sentimental do homem.

Segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR), é imprescindível o acompanhamento de um profissional de arquitetura e urbanismo quando da preservação de edificações e/ou de espaços urbanos a que se atribui o mérito de patrimônio cultural. Esse colegiado profissional, por seu conhecimento teórico e por sua capacitação técnica para esse adequado acompanhamento, pode decidir pelo tombamento¹⁵ da edificação ou por outras formas de preservação¹⁶. Esses instrumentos legais de preservação são executados pela administração federal, estadual ou municipal, podendo ser solicitados por qualquer pessoa, seja ela física ou jurídica.

No Brasil, assim como em todo o mundo, há inúmeras arquiteturas que se caracterizam como importantes e imprescindíveis expressões culturais materiais no espaço, e por isso são nomeadas de patrimônios edificados.

Assim, a arquitetura manifesta-se como uma das disciplinas capazes de desvendar os fenômenos relativos ao patrimônio edificado, visto que ela é detentora das habilidades em edificar. É, portanto, imprescindível trazer e compreender a arquitetura para os estudos relativos ao patrimônio cultural edificado, pois a forma como o patrimônio se apresenta no espaço geográfico decorreu dos esquemas de percepção e de ação dos arquitetos que projetaram a edificação.

1.2.3 Patrimônio cultural, arquitetura e arte

Todos compreendem que a arquitetura está ligada ao ato de construir combinado com a criação de beleza. Mesmo assim, há de se considerar, todavia, que o belo implica um caráter individual, pois o que é belo para o arquiteto pode não ser

¹⁵ Os termos "tombamento" e "livro de tombo" estão ligados com a tradição portuguesa de registrar os bens culturais no Arquivo Nacional Português, que se localizava na Torre do Tombo, em Lisboa, onde eram guardados documentos importantes.

¹⁶ O historiador também detém papel importante quando se trata da história vivida na edificação.

belo para outrem. E, quando se fala em beleza, fala-se em estética, pois ambas estão conectadas e constituem os destaques do campo artístico (LEMOS, 2007).

Para Lukács (1978), a estética está ligada à concepção teórica da arte, sendo essa última uma reflexão sobre a realidade objetiva. Em outras palavras, o autor entende que o indivíduo compreende como arte tudo aquilo que está conectado à sua realidade, negando à arte um caráter universal. Essa conexão, realidade *versus* arte, influencia o ponto de vista estético, que é fixado na particularidade, na individualidade.

Nessa mesma trajetória, Hegel (1999) elenca que a ideia de belo não é uma análise subjetiva, mas, sim, um julgamento da realidade objetiva do indivíduo. E que a arte envolve três determinações:

1. A obra de arte não é um produto natural, mas é produzida pela atividade humana.
2. Ela é feita essencialmente *para* o homem e, na verdade, extraída em maior ou menor grau do sensível, pois se destina aos *sentidos* do homem.
3. Ela possui uma *finalidade* em si mesma. (HEGEL, 1999, p. 47-48).

Nessa reflexão a respeito de arte, Hegel (2002) classifica a arquitetura como arte particular, assim como a pintura e a escultura, e as outras artes. No mesmo entendimento seguem Lemos (2007), Artigas (2003), Niemeyer (2003) e tantos outros autores, evidenciando, cada vez mais, a arquitetura como uma produção humana feita com o intuito de estimular a sensibilidade e com finalidade própria.

Com certa restrição, contudo, Colin (2011) e Zevi (1996), mesmo configurando a arquitetura como arte, elencam que nem toda arquitetura pode ser caracterizada como arte. Eles entendem que a arquitetura pode ser conceituada como tal somente quando tocar a sensibilidade do indivíduo, quando despertar a vontade de ser contemplada, percebida, analisada e interpretada.

Entretanto, a atração individual que a arquitetura possa despertar no sujeito não a configura como patrimônio cultural. Esse fascínio individual ocorre a partir de elementos particulares e de maneira singular, o que não constitui, por si só, o efeito de patrimônio cultural, visto que esse efeito só resulta quando a valorização lhe é atribuída por uma coletividade. Ademais, nem sempre a arquitetura se torna forma espontânea de contemplação, seja individual, seja coletiva. Não por ela não ser sensível ou atraente, mas devido à sua presença localizada e obrigatória, isto é, por ela ser uma arte que o indivíduo não pode evitar, por estar ali, exposta na rua, no cotidiano, de forma frequente. Também é por isso que o público em geral não a versa como arte, por ser comum e de fácil percepção (COLIN, 2011).

Em função disso, deve haver, antes de mais nada, um aprimoramento da concepção da população a respeito de determinada edificação arquitetônica ser arte ou não, pois ela não é menos ou mais importante por estar nas ruas e não exposta em museus. O indivíduo leigo compreende que uma pintura exposta em um ambiente museológico se destaca como arte e possivelmente constituindo um patrimônio, mas dificilmente configura como arte no caso de uma arquitetura centenária disposta em seu bairro.

Nessa perspectiva, o patrimônio cultural aparece como um canal facilitador que revela a arquitetura como arte, pois é através dele que é efetivada maior possibilidade de a sociedade percebê-la como tal. A intitulação de uma edificação como patrimônio a eleva a um patamar de contemplação diferenciada, ou seja, diante dela o indivíduo se perguntará sobre as características e os elementos que a constituem como patrimônio e o que a torna importante em comparação a outras edificações. É desse modo que esse indivíduo volta a percepção a outro ângulo com uma ênfase mais artística.

Na outra face da moeda ocorre o espaço geográfico com arquiteturas que são contempladas e vistas como arte por grande número de indivíduos. São as chamadas obras-primas. Elas vão além da excelência estética. São obras históricas que marcam a humanidade pelos nomes dos profissionais que elaboraram os projetos ou propriamente as executaram. São, pois, obras distinguidas por sua grandiosidade artística (COLIN, 2011). Essas obras vão além da questão arquitetônica, marcam a história, a memória e a identidade da sociedade pelo seu poder artístico. Por isso são detentoras de importância e intituladas de patrimônio cultural edificado.

Diante do exposto, todo patrimônio edificado é obra artística, já dizia Mário de Andrade¹⁷ (GIOVANAZ, 2002). Em primeiro ponto, essa afirmação é válida por configurar as diretrizes sobre a arte de Hegel (1999). Em segundo, por ser obra alicerçada na sensibilidade da memória e por isso despertar a vontade de ser contemplada, culminando nos preceitos de arte de Colin (2011) e de Zevi (1996). E, em último ponto, por ser expressão artística valorizada pela sociedade, ou seja, uma arquitetura que se destaca das outras e, por isso, se configura como obra de arte.

¹⁷ Um dos formuladores do anteprojeto de criação do SPHAN (GIOVANAZ, 2002).

1.2.4 Patrimônio cultural e o *flâneur*

A figura do *flâneur* merece destaque quando se trata da percepção do patrimônio edificado. É o indivíduo que se interessa pelas obras arquitetônicas que formam a paisagem da cidade. A teoria benjaminiana revela a concepção do personagem urbano *flâneur*, que “[...] pode ser entendido ao mesmo tempo como figura de uma época, síntese, expressão de uma sociedade, e um tipo particular de comportamento na cidade” (SCHOENHERR, 2017, p. 175).

Benjamin (1989) remete sua reflexão para o capitalismo (sobretudo de Paris) e esclarece que esse modo de produção legitima a banalização das relações sociais e da cultura a título de mercadoria e, por esse motivo, as repele da esfera emocional. Por consequência, o homem, que está envolto na camada do capital, não consegue perceber a cidade, as cores, os cheiros – transforma-se em máquina. Esse indivíduo, que perde a essência da vida ao transformar a magia de viver numa busca incessante do sobreviver, está inserido no que Gonçalves (2003) chama de homem da multidão. É aquele homem que passa despercebido pela cidade, pelas obras de arte, pela arquitetura. Trata-se de um homem envolvido pelo capitalismo e não consegue observar nada ao seu redor¹⁸.

Já o *flâneur*

[...] recusa-se a ser absorvido por esse ritmo, recusa-se a perder sua subjetividade no universo da multidão. Ele caminha lentamente e experimenta de modo subjetivo cada detalhe visual, tátil, auditivo ou olfativo das ruas da cidade. O fundamento do pensamento e da experiência do *flânerie* é a ociosidade, a contemplação. (GONÇALVES, 2003, p. 178).

Nessa linha, pode ser destacada a relevância quanto à explanação a respeito da diferenciação entre o *flâneur* e o homem da multidão, pois ambos apresentam diferença na maneira de perceber o patrimônio edificado, pois que, como já aqui demonstrado, o modo de percebê-lo condiz com o estado de espírito em que o indivíduo se encontra (SOUZA, 2013). Isto é, o *flâneur* e o homem da multidão vivem condição humana diferente um do outro, além de as condições humanas variarem

¹⁸ Fato retratado de forma humorística no filme de Charles Chaplin intitulado "Tempos Modernos", lançado em 1936.

necessariamente no tempo e no espaço. Essas variações de condição de vida são moldadas pelo conhecimento e pelo interesse do indivíduo pela cidade e pela história.

Benjamin (1989) ainda destaca que o *flâneur* caminha pela cidade, através de ruas largas, conseguindo observar horizontes longínquos. Ocorre que habitantes do tipo *flâneur*, atentos observares da paisagem urbana, estão cada vez mais raros em razão da superlotação dos espaços urbanos. As (re)invenções da cidade estão sendo adotadas para driblar a boa urbanização e são ditadas pela conveniência do capital. Uma proliferação de condomínios horizontais e vias de acesso estreitas trazem consequências negativas quanto à contemplação da paisagem urbana.

Postas essas considerações, o *flâneur* está se tornando cada vez mais uma figura escassa do espaço urbano, visto que o homem da multidão é uma consequência inevitável do capitalismo. Por isso, a preservação do patrimônio edificado restaura o *flâneur* interior de cada indivíduo, pois a memória do passado concretizada nos edifícios é um instrumento capaz de lapidar o estado de espírito condizente ao prazer de contemplar. E, conforme Lefebvre (2001) esclarece, recordar torna-se uma defesa da saúde psíquica, uma forma de qualidade de vida e, por isso, um distanciamento do personagem homem da multidão.

1.2.5 Patrimônio cultural e espaço urbano

Uma das formas de analisar o espaço é distingui-lo entre espaço rural e espaço urbano – ainda que ambos estejam completamente relacionados. Esses espaços se apresentam com predefinições específicas no imaginário dos indivíduos. O rural como é imaginado com seus vastos campos e animais, já o urbano, com seus prédios, carros e ruas asfaltadas. Entretanto, não são somente essas características que distanciam um do outro.

Alves (2011) resgata duas teorias sobre a conceituação da oposição desses dois mundos; a primeira “[...] concebeu-se uma visão dualista em que urbano representava a modernização dos centros sociais, enquanto setores tradicionais do rural eram considerados periféricos” (p. 34), e a segunda teoria estava pautada na “[...] combinação sociológica a partir de vários traços típicos de diferenciação, tais como: diferenças ocupacionais, ambientais, no tamanho das comunidades, da densidade populacional [...]”, etc. Mesmo assim, porém, a autora aponta que não houve a utilização exclusiva de nenhuma das conceituações acima expostas, mas

esclarece que a oposição é mais bem compreendida a partir de leituras específicas sobre os espaços estudados, pois “[...] a dinâmica da realidade nos coloca diante de novos sentidos para compreender esses dois mundos” (ALVES, 2011, p. 36). Assim, “[...] é complexo definir o que é urbano e o que é rural diante do aparato tecnológico e das diversas funções que podem ser desenvolvidas, ora no espaço rural, ora no espaço urbano e vice e versa” (JACINTO; MENDES; PEREHOUSKEI, 2012, p. 181).

Jacinto, Mendes e Perehouskei (2012) ressaltam, todavia, que o desenvolvimento só pode ser verificado quando o espaço rural e o urbano forem analisados como elementos constituintes de uma totalidade, em que ocorra uma dependência mútua entre os dois polos.

Assim, ocorre a verificação de que ambos os espaços foram transformados pelo sistema capitalista de produção. Corrêa (1966) destaca que o espaço urbano é mais segmentado e dinâmico, repleto de signos e de símbolos, bem como universo de lutas, sendo o resultado social proveniente de ações acumuladas ao longo do tempo planejadas por agentes produtores e consumidores do espaço.

O processo de formação do mundo urbano se dá pela chamada urbanização, processo que começou a se desenvolver com maior frequência na Europa a partir do século XVIII em razão da chamada Revolução Industrial. No Brasil, esse processo de urbanização começou tardiamente em relação aos países da Europa, entre 1940 e 1980, quando a população urbana passou de 30% para 70% em relação à população total (PEREIRA, 2014). Esse aumento populacional nas cidades, provocado principalmente por um desordenado êxodo rural, gerado pelo desenvolvimento industrial, acarretou grandes problemas urbanos, como poluição ambiental, falta de infraestrutura urbana e habitacional, etc.

Nesse quesito, a capacidade científica de uma nação é posta em desafio para auxiliar a promover mecanismos que desenvolvam a melhor solução para esses problemas, como também a fim de compor o espaço urbano com maior presteza. Em decorrência disso, esse espaço “[...] é formado por formas visíveis – naturais e construídas – que lhe conferem certa estabilidade temporal e pela subjetiva estrutura social (cultural)” (MONASTIRSKY, 2006, p. 33).

As formas visíveis construídas na cidade são formadas pelo dinamismo social e construídas a partir de trocas culturais espaciais ao longo do tempo (WARNIER, 2003). E, ainda, tocam o sensível do homem por se manifestarem como monumento artístico e simbólico, constituindo-se como formas de expressão no espaço geográfico

que retrata o tempo e a cultura (HEGEL, 2002; ARTIGAS, 2013). Quanto a essas construções, algumas delas se sobressaem no jogo múltiplo do irracional da sociedade (emoção), por representarem a identidade cultural, social, mnemônica e artística, uma vez que “[...] nasce[m] da necessidade de ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade” (TUAN, 2013, p. 239).

Nesse sentido, o espaço urbano é museu a céu aberto que expõe seus patrimônios de forma fixa e razoavelmente permanente – devido à (re)invenção do espaço). Como se sabe, essas construções não necessitam exercer uma função específica, pois a sua finalidade primária é a de compor e de formar a paisagem da cidade e o cenário da vida sociocultural¹⁹; sendo “[...] a própria cidade um símbolo” (TUAN, 2013, p.211).

A esse respeito, Monastirsky (2006, p. 32) assim se expressa:

No caso do espaço urbano e a sua vinculação específica com o patrimônio cultural, a identificação e interpretação dos elementos descritíveis e quantificáveis que apresenta, forma e caráter (acervo material) necessitam buscar nos processos culturais da sociedade apoio para a sua completa apreensão. Considerar a interpretação subjetiva (memória, simbologia, sentimentos, etc.) é permitir associar diferentes planos de percepção sobre a apropriação do espaço e do patrimônio. (MONASTIRSKY, 2006, p. 32).

Diante disso e do exposto até o presente momento, a percepção dos indivíduos pelas formas visíveis construídas e que compõem a paisagem da cidade, dá origem aos patrimônios edificados, uma vez que “[...] a cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência” (TUAN, 2013, p. 211). Essa percepção decorre da combinação dos sentidos humanos em conjunto com a experiência, a memória, o conhecimento, a concepção teórica da arte, a emoção e a posição/construção sociocultural de cada indivíduo. Nabozny (2011) assim se expressa sobre essa percepção:

Na primeira que destacamos, temos uma ênfase nas sensibilidades e nos sentimentos positivos e/ou negativos nas relações espaciais. Na segunda, há ênfase numa interpretação hermenêutica da paisagem entre o geógrafo com os grupos pesquisados, podendo ser evidenciados tensionamentos de poderes (dos grupos) no cruzamento das intertextualidades, nas tentativas de estabelecer hegemonias de discursos e intensões por meio das paisagens. Na terceira, verifica uma carga para simbolismos das marcas e das matrizes na produção de diferentes significados atribuídos às paisagens, em que poderíamos incluir, também nesse bojo, uma abordagem neomarxista

¹⁹ Hegel (2002).

de Cosgrove (1998) na discussão de quais seriam os grupos capazes de perpetuar suas marcas na paisagem(?). (NABOZNY, 2011, p. 34).

A análise da percepção da paisagem constitui-se como método para compreender como a sociedade se organiza no espaço e interpreta os símbolos da paisagem, entre eles o patrimônio edificado.

Figura 1 – Percepção da população em relação ao patrimônio edificado



Fonte: Benjamin (1989), Choay (2006), Lukács (1978), Monastirsky (2006), Silva (2015) e Tuan (1980).

Nota: Organizado pela autora.

A partir dessa lógica, é possível deduzir que o espaço urbano, então, participa como protagonista dos esquemas de percepção e de ação das manifestações artísticas da arquitetura (ROSSI, 2001). Esse protagonismo ocorre porque é a cidade que proporciona a transformação da arquitetura abstrata (criação) em concreta (ZEVI, 1996). Desse modo, falar da percepção do patrimônio edificado é falar também da interpretação e da produção do respectivo espaço urbano, pois a “[...] geografia da cidade é inseparável da sua história, e sem ambas não podemos compreender sua arquitetura, que é o signo concreto dessa 'coisa humana'” (ROSSI, 2001, p. 138). Desse modo, a arquitetura e a geografia se lançam como colaboradores na compreensão da valorização do patrimônio edificado, sendo essa conexão já adotada nos estudos de Madalozzo (2015). A autora analisa a composição do centro ferroviário de Ponta Grossa. Trata-se de um patrimônio formado por elementos construídos que carregam significados para a sociedade. Para isso, a arquitetura e a geografia estiveram presentes para constatar que os edifícios possuem um discurso e um significado no espaço e que esse simbolismo é percebido pelos indivíduos.

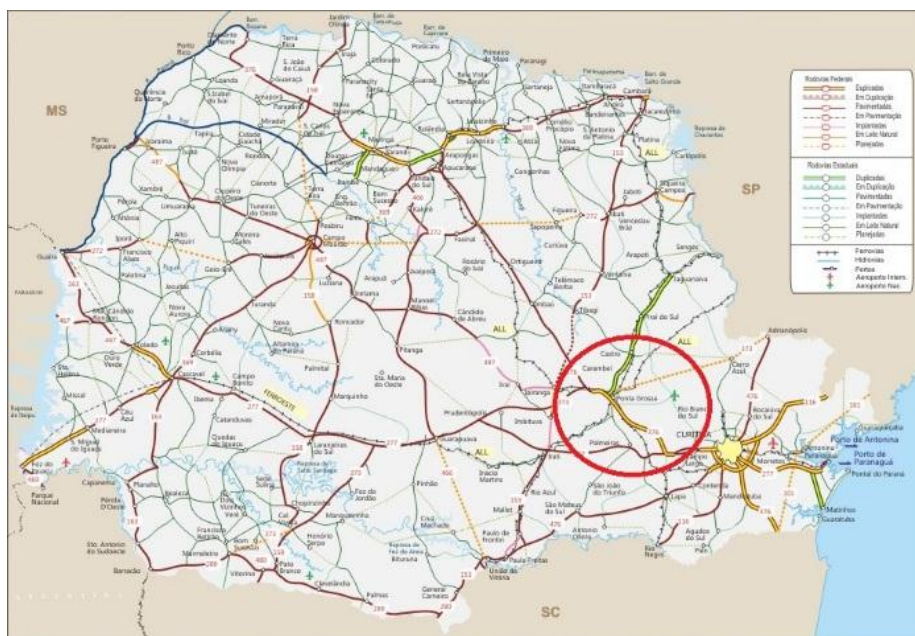
CAPÍTULO II

VOLTANDO AO PASSADO: UMA REVELAÇÃO DA VILA HILDA, DO COLÉGIO REGENTE FEIJÓ E DA ESTAÇÃO PARANÁ

Conhecer a localização geográfica e o contexto histórico do objeto de estudo é fundamental para melhor compreendê-lo, pois as relações sociais que moldam historicamente o espaço geográfico são singulares.

Assim, o município de Ponta Grossa²⁰, que é o local dos objetos desta pesquisa, é conhecido como um cruzamento de caminhos com “[...] cenário turístico do sul do Brasil, devido à sua posição geográfica pela facilidade de acesso a todas as regiões do Estado” (PMPG, 2018). Sua localização geográfica estratégica foi e é um dos principais motivos para o desenvolvimento local (MAPA 1). Depois do Tropeirismo, o grande impulso desse desenvolvimento ocorreu com a chegada da estrada de ferro²¹, isso em 1894²².

Mapa 1 – Mapa Rodo Ferroviário do Estado do Paraná



Autor: Ministério dos Transportes, 2012.

Fonte: MARTINS (2018).

Nota: Organizado pela autora.

²⁰ Município fundado em 06 de dezembro de 1855 (IPARDES, 2019).

²¹ Em meados de 1890 se cogitou que Ponta Grossa fosse a cidade que receberia a estrada de ferro por sua localização geográfica e por ser considerada polo dos Campos Gerais (MADALOZZO, 2015).

²² Construção da Estação Paraná.

Quando a ferrovia chegou a Ponta Grossa, no ano de 1894, a cidade teve potencializada sua função como entroncamento viário, devido à sua localização. Foram construídas outras edificações de apoio, como hotéis, pensões, bares, restaurantes e lojas de varejo. (MADALOZZO, 2015, p. 34).

Devido a essa mudança urbanística, Ponta Grossa se tornou atrativa para os imigrantes. Ademais, Martiniak (2013) relata que, no século XIX, os governantes brasileiros, em especial aqui os paraenses, incentivaram a vinda de imigrantes europeus com intuito de (re)erguer a pecuária, que encontrava-se em decadência devido à ausência de mão-de-obra e o declínio do regime escravo (MARTINIAK, 2013).

Por isso, entre os anos de 1890 e 1934, ocorreu o maior fluxo de imigrantes para o Paraná (MONASTIRSKY, 2006). Um desses imigrantes foi o alemão Coronel Henrique Thielen, pai de Alberto Thielen, idealizador da construção da Vila Hilda.

Com o aumento demográfico, houve a necessidade de o povoado expandir a sua infraestrutura urbana e incrementar os seus serviços sociais. Por isso, em 1924, foi fundada a Escola Normal Primária. A escola foi instalada no prédio que mais tarde sediaria o Colégio Estadual Regente Feijó.

De modo geral, a chegada da ferrovia a Ponta Grossa foi um marco na história, na economia, na arquitetura e na memória dos indivíduos. Ela resultou na transformação do cotidiano das pessoas que ali residiam. A ferrovia fez o tempo andar mais depressa. A vinda do desenvolvimento abriu novas oportunidades de trabalho, solicitando mais mão de obra e movimentando a economia. É por esse motivo que ela está tão presente nos estudos acadêmicos.

O desenvolvimento econômico e social decorrente da passagem dos trilhos de trem em Ponta Grossa deu origem a novos hábitos e a novos equipamentos urbanos. É nesse contexto que nasceram várias edificações, dentre elas a Estação Paraná, a Vila Hilda e o Colégio Estadual Regente Feijó. Hoje, eles marcam a identidade do município e se fazem presentes no cotidiano dos ponta-grossenses, como símbolos relevantes, assim como a era ferroviária.

Desse modo, o presente estudo se debruça sobre Ponta Grossa – e não sobre outra região – motivado não só pelo vasto campo patrimonial aqui instalado, mas também por haver, nas últimas décadas, discussões sobre a preservação dessas edificações, discussões que envolvem o poder público, o Conselho Municipal de

Patrimônio Cultural – Compac²³, a universidade pública, instituições de preservação do patrimônio cultural, mídia e a sociedade não organizada.

Em virtude desse vasto campo patrimonial, para este trabalho se elegeram três patrimônios culturais edificados, tendo a seleção considerado os estudos de Dropa (2016). Essa autora trouxe o recorte espacial de sua pesquisa a partir de três critérios:

- 1) Fazem parte da lista de bens preservados no Estado do Paraná, desde 1990, com reconhecimento valor social, econômico, artístico, paisagístico e turístico;
- 2) Por serem os mais antigos no processo de preservação e também em parte por terem sido estudados em diferentes momentos pela academia, são mais conhecidos pela comunidade;
- 3) São espaços utilizados atualmente pela própria comunidade em exposições artísticas, exposições museais, espaços de eventos, local de ensino e de disseminação cultural, onde identifica-se assim: Edifício Guilherme Naumann (Proex), Antigo Fórum (Museu Campos Gerais), Complexo Ferroviário (as duas estações), Colégio Regente Feijó e a Mansão Vila Hilda. (p. 100).

Após os patrimônios culturais edificados selecionados, foram realizadas incursões de campo à comunidade²⁴, atividade que se deu em áreas distintas da cidade de Ponta Grossa. Nesse empenho foi possível saber acerca do conhecimento da população sobre a história e a localização de cada um dos patrimônios listados acima. Com isso ficou constatado o seguinte: i) o Colégio Regente Feijó obteve 32% de respostas positivas; ii) as Estações da estrada de ferro obtiveram 31%; iii) a

²³ A preocupação pelos patrimônios culturais na cidade de Ponta Grossa/PR começou, segundo Dropa (2016), com uma ação da Universidade Estadual de Ponta Grossa em conjunto com a Prefeitura do município. Tal ação visava criar um conselho que daria conta da discussão sobre patrimônios culturais. Assim, em 1990 surgiu o Compac. Após esse período, as ações frente aos patrimônios começaram a ganhar força no município.

²⁴ Houve, nessa pesquisa, a aplicação de cem questionários. A aplicação dos questionários ocorreu, na maioria deles, na zona central da cidade de Ponta Grossa – PR (UEPG – Centro, Terminal Central, Shopping Palladium, Rua Fernandes Pinheiro, Praça Floriano Peixoto, Praça Barão do Rio Branco, Praça Barão de Guaraúna, Parque Ambiental, Estação São Paulo – Rio Grande, Escola de Inglês, Distrito Industrial, CEU – Coronel Cláudio, Centro de Ação Social, Calçadão).

Mansão Vila Hilda, 28%; iv) o Centro de Ação Social²⁵, 24%; o Antigo Fórum²⁶, 21%; e, por último, v) o Prédio da PROEX²⁷, 17%²⁸ (FOTOGRAFIAS do APÊNDICE B).

A partir do resultado da aplicação dos questionários, para esta pesquisa se decidiu, então, selecionar, como base de seus estudos, os três patrimônios culturais de cuja história e localização a população tem maior conhecimento, quais sejam, Colégio Regente Feijó, Complexo Ferroviário e Mansão Vila Hilda.

Quanto ao Complexo Ferroviário, que conta com dois edifícios (Estação Paraná e Estação Ponta Grossa), foi selecionada, para este estudo, a edificação da Estação Paraná – a primeira que foi implantada, ainda 1894. A razão da escolha dessa estação, em vez da outra, é que em sua paisagem há elementos reforçadores da valorização simbólica, por ser um dos principais lugares de sustentação da memória da cidade (sede da Casa da Memória de Ponta Grossa/PR), e por haver poucos estudos que tratem dessa edificação quando em comparação à outra não selecionada.

As três edificações escolhidas foram tombadas em 1990 como patrimônios culturais do Estado do Paraná pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC/PR). Cada ato jurídico contém uma justificativa para tanto, justificativas que serão analisadas ao longo deste capítulo. Quanto à edificação que sedia o Colégio Estadual Regente Feijó, ela foi tombada com motivação focada em sua relevante arquitetura e por servir de símbolo da história educacional de Ponta Grossa e região (Figura 2). Já a edificação da estação, a sua preservação é considerada fundamental por associar a história e a memória do período ferroviário no Paraná (Figura 3). A relevância arquitetônica e a representatividade da história da economia local (cervejaria) ficou atribuída à edificação da Mansão Vila Hilda (Figura 4).

²⁵ A edificação foi realizada em 1906 para servir como hospital da rede ferroviária. Atualmente funciona o “Serviço de Obras Sociais, a Fundação Promover e a Associação dos Deficientes Físicos de Ponta Grossa. O prédio foi tombado pelo COMPAC, em 2002 e pela Coordenadoria Estadual do Patrimônio Cultural em 2005” (PMPG, 2018).

²⁶ A edificação foi inaugurada na gestão do Prefeito Cel. Vitor Antônio Batista, no ano de 1928. Funcionou como Fórum até 1982, foi tombado em 1990 pela SEEC/PR. Atualmente abriga o Museu Histórico da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Museu Campos Gerais). (DROPA, 2016) (SEEC/PR, 2018).

²⁷ O prédio foi construído em 1906 por Guilherme Naumann (daí seu nome) com o propósito de sediar uma casa comercial. Em 1938 foi adquirido pelo governo do Estado Paraná e tombado como patrimônio do Estado em 1990 pela SEEC/PR. Atualmente abriga o PROEX (Programa de Extensão Universitária). (DROPA, 2016; SEEC/PR, 2018).

²⁸ Gráfico do estudo da autora no Apêndice B.

Figura 2 – Inscrição Tombo 104-II / Processo número 13/1990 – Colégio Estadual Regente Feijó

91

INSCRIÇÃO N.º 104 PROCESSO N.º 13/90

DESIGNAÇÃO Colégio Estadual Regente Feijó

NATUREZA: Arquitetura Civil

CARÁTER DA INSCRIÇÃO: ex-offício

MUNICÍPIO: Porta Grossa

LOCALIDADE: Centro

LOGRADOURO: Praça Barão do Rio Branco

PROPRIETÁRIO: Estado do Paraná - Secretário de Estado da Educação

ENDEREÇO:

CARACTERÍSTICAS: Tradicional estabelecimento de ensino, construído e inaugurado em 1927, na administração do Presidente do Estado, Antônio Munhoz da Rocha. É um importante marco da paisagem urbana da cidade de Porta Grossa. Com este tombamento buscou-se perpetuar um dos monumentos mais representativos da história da culta gente portagrossense. A Praça Barão do Rio Branco passa a ser considerada área envolvente do edifício.

OBSERVAÇÕES: O tombamento se refere ao edifício em sua área original mais os acréscimos laterais. Os edifícios construídos posteriormente para o fundo do lote passam a integrar a área envolvente do edifício principal. Para qualquer intervenção no conjunto, deverá ser previamente consultada a Comissão do Patrimônio Histórico e Artístico. Tombamento operado pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico em reunião realizada no dia 26 de setembro de 1990.

INSCRITO EM 03 de novembro de 1990

Assinatura: Rosina Góti Alice Paschen

Cargo: Comissão do Patrimônio Histórico e Artístico

Figura 3 – Inscrição Tombo 100-II / Processo número 4/1990 – Estações de Passageiros da Estrada de Ferro de Ponta Grossa

87

INSCRIÇÃO Nº 100 PROCESSO Nº 04/90

DESIGNAÇÃO Estações de passageiros da estrada de ferro de Ponta Grossa.

NATUREZA: Arquitetura Civil

CARÁTER DA INSCRIÇÃO: ex-offício

MUNICÍPIO: Ponta Grossa

LOCALIDADE: Centro

LOGRADOURO:

PROPRIETÁRIO: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

ENDEREÇO: R. Visconde de Jauray, 950

CARACTERÍSTICAS: A estação Ruará foi o ponto terminal da estrada de Ferro do Paraná. Inaugurada em 1894, a edificação tem dois pavimentos e em sua construção séida bastante proporcionada, guarda singular conjunto de elementos ecléticos. O segundo edifício de estação de passageiros, construído em 1900, considerada como estação de primeira classe, também com características arquitetônicas do eclétismo, segundo Edulberto Teixeira foi o ponto inicial da linha norte e da linha sul do trecho ferroviário Itaipu-Uruguai, justificando portanto a importância das OBSERVAÇÕES: de edifício em relação ao primeiro que servia ao circuito estadual. Possui uma maior diversificação nos elementos decorativos e mantém ainda hoje, no seu interior, mobiliário original em madeira maciça.

Observação: As orientações para a ocupação da área entorno imediata e da área que compõe a paisagem urbana dos edifícios das estações de passageiros da Estrada de Ferro de Ponta Grossa, são componentes do processo de tombamento.

INSCRITO EM 30 de maio de 1990

Assinatura: Roxina Felix Alice Paucher,

Cargo: Curadora do Patrimônio Histórico e Artístico.

Figura 4 – Inscrição Tombo 99-II / Processo número 3/1990 – Vila Hilda

86

INSCRIÇÃO N.º 99 PROCESSO N.º 03/90

DESIGNAÇÃO Vila Hilda

NATUREZA: Arquitetura Civil

CARÁTER DA INSCRIÇÃO: ex-offício

MUNICÍPIO: Ponta Grossa

LOCALIDADE: Centro

LOGRADOURO: Rua Júlia Wanderley, 936

PROPRIETÁRIO: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa

ENDEREÇO: Av. Visconde de Jauray, 950

CARACTERÍSTICAS: Edifício residencial, com linguagem eclética, foi construído na década de 1930, pelo sr. Alberto Thielen. Possui dois pavimentos sendo um deles para habitação e o outro, o pavimento nobre da casa. Tem ainda sótão, terraço e mirante. Possui detalhes ornamentais que denotam a boa qualidade da mão de obra local. Foi propriedade da família Thielen até 1968, quando adquirida pela Prefeitura, passou a sediar a Biblioteca Pública Municipal, Prof. Bruno Grei.

OBSERVAÇÕES: A área tombada, limitada pelas ruas Júlia Wanderley e Cel. Dulcídio está composta pelo edifício, jardins frontais e muros frontais. A área de influência deste tombamento se estende aos lotes que confrontam com ele e aos lotes de esquina frontais ao mesmo. Será permitida a construção de edifício no fundo do lote tombado, desde que atendidas as recomendações da Curadora do Patrimônio Histórico e Artístico, contidas no processo de tombamento 03/90.

INSCRITO EM 10 de maio de 1990

Assinatura: Rosina Cali Alice Pachen

Cargo: Curadora do Patrimônio Histórico e Artístico

Ante todo o exposto, este capítulo tem a finalidade de buscar argumentos que consigam justificar os valores simbólicos que o Colégio, a Mansão e a Estação possuem e que, por esse motivo, são alvos deste estudo. Para isso, FOI elaborada uma descrição geo-histórica de cada um deles com inclusão de informações sobre: época e contexto da sua construção, determinação arquitetônica e atenção às percepções que podem despertar nos indivíduos. Para finalizar o capítulo, será analisado como o contexto cultural formado pela Mansão Vila Hilda, pelo Colégio Regente Feijó e pela Estação Paraná se integra na paisagem ponta-grossense.

2.1 COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ

No final do século XIX houve grandes mudanças na cidade de Ponta Grossa, principalmente pela construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, obra que foi acompanhada pela instalação de energia elétrica na região. Com isso, a cidade foi crescendo e surgiu a necessidade de implantação de uma escola que atendesse ao município, como também às localidades próximas.

Os anos de 1896 e 1905 representam simbolicamente marcos significados na história de Ponta Grossa. Nesse momento a constituição do espaço urbano ponta-grossense passa por duas novas alterações: a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, que dinamizou a economia local, e a instalação da luz elétrica. Ambas assinalaram uma nova era para Ponta Grossa, em que se estabelece uma adequação a um modelo modernista e progressista da sociedade. (MARÇAL, 2004, p. 119-120).

Então, em 1924 foi fundada a Escola Normal Primária (Fotografia 1), que funcionou no edifício construído e inaugurado em 1922, na Rua do Rosário, em frente à Praça Barão do Rio Branco. Essa escola contava com Escola de Aplicação, Jardim de Infância e Escola Complementar.

Martinez foi responsável pela concretização da ampliação das Escolas Normais no Estado em regiões que considerava estratégicas: os Campos Gerais e o litoral. Essa ampliação estava atrelada especialmente a dois fatores: educar a população do litoral para contenção de doenças e para o trabalho, bem como conter a criação de escolas de estrangeiros nos Campos Gerais e, concomitantemente, nacionalizar os imigrantes (RUCKSTADLER, 2017, p. 54).

Nessa época, contudo, com o constante crescimento tanto econômico quanto populacional na década de 1920, o ensino primário não estava sendo o único ensino requisitado pela população ponta-grossense e paranaense em geral. A procura pelo ensino secundário também crescia, todavia, a oferta não acompanhava na mesma proporção, visto que o ginásio da capital (Ginásio Paranaense da Capital), que era a escola que ofertava o ensino secundário, não estava suprimindo a demanda. Diante disso, uma das soluções foi criar um ginásio no interior do estado. Assim, o “[...] Parecer nº 11, de 21 de fevereiro de 1927, [...], criava oficialmente o Ginásio Regente Feijó” (DROPA, 2014, p. 139), que se instalaria no município de Ponta Grossa (MARÇAL, 2004; DROPA, 2016).

Fotografia 1 – Escola Primária na década de 1930



Autor: Foto Bianchi, ano: n.d. / Fonte: Batista (2004) / Acervo: Casa da Memória

Em 28 de março de 1927 foi realizado ato público solene de inauguração do Ginásio Regente Feijó, sendo suas primeiras aulas ministradas no edifício da Escola Normal Primária, pois o prédio que sediaría o ginásio (atual Centro de Cultura de Ponta Grossa), que foi adquirido pelo Governo Estadual em 1927, estava em reforma, em virtude da mudança de função da edificação, anteriormente com função residencial.

A partir do Decreto nº 6150/1938, houve a fusão da Escola Normal e do Ginásio Regente Feijó²⁹, contudo ambos permaneceram em edifícios distintos, um na Praça Barão do Rio Branco e outro na Rua Dr. Colares, respectivamente. Mesmo assim, com o grande aumento de alunos ingressantes no Ginásio Regente Feijó, houve a necessidade de um espaço maior, que atendesse a essa demanda crescente. Visto isso, optou-se pela troca dos dois edifícios (1939), ou seja, a Escola Normal passou a ocupar o edifício da Rua Dr. Colares e o Ginásio Regente Feijó, o edifício da Praça Barão do Rio Branco – e ali permanece até hoje (Fotografia 2).

Anos mais tarde, o Decreto nº 6150 foi revogado (na década de 1950), e com isso a Escola Normal passou a configurar-se como Instituto Estadual de Educação Prof. César Pietro Martinez e o Ginásio Regente Feijó, como Colégio Regente Feijó, colégio carinhosamente adotado pelos ponta-grossenses como "Regente" (DROPA, 2016).

O edifício que sedia o Colégio Estadual Regente Feijó foi construído em 1927 (Fotografia 1). Sua arquitetura se impõe diante da paisagem ponta-grossense. Essa arquitetura se configura no ecletismo do final do século XIX e início do século XX, tendo sido um estilo arquitetônico próprio da classe burguesa, que priorizava o conforto, que amava o progresso e adequava “[...] a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto” (PATETTA, 1987, p. 13). É a justaposição de elementos e de ornamentos de diferentes épocas e estilos³⁰. O ecletismo vivido no Brasil teve intenção de plagiar a arquitetura europeia e de depreciar toda a tradição arquitetônica nativa (VILLELA, 2017).

²⁹ “No Paraná, as Escolas de Professores resultaram a partir da fusão das Escolas Normais de Curitiba e de Ponta Grossa aos respectivos Ginásios Estaduais de cada município” (RUCKSTADLER, 2017, p. 57).

³⁰ Esse estilo conta com três correntes: *revivals*, historicismo tipológico e pastiches compositivos, sendo o edifício aqui estudado integrante da corrente historicista tipológica, pois o estilo adotado está em acordo com a sua função (VILLELA, 2017).

Fotografia 2 – Colégio Estadual Regente Feijó em 1990



Autor: N.d., 1990 / Acervo: SEEC

Essa forte caracterização de *status* social³¹ com que a edificação do Colégio Regente Feijó se apresentou à época provocava diferentes percepções nas pessoas – seja naquelas que estudavam e trabalhavam no Colégio, seja nas pessoas que apenas viam e percebiam a edificação pelo lado de fora. Por isso, os primeiros estudantes dessa instituição de ensino vinham, majoritariamente, da classe elitizada de Ponta Grossa. Com o passar dos anos esse cenário foi mudando. Também a seleção para fazer parte do grupo de alunos ficou a critério das notas no boletim (1970/1980). Como a seleção era minuciosa, pessoas de todas as classes sociais passaram a compor o quadro discente, com grande fila de espera. Hoje, a seleção de alunos não mais segue os mesmos critérios de antes.

A edificação é dividida em dois pavimentos, mais o subsolo, ocorrendo a ligação entre eles por meio de escadas. Sua implantação original apresentava forma diferente da atual, pois o colégio passou por alguns processos de ampliação para suprir a demanda de alunos. Uma dessas ampliações ocorreu na década de 1950 (Fotografia 2), e outra após 1990, ocupando a área posterior do terreno. Foi constatado, contudo, que a ampliação de 1990 não está inscrita no tombamento.

As características arquitetônicas que diferenciam essa das demais edificações ao seu redor é uma das causas da sua valorização simbólica. Essas características vão desde detalhes minuciosos até os elementos mais estruturais. A edificação está disposta em uma quadra inteira, formando um conjunto melodioso. A vegetação frontal é simples e de pequeno porte e harmoniza com as grades que delimitam o acesso ao prédio. Cada um desses detalhes arquitetônicos influencia na percepção do prédio como um todo – o pé direito duplo, a fachada da edificação com sequência de janelas em formato retangular e ornamentos em massa, a porta de acesso principal, a platibanda com repertório de adereços simples (SEEC/PR, 2018), o pátio central (Fotografia 3), a cor alaranjada, a escada de madeira, entre outros.

³¹ “É importante ressaltar que, neste período (década de 1920), o Paraná passava por grandes transformações de natureza econômica. A cultura ervateira crescia sensivelmente, criando uma sociedade que ostentava seu poder por meio de suas construções” (DROPA, 2016, p. 141).

Fotografia 3 – Colégio Estadual Regente Feijó – Pátio Central



Autor: Leonel Brizolla Monastirsky, 2018

A ausência de técnicas e/ou de elementos contemporâneos é um dos fatores que mais valorizam a edificação.

O valor de antiguidade de um monumento se descobre, a princípio por sua aparência não moderna. [...] A oposição ao presente, sobre o qual se baseia o valor de antiguidade [...].” (RIEGL, p. 49, 1987).

Considere-se, porém, que a valorização do patrimônio cultural não se manifesta somente em virtude da sua arquitetura. A memória e a história são pontos marcantes desse processo. Desde o seu surgimento até o presente momento, inúmeros indivíduos estudaram e/ou trabalharam no Colégio Regente Feijó e, por esse motivo, que ele é tido como um alicerce à memória coletiva³². Não distante da memória, esse patrimônio também é valorizado pela história que carrega; a história da educação no município e no estado. Assim, o Regente carrega a identidade dos ponta-grossenses, que o veem como uma obra arquitetônica que embeleza e representa a sua cidade, mas que também os representa nela, quando associam as suas memórias individuais com a memória social do colégio e da sociedade.

Diante dessa valorização, em 1990 o prédio foi tombado como patrimônio cultural do Paraná pela SEEC/PR, com o intuito de “[...] perpetuar um dos monumentos mais representativos da história da culta gente ponta-grossense” (SEEC/PR, 2018). Essa preservação está mantida até os dias de hoje (Fotografia 4), bem como está mantida a mesma atribuição desde o seu surgimento (ensino).

Os indivíduos conseguem dialogar com essa edificação (de forma abstrata) por ela servir de sustentação da memória coletiva. Ela guarda, no imaginário dos indivíduos, os acontecimentos que ocorreriam nas salas de aula, no pátio, na escada e muito mais. Ela é ainda símbolo de referência para a história educacional em Ponta Grossa, marco de referência geográfica/localização, bem como referência à arquitetura eclética nacionalista. São esses apontamentos que a tornam importante e fundamental na composição da paisagem ponta-grossense e, por isso, a edificação que sedia o Colégio Estadual Regente Feijó integra a lista de edificações a serem preservadas.

³² Nora (1993).

Fotografia 4 – Fachada do Colégio Regente Feijó em 2018



Autor: Karina Assis Machado, 2018

2.2 ESTAÇÃO PARANÁ

As ferrovias brasileiras foram implantadas para atender às demandas de produtos exportáveis. Regiões produtoras/exportadoras de matérias-primas formaram as “bacias de exportação” e apresentaram uma organização territorial específica para este fim. (MONASTIRSKY, 2006, p. 50).

Em meados do século XIX, o aumento gradativo das produções extrativistas no Brasil, decorrentes da exportação de matérias-primas para a Europa, influenciou a implantação das primeiras estradas de ferro no país, no estado do Rio de Janeiro, marcando o início da era ferroviária brasileira, sendo a primeira inaugurada em 1854 (KATTIAVIANA; TELES; DROPA, 2013).

Nessa época, o território onde hoje é o estado do Paraná, fazia parte dos caminhos de ligação dos tropeiros que viajavam do sul do país até São Paulo. Havia vários caminhos: Caminho do Peabiru, Caminho das Missões ou de Guarapuava, Caminho de Palmas, Caminho do Viamão, Caminho da Graciosa, Caminho de Itupava e Caminho do Arraial (POLLO, 2010).

É também a partir do século XVII que surge o tropeirismo na América do Sul, chamado por Moreira de “fenômeno sócio-econômico”. Segundo esse autor foram os espanhóis que trouxeram nos porões de seus navios muares (cavalos, burros e 16 mulas) para fazer o transporte (burros e mulas vem do cruzamento entre um jumento e uma égua). Depois começaram a criar muares na América do Sul, na região onde hoje estão a Argentina, o Uruguai e o extremo sul do Brasil (POLLO, 2010, p. 15-16).

Assim, o tropeirismo foi, na época, o principal meio de transporte. Contudo, esse tipo de transporte contava com muitas dificuldades; “atravessar os rios; frequentes acidentes, como atoleiros, precipícios, animais perigosos, animais desobedientes; prejuízos, como a fuga constante dos animais” (POLLO, 2010, p. 18), além da dificuldade em transportar as produções extrativistas (supramencionada), como também a má condição dos caminhos. Então o estado necessitava de revitalização nas estradas e nos meios de transporte, visto que era grande produtor de erva-mate (principal produto) e de madeira (MONASTIRSKY, 2006; KATTIAVIANA; TELES; DROPA, 2013). Diante disso, o dirigente da Província do Paraná “[...] toma como meta prioritária a melhoria dos meios de transporte e da situação econômica” (KROETZ, 1985, p. 28).

Desse modo, na década de 1880 o Paraná entrou na era ferroviária com o objetivo de desenvolvimento comercial, industrial e agrícola. A construção da Estrada de Ferro do Paraná (como ficou conhecida) foi iniciada em 1880, sendo seu percurso

inicial inaugurado em 1885 – Porto de Paranaguá a Curitiba – pela “*Compagnie Générale des Chemins de Fer Brésilien*”. Após a Proclamação da República, já em 1892, a concessão passou para a “*Compagnie Générale des Chemins de Fer Paraná*”, a qual inaugurou o ramal Morrestes e Antonina e o prolongamento da linha tronco até Ponta Grossa. (KATTIAVIANA, TELES, DROPA, 2013; KROETZ, 1985; MONASTIRSKY, 2006).

Segundo Dropa (2016), o prolongamento da estrada de ferro se deu em Ponta Grossa pela sua localização geográfica: “Essa ampliação justificava-se pelo fato de que a erva-mate explorada nas regiões interioranas, [...], não alcançava um índice satisfatório de exportação” (DROPPA, 2016, p. 148).

Para atender à finalidade desse prolongamento, foi construída uma estação em Ponta Grossa, chamada de Estação Paraná (Fotografia 5), localizada na Rua Benjamin Constant. Através dela ocorria o transporte de passageiros e de mercadorias. Tal estação foi inaugurada em 1894, com propósito unicamente utilitarista e pertencente ao estilo eclético (MADALOZZO, 2015). Lyra (2006) escreve que a Estação Paraná

[...] compreende dois pavimentos no corpo central, com três janelas no sobrado e três portas no térreo, ladeado por duas alas: uma com uma porta e outra com duas. Construção meramente utilitária tem nas vergas de arco abatido com chave saliente os únicos elementos ornamentais. A cobertura é em duas águas (LYRA, 2006, p. 392).

Mesmo não tendo arquitetura carregada de estilos e ornamentos, a Estação Paraná leva em seu bojo razões que vão além da essência estética. Sua edificação é valorizada pelo que carrega abstratamente em sua estrutura de pedra e cal – essa estação foi é a concretização da história da ferrovia no Paraná, da memória e da identidade dos ponta-grossenses. Essa edificação se estabelece como a possibilidade do diálogo entre o passado e o presente, sendo que

[...] o valor histórico de um monumento representa um determinado momento, em certo modo particular, na evolução de algum dos campos criativos da humanidade. (REIGL, 1987, p. 57).

Fotografia 5 – Estação Paraná em 1892



Autor: N.d., 1894 / Acervo: Casa da Memória

Nesse quesito, a questão histórica e mnemônica resulta na valorização simbólica da edificação da Estação Paraná. Com essa valorização, em 1990 a estação, juntamente com o Complexo Ferroviário da cidade (Estação Paraná, Estação Ponta Grossa e Armazém de Carga), foi tombada como patrimônio cultural do Paraná pela SEEC/PR. A finalidade de tal ato jurídico foi a de perpetuar a representatividade da era ferroviária no Paraná, representatividade essa carregada de caráter econômico, social e político.

Nesse mesmo ano (1990), a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa adquiriu o imóvel. Três anos após seu registro no livro tombo, a edificação sofreu atividades de reforma para voltar às suas características de 1894 (Fotografias 6 e 7), pois, ao longo dos anos, sofreu alterações estruturais que iam além da construção original. Por isso, em 1995, as atividades do novo uso da Estação Paraná foram iniciadas (MADALOZZO, 2015). Esse novo uso compreendia a sede da Casa da Memória³³, ali estabelecida até os dias de hoje (Fotografia 8) – daí seu nome atual.

Fotografia 6 – Reforma Estação Paraná



Autor: N.d., 1995/ Acervo: Casa da Memória

³³ Instituição que possui finalidade de guardar, conservar e organizar documentos que dizem respeito à história local.

Fotografia 7 – Reforma Estação Paraná



Autor: N.d., 1995/ Acervo: Casa da Memória

Atualmente, a edificação necessita de cuidados e de reparos, pois está com várias áreas degradadas em virtude de patologias tanto exógenas quanto endógenas. O mau uso da Estação, as funções desenvolvidas e as atividades exercidas tanto no seu interior quanto no seu exterior prejudicam, de certa forma, o estado físico da edificação. Parte da sociedade e uma parcela dos governantes não fazem questão de preservá-lo e conservá-lo, pois são avessos ao resgate mnemônico, histórico e arquitetônico, visto que compreendem que conservá-lo e preservá-lo é um retrocesso à modernidade.

A conservação patrimonial é necessária para mantermos vivos os elementos de determinado momento no fluxo da história. Mas as cidades não devem ser pensadas imutáveis, em prol da conservação e sim manter sua dinâmica. Ao longo dos anos, a arquitetura teve suas variações, do romano ao gótico ou do neoclássico ao moderno, por exemplo, seguindo o rumo da história e de seu tempo. Dessa forma conclui-se que a cidade deriva da diversidade estilística de suas arquiteturas (SCHIRRU, 2017, p. s/n).

Diante de tudo acima informado, muitos indivíduos – não somente pontagrossenses – mantêm uma relação afetiva com a estação, pois ela representa a essência mnemônica da história da ferrovia em Ponta Grossa e, por isso, é palco de múltiplas interpretações, emoções e percepções.

Fotografia 8 – Estação Paraná e Locomotiva 250 (Maria Fumaça) em 2017



Autor: A autora, 2017.

2.3 VILA HILDA

O terreno que sedia a Mansão Vila Hilda foi adquirido na década de 1920, por Alberto Thielen, filho do Coronel Henrique Thielen, imigrante alemão que firmou residência em Ponta Grossa no século XIX em decorrência das grandes mudanças sociais, econômicas e políticas provocadas pela Revolução Industrial na Europa (VH/CPC, 2017).

Henrique Thielen, quando se instalou no município, foi trabalhar na Cervejaria Grossel. Com o passar dos anos, Henrique Thielen tornou-se proprietário da cervejaria, alterando o nome para Fábrica Adriática de Cervejas. A cervejaria obteve grande sucesso nos anos subsequentes, fazendo da família Thielen a protagonista de uma das principais frentes da industrialização do município. Foi nesse contexto que Henrique mandou seu filho, Alberto Thielen, à Alemanha afim de ampliar o domínio das técnicas modernas da culinária cervejeira dentro da fábrica. Então, em 1919, Alberto retornou a Ponta Grossa e assumiu a condição de sócio da fábrica.

Foi nesse contexto que Alberto Thielen, juntamente com a sua esposa, Hilda Schust Thielen, e seus filhos, Alberto Henrique Thielen e Rodolpho Francisco Thielen (Fotografia 9), adquiriram o terreno situado entre a Rua Júlia Wanderley e Rua Cel. Dulcídio, em Ponta Grossa, com vistas a sediar a futura residência da família.

Fotografia 9 – Família Thielen: Rodolpho Francisco Thielen, Hilda Thielen, Alberto Henrique Thielen e Alberto Thielen da esquerda para a direita.



Autor: N.d., ano: N.d./ Acervo: Vila Hilda

Já com o terreno adquirido, em 1922 a família solicitou o primeiro projeto arquitetônico da edificação, sendo dado o início à construção em 1925, logo finalizada em 1926. A partir desse ano, a edificação se tornou a residência oficial da família Thielen (patriarca Alberto Thielen), simbolizando a prosperidade e o poder dos Thielen (Fotografia 9).

A mansão serviu como residência da família por anos, até a morte do proprietário e a transferência de residência de sua viúva para Curitiba/PR. Em 1968, a edificação foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, quando passou a sediar a Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enei. Atualmente funciona como Fundação de Cultura (VH/CPC, 2017).

É uma edificação marcante na cidade devido à sua imponente arquitetura, criada sob influência da arquitetura francesa neoclássica e do estilo *art-nouveau*. A sua área de construção é de 600 metros quadrados, distribuídos em dois pavimentos. Então o primeiro pavimento servia de residência para a família e o subsolo servia de moradia para os serviçais. Há relatos de que o senhor Thielen solicitou, quando da criação do projeto da residência, que fosse inserido um mirante, para que pudesse observar a Cervejaria Adriática e, assim, monitorar o seu funcionamento através da fumaça que saía da chaminé.

As influências teóricas que o projeto arquitetônico sofreu estão evidenciadas nos seus ornamentos. A escada de acesso principal é uma característica marcante da *art-nouveau*, que se caracteriza por ressaltar a linha ondulante e geométrica, criada com “ousadia e simplicidade” (PISSETTI; SOUZA, 2011, p. 18). Já as janelas, a abóboda de aresta e a decoração de caráter estrutural marcam a presença da arquitetura neoclássica francesa, que estava ancorada na retomada da arquitetura clássica grega e romana (SOUZA, 2012).

O interior da residência também se revela como um significativo conjunto de objetos artísticos. Afrescos remontam a paisagem interna da casa. Foram pintados por Paulo Wagner, aluno da Escola Clássica Alemã, e restaurados (Fotografia 11) anos mais tarde sob a fiscalização do Engenheiro Carlos Alberto Almeida, da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

Fotografia 10 – Mansão Vila Hilda



Autor: N.d., ano n.d. / Acervo: SEEC-PR

Fotografia 11 – Restauração dos afrescos internos da Vila Hilda



Autor: N.d., ano: N.d./ Acervo: SEEC/PR

A residência marca e representa um momento econômico e histórico importante da cidade, ou seja, o começo da era industrial – como supramencionado – e as transformações sociais que aconteceram na cidade. Assim, a casa é altamente representativa de uma época de Ponta Grossa e grande referencial para o imaginário social até os dias de hoje. Por isso é objeto de vários estudos patrimoniais da região.

A partir das considerações acima expostas, surge a valorização simbólica da edificação da Mansão Vila Hilda, ou seja, ela se insere na gama patrimonial por servir de sustentação da história e da arquitetura de Ponta Grossa. Por esse motivo ela foi tombada em 1990 como patrimônio cultural do Paraná pela SEEC.

Até os dias atuais (Fotografia 12), ela se destaca na paisagem urbana pontagrossense, por possuir arquitetura diferente das outras edificações ao seu redor.

Fotografia 12 – Mansão Vila Hilda em 2018



Autor: Karina Assis Machado, 2018

2.4 O COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ, A ESTAÇÃO PARANÁ, A VILA HILDA E A PAISAGEM CULTURAL PONTA-GROSSENSE

Uma paisagem possui forma e aparência e ela é o retrato do espaço geográfico formado por suas abstrações e concretizações (SOUZA, 2013). Melo Filho (2013, p. 174) afirma que a paisagem cultural não é formada sozinha, pois que são as relações sociais que lhe tecem os seus elementos constituintes, compondo um “[...] trabalho conjunto entre homem e natureza, ilustrando a evolução das sociedades e ocupações humanas através do tempo”.

Nesse contexto, a paisagem cultural não é apenas um fato natural, visto que ela se forma a partir da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e humanos. Por isso, ela se mostra como resultado da construção sociocultural, histórica, econômica, arquitetônica e geográfica de determinado espaço no tempo. Ela “[...] é percebida pelos sujeitos [...]” (ALMEIDA, 2013, p. 197), que a ela atribuem significados e valores, pois se trata de um sistema de criação de signos que possibilita transmitir, reproduzir, explorar e experimentar os seus símbolos (DUNCAN, 2004).

As paisagens são compostas por vários signos culturais de natureza diversa: por vezes pontuais símbolos, por vezes meros elementos. Os símbolos que compõem determinada paisagem detêm a competência de fazê-la brilhar frente a outras paisagens e transformar um mero elemento em algo importante e fundamental (FIGUEIREDO, 2013).

Diante disso, as paisagens compostas pela Mansão Vila Hilda, pelo Colégio Regente Feijó e pela Estação Paraná se configuram como uma “pintura real” de parte do espaço geográfico onde se ligam e se compõem os signos culturais, sendo que cada patrimônio é o protagonista em relação ao qual os demais elementos se tornam coadjuvantes e pertencentes ao pano de fundo que perfaz o acabamento dessa pintura. Por isso todo elemento, mesmo que ínfima a sua importância, é responsável e determinante no jogo da percepção (SOUZA, 2013).

A partir desses apontamentos é possível concluir que a paisagem cultural possui característica de alimentar o imaginário dos indivíduos, pois a interpretação dos signos que a compõem é subjetiva. Os patrimônios edificados compõem a identidade da paisagem urbana e os elementos simbólicos que eles carregam contrastam e dão significado a ela. É nesse contexto que o observador perceberá em destaque o patrimônio cultural e com ele conseguirá “conversar”.

Cada um desses três patrimônios culturais edificados é um componente emblemático na paisagem ponta-grossense e se mostra, então, como símbolo identitário da arquitetura, da educação e da história local/regional. Essa composição leva à valorização da paisagem ponta-grossense, que, por sua vez, estabelece um diálogo rico e valioso com o transeunte cotidiano ou eventual.

Assim, a paisagem se estabelece como um dos conceitos fundamentais para compreender como a sociedade se organiza no espaço e interpreta os seus símbolos. Ela, a paisagem, é o resultado vinculado ao contexto visual, representacional, emocional e perceptível do indivíduo pelo espaço geográfico. Ademais, determinadas paisagens são especialmente portadoras de símbolos, o que faz com que a sociedade nelas identifique abstrações relativas a sua cultura, educação, religião, arte, economia, tradições, enfim, nessas paisagens identifique os valores da civilização local e é por essa razão que são percebidas como importantes e fundamentais (a hipótese que a academia pressupõe).

CAPÍTULO III

OS VALORES SIMBÓLICOS DO COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ, ESTAÇÃO PARANÁ E VILA HILDA À PAISAGEM URBANA DE PONTA GROSSA

Conforme mencionado ao longo do trabalho, o patrimônio cultural é constituído pela valorização simbólica que a sociedade atribui a um determinado bem cultural, que é composto de expressões culturais que representam especialmente a identidade, cultura e memória. Nesse caminho, a preservação se apresenta como instrumento de proteção e acautelamento do patrimônio com intuito de elevá-lo à titulação de legado da comunidade. Visto que, ele é o que se quer guardar para as gerações futuras.

Dito isso, compreender como os indivíduos percebem os patrimônios edificados na paisagem urbana torna-se imprescindível. Assim, esse capítulo apresenta essa discussão. Aqui, consta a terceira e quarta etapas da pesquisa, sendo respectivamente: a pesquisa de campo, com aplicação dos formulários e questionários e a pesquisa qualitativa, ambos com a análise qualitativa dos dados obtidos. Contudo, antes de realizar as reflexões e resultados, apresentam-se as técnicas e métodos utilizados para consultar a percepção dos indivíduos, e, como foi realizado o tratamento e leitura dos dados, haja vista sua complexidade.

3.1 MÉTODOS UTILIZADOS PARA PESQUISA SOBRE A PERCEPÇÃO

O propósito desse estudo ficou estabelecido em compreender como os indivíduos percebem as edificações do Colégio Estadual Regente Feijó, da Estação Paraná e da Vila Hilda na composição da paisagem urbana de Ponta Grossa (PR), pois mesmo Ponta Grossa possuindo amplo patrimônio cultural edificado (alguns tombados pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural – COMPAC – outros pela Secretaria de Estado Educação e Cultura do Paraná - SEEC/PR), percebe-se, no entanto, que grande parte desse patrimônio não é valorizado por parte da sociedade, pelos proprietários e pelo poder público (DROPPA, 2016; MONASTIRSKY, 2006; MADALOZZO, 2015).

Assim, a problemática lapidada para a pergunta de partida “qual a importância a sociedade deposita nos patrimônios edificados”, foi ficando cada vez mais evidente a partir do desenrolar da pesquisa. Os abalos dentro da temática se multiplicavam e

traziam à tona outras angústias. Estudar os patrimônios edificados é uma forma de entender como ocorre a (re)construção e (re)organização do espaço e suas consternações.

Contudo, para conseguir responder o objetivo geral, o trabalho foi desenhado com as seguintes técnicas metodológicas: observação e formulário; sendo a primeira “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações, [...] utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. [...] consiste [...] em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 90); e a segunda, um “contato face a face entre pesquisador e informante, sendo o roteiro de perguntas preenchido pelo pesquisador no momento da entrevista” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 212).

Elencou-se formulário por ser um instrumento metodológico que pareceu fornecer mais precisão quanto ao objetivo proposto³⁴ para essa pesquisa, pois pode ser aplicado em todos os seguimentos da população, há flexibilidade nos diferentes níveis de situação, há a presença do pesquisador e, consegue-se extrair dados complexos – como as emoções (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Porém, como o cerne da questão aqui está na percepção, e esta não é transmitida somente através da fala, mas também por sinais e gestos, utilizou-se o instrumento metodológico da observação. Visto que possibilita a coleta de dados de atitudes comportamentais dos indivíduos (MARCONI e LAKATOS, 2003), podendo ser questões não elencadas nas respostas aos formulários, mas que necessitam estar na pauta dessa compreensão, visto que as emoções foram analisadas como efeitos das percepções.

Diante disso, foi realizado um formulário de perguntas abertas e fechadas, em que foram elaboradas conforme o respaldo teórico aqui exposto em conjunto com o objetivo desse trabalho, tendo como guia os formulários realizados por Monastirsky (2006) e Madalozzo (2015).

Entretanto, antes da aplicação definitiva do formulário, foi realizado teste piloto, sendo que Marconi e Lakatos (2003) relatam que a aplicação do teste piloto em

³⁴ Segundo Marconi e Lakatos (2003), todo instrumento metodológico carrega desvantagens e vantagens. Cabe ao pesquisador utilizar o instrumento metodológico que mais se adequa ao seu objetivo.

quaisquer instrumentos metodológicos oferece segurança e precisão para a pesquisa, pois consegue perceber deficiências prematuras e assim solucioná-las.

No teste piloto foi constatado algumas expressões linguísticas formais, as quais não condiziam com o entendimento de todo o seguimento populacional. Não obstante à isso, percebeu-se no teste que algumas questões importantes para a solução dessa pesquisa não foram elucidadas. Além disso, houve contribuição da banca de qualificação. Assim, mudanças foram realizadas e a pesquisa foi ajustada.

Posto todos esses apontamentos, o formulário estava finalizado e pronto para ser aplicado (Formulário disponível no Apêndice A). A primeira pergunta continha a essência desse trabalho, contudo, não abria brechas para o respondente realizar uma análise prévia para tal resposta. Entretanto, no desenrolar das perguntas subsequentes, o participante começava a realizar essa análise, sendo esse desenho estabelecido de forma proposital para que o indivíduo refletisse sobre o que de fato percebia e sentia. Por isso, houve a necessidade do retorno à primeira pergunta, com intuito de concretizar, ou não, a resposta dada anteriormente, ou ainda, (o que a pesquisadora de fato esperava) que a resposta fosse servida com mais fervor e entusiasmo que a primeira, visto que agora havia uma análise prévia.

A aplicação do formulário ocorreu com o auxílio de duas pesquisadoras voluntárias, as quais passaram por treinamento prévio para compreender o ponto principal dessa pesquisa, como também o modo de se expressar diante dos entrevistados, visto que o contato face a face do entrevistado com o entrevistador fornece riscos de distorção das respostas³⁵ (MARCONI e LAKATOS, 2003).

As entrevistas ocorreram em três dias, sendo disponibilizado um dia para cada patrimônio, utilizando-se os dois períodos – manhã e tarde (Tabela 1). A aproximação aos entrevistados aconteceu de maneira aleatória, sendo alvo dessa pesquisa todos os indivíduos que passavam e/ou permaneciam diante dos patrimônios e, que mostravam-se interessados e disponíveis para responder ao formulário quando abordados pela(s) pesquisadora(s).

³⁵ Desvantagens da técnica metodológica do tipo formulário (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Tabela 1 – Entrevistados com formulário

Data	Patrimônio Edificado	Tipo	Nº de entrevistas
04/12/2018	Colégio Estadual Regente Feijó	Pesquisa Pública	22
05/12/2018	Estação Paraná	Pesquisa Pública	19
06/12/2018	Vila Hilda	Pesquisa Pública	17
Total			58

Fonte: A autora.

Após obtenção de resultados parciais, verificou-se que muitos participantes não conseguiram expor sua percepção e emoção (fato que será abordado mais adiante), por isso, houve a necessidade de seguir com a pesquisa, mas com outro método a fim de complementar a pesquisa já realizada. Para isso, optou-se por disponibilizar o formulário em arquivo *on-line*, através da ferramenta *Google Drive* Formulários, sendo enviado às pessoas por *e-mail* e por redes sociais através de *links*. Nessa etapa, a pesquisa seguiu a linha metodológica do tipo questionário, em que ocorreu a coleta de dados por uma série ordenada de perguntas “que dev[iam] ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 201). Esse tipo de pesquisa, além da possibilidade de extrair a percepção e emoção das pessoas entrevistadas de outra forma, preenche as lacunas desvantajosas do formulário, visto que atinge número elevado de pessoas simultaneamente, abrange diferentes áreas geográficas, não exige o treinamento dos pesquisadores, o anonimato dos participantes gera maior liberdade de respostas, as respostas podem ser realizadas no momento que o participante achar oportuno e, o pesquisador não influencia nas respostas.

Ademais, segundo Mendes (2009, p. s/n), “o número de computadores conectados à internet vem crescendo rapidamente e, como consequência, as pessoas, [...], se comunicam através dessa rede”. Por isso, a tecnologia disponibilizada pela internet pode ser meio de coleta de análise de dados qualitativos, em que Madalozzo (2015, p. 112) esclarece “que a utilização do formulário *online* é viável e prática”, pois os entrevistados respondem ao formulário à distância, agindo com seriedade mesmo sem cadastrar documentos oficiais.

[...] a pesquisa online oferece uma série de vantagens sobre as demais pesquisas qualitativas. [...] o pesquisador tem a possibilidade de utilizar recursos que, em um processo normal de pesquisa, não seriam possíveis. Além disso, o respondente, por sua vez, recebe estímulos de várias ordens, podendo ser visuais, sonoros etc., que o incentivam a participar. Também pesa a favor do pesquisador a facilidade com que tudo isso é feito e, a favor do respondente, a liberdade de participar quando lhe for

mais conveniente. Informações alimentando uma base de dados num servidor remoto e estes sendo acessados a qualquer momento, via senha ou não, possibilitam que a análise seja feita não só por uma pessoa, não só em um lugar, tendo ou não um software específico para isso. Esse ambiente virtual permite que as análises sejam feitas (por meio de download) no próprio computador, ou então pela internet, com tabelas e gráficos preestabelecidos. Relatórios pré-programados serão alimentados, a todo o momento, pelos usuários, e acessados, remotamente, por quem quer que seja. (MENDES, 2009, p. s/n).

Destaca-se, aqui, a realização de três formulários *on-line*, um para cada patrimônio, utilizando-se uma fotografia a fim de elucidar o imaginário do indivíduo e, sanar a hipótese do participante não saber de qual patrimônio cultural edificado se tratava a pesquisa (Questionário disponível no Apêndice A).

Realizada as respostas, o encerramento da aplicação dos formulários, tanto *on-line* quanto presencial, ocorreu quando se verificou a saturação de respostas, ou seja, mais respostas coletadas não iriam alterar o resultado da pesquisa. Ao final desse estágio, o número total de respostas computadas foram de 87 (Tabela 2), sendo que a preocupação dessa pesquisa estava pautada na qualidade das respostas e não na quantidade, por isso, aqui, não se trabalhou com números e porcentagens, mas sim com a análise da contextualização das respostas obtidas. Além disso, há de se mencionar que houve dificuldade na coleta das respostas, visto que muitos indivíduos não se interessaram em responder o questionário e o formulário.

Tabela 2 – Entrevistados com formulário e questionário

Patrimônio Edificado	Tipo	Nº de entrevistas
Colégio Estadual Regente Feijó	Pesquisa Pública	32
Estação Paraná	Pesquisa Pública	27
Vila Hilda	Pesquisa Pública	28
Total		87

Fonte: A autora.

A ferramenta *Google Drive* Formulários fornece facilidade quanto a contabilização e administração das respostas, havendo a possibilidade de gerar gráficos e planilhas referentes às respostas, sendo eles alimentados automaticamente. Dito isso, os formulários aplicados via presencial foram anexados nessa ferramenta, percebendo assim um único meio de análise.

Contudo, mesmo sendo uma ferramenta de auxílio a pesquisa, o arquivo de conclusão da pesquisa gerado pelo *Google Drive* Formulários necessitou ser editado, pois a essência desse trabalho estava contida nas perguntas abertas, sendo elas

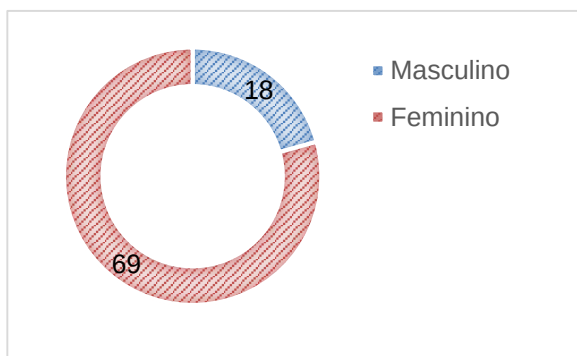
carregadas de subjetividade e complexidade, mas que ao final são passíveis de substituição por termos análogos que expressem de forma objetiva os questionamentos apontados. Sendo assim, para prosseguir a análise, todas as perguntas abertas foram lidas e transformadas em palavras-chave, ou seja, “para uma mesma questão, ter a leitura qualitativa das respostas abertas e a contabilização e gráfica fácil de compreender da organização quantitativa através das palavras-chave” (MADALOZZO, 2015, p. 113).

A finalidade da análise de dados é organizar, fornecer estruturas e extrair significados dos dados da pesquisa. É uma tarefa desafiadora para os pesquisadores, e se desenvolve em três perspectivas, a primeira relativa ao fato que não existem regras sistemáticas para a análise e apresentação dos dados qualitativos. A segunda diz respeito à enorme quantidade de trabalho requerido para organizar e dar sentido ao material narrativo e a última, ou desafio final, de reduzir as informações para fins do relato, sem perder a essência e a riqueza dos originais. (TEIXEIRA, NITSCHKE, PAIVA, 2008, p. 137).

Dessa forma, a pesquisa contou com duas fases nessa penúltima etapa (3ª etapa); a primeira correspondeu a aplicação do formulário de forma pessoal em frente aos patrimônios culturais objetos dessa pesquisa; e a segunda por meio da disponibilização do questionário *on-line*, sendo compartilhado nas redes sociais e *e-mails* através do *link*.

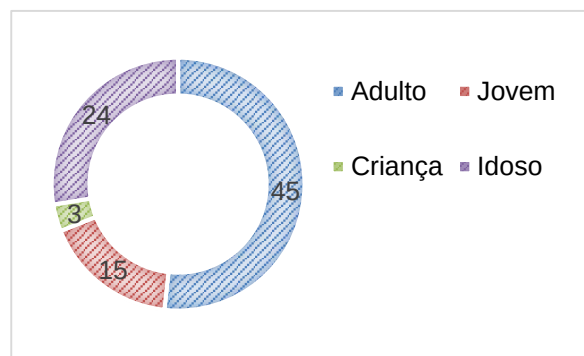
Os dois seguimentos metodológicos utilizados na pesquisa conseguiram captar vários perfis de agentes sociais, no entanto, não encarando-os da mesma forma, isso pela questão das emoções observadas. Mesmo havendo essa pluralidade houve algumas classificações que se destacaram mais que outras. Quando à classificação de gênero, as mulheres obtiveram resultado expressivo no trabalho (Gráfico 1). Já em relação às características de idade, conforme a diferenciação empregada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os participantes adultos foram os indivíduos que mais responderam o formulário/questionário, seguido dos idosos (Gráfico 2), em que a maioria das respostas via presencial foram regidas pelos idosos, pois eram eles os indivíduos que aceitavam e interessavam-se em responder as perguntas.

Gráfico 1 – Características de Gênero



Fonte: A autora.

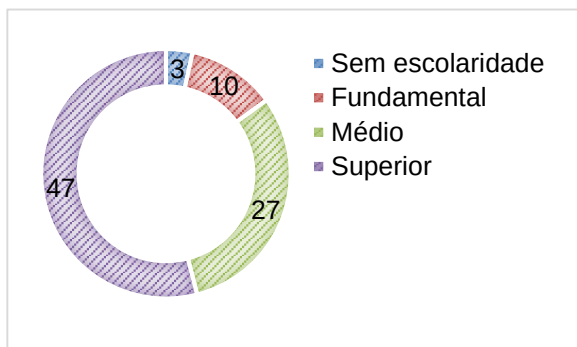
Gráfico 2 – Características de Idade



Fonte: A autora.

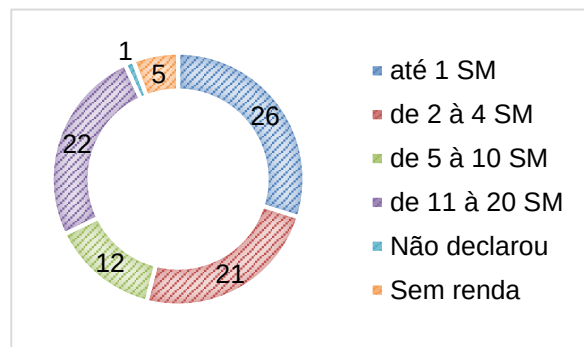
A maioria dos participantes responderam possuir ensino superior completo (Gráfico 3), sendo que as respostas via questionário foram responsáveis por 95% desse total, ou seja, a maioria dos indivíduos que não possuem ensino superior completo participaram da pesquisa através da técnica metodológica do tipo formulário. E, por fim, a grande maioria dos respondentes possuem renda familiar de até um salário mínimo (Gráfico 4).

Gráfico 3 – Características de Escolaridade



Fonte: A autora.

Gráfico 4 – Características de renda familiar



Fonte: A autora.

Após esses apontamentos sobre os perfis dos indivíduos que participaram da pesquisa, abre-se a análise sobre as percepções dos indivíduos a respeito do Colégio Estadual Regente Feijó, Estação Paraná e Vila Hilda.

3.2 A PERCEPÇÃO A RESPEITO DO COLÉGIO ESTADUAL REGENTE FEIJÓ, ESTAÇÃO PARANÁ E VILA HILDA

Como elucidado no primeiro capítulo, a percepção a respeito do patrimônio cultural edificado decorre da combinação dos sentidos humanos em conjunto com a experiência, memória, conhecimento, concepção teórica da arte, envolvimento, hábitos, emoção e posição/construção sociocultural de cada indivíduo. Por isso, as perguntas realizadas no formulário possuíam a preocupação de levar em conta todos esses pontos.

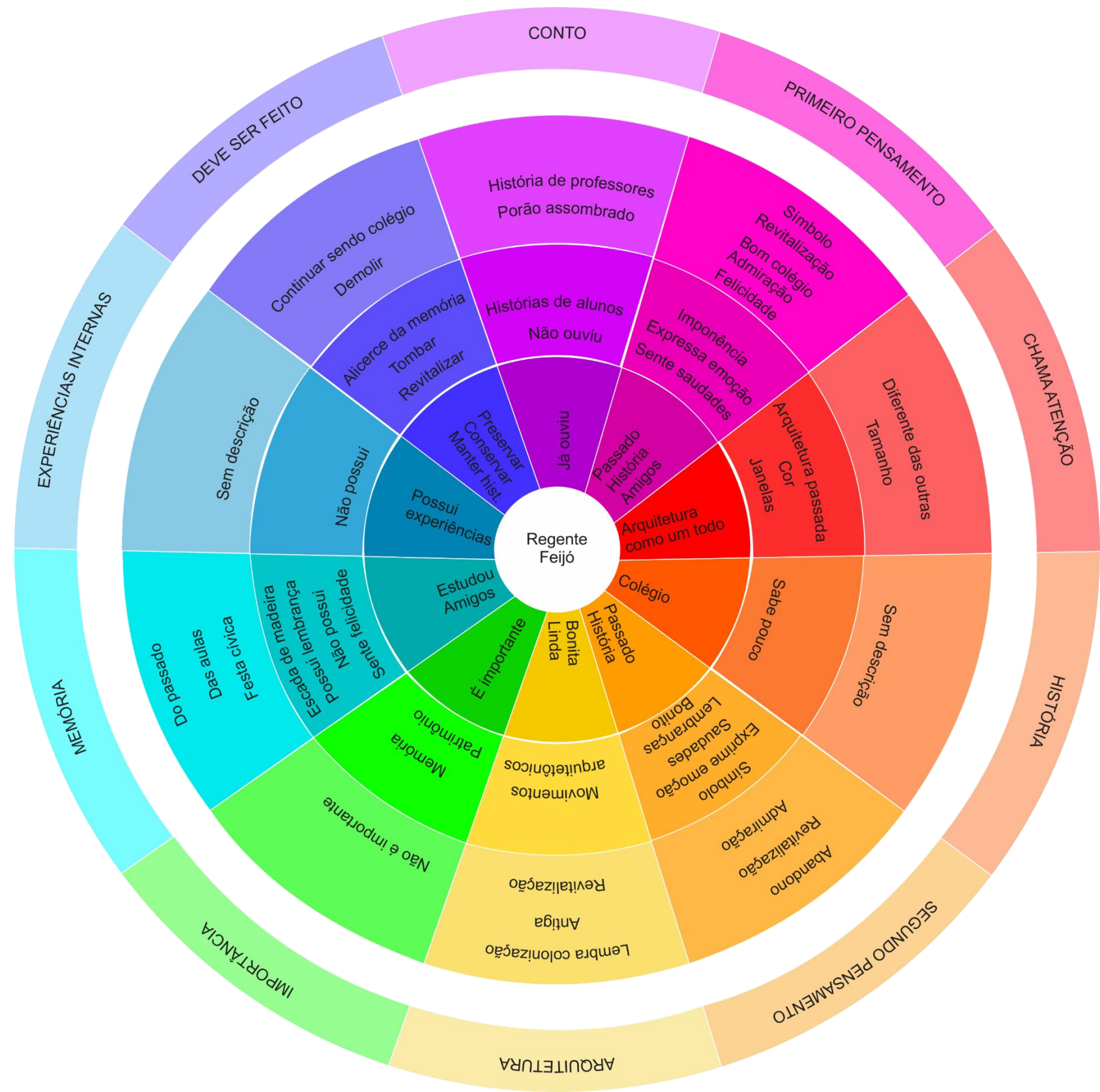
Esse tópico foi formulado com intuito do leitor compreender as percepções dos indivíduos pelos patrimônios estudados. Para isso, as respostas às perguntas do formulário foram analisadas conforme a conectividade do seu tema. Assim, a divisão, aqui, ocorreu através de sete subtópicos, sendo o primeiro relativo à percepção individual genuína; o segundo sobre a percepção arquitetônica; o terceiro traz a análise sobre a importância que os entrevistados depositam nos patrimônios edificados; o quarto subtópico analisa o discurso individual relativo ao conhecimento pessoal pelos patrimônios analisados; o quinto traz a memória e a história para o campo da análise; o sexto resgata a percepção subjetiva a respeito do que o respondente acha importante nos patrimônios; e, o último subtópico demonstra a evolução dos respondentes na percepção genuína, como também a conclusão do tópico.

Nos discursos individuais, a pesquisa conseguiu identificar os significados dos três patrimônios culturais edificados. Cada patrimônio passa uma mensagem às pessoas, sendo que a memória, a arquitetura, a história, a consciência coletiva, e a cultura fazem parte desse diálogo.

A análise da pesquisa pode ser conduzida por dois vieses: o primeiro com o mapa conceitual de cada edificação analisada, os quais serão expostos na sequência, e o segundo com as respostas dos entrevistados, onde aparece as opiniões gerais da população sobre o patrimônio cultural da cidade.

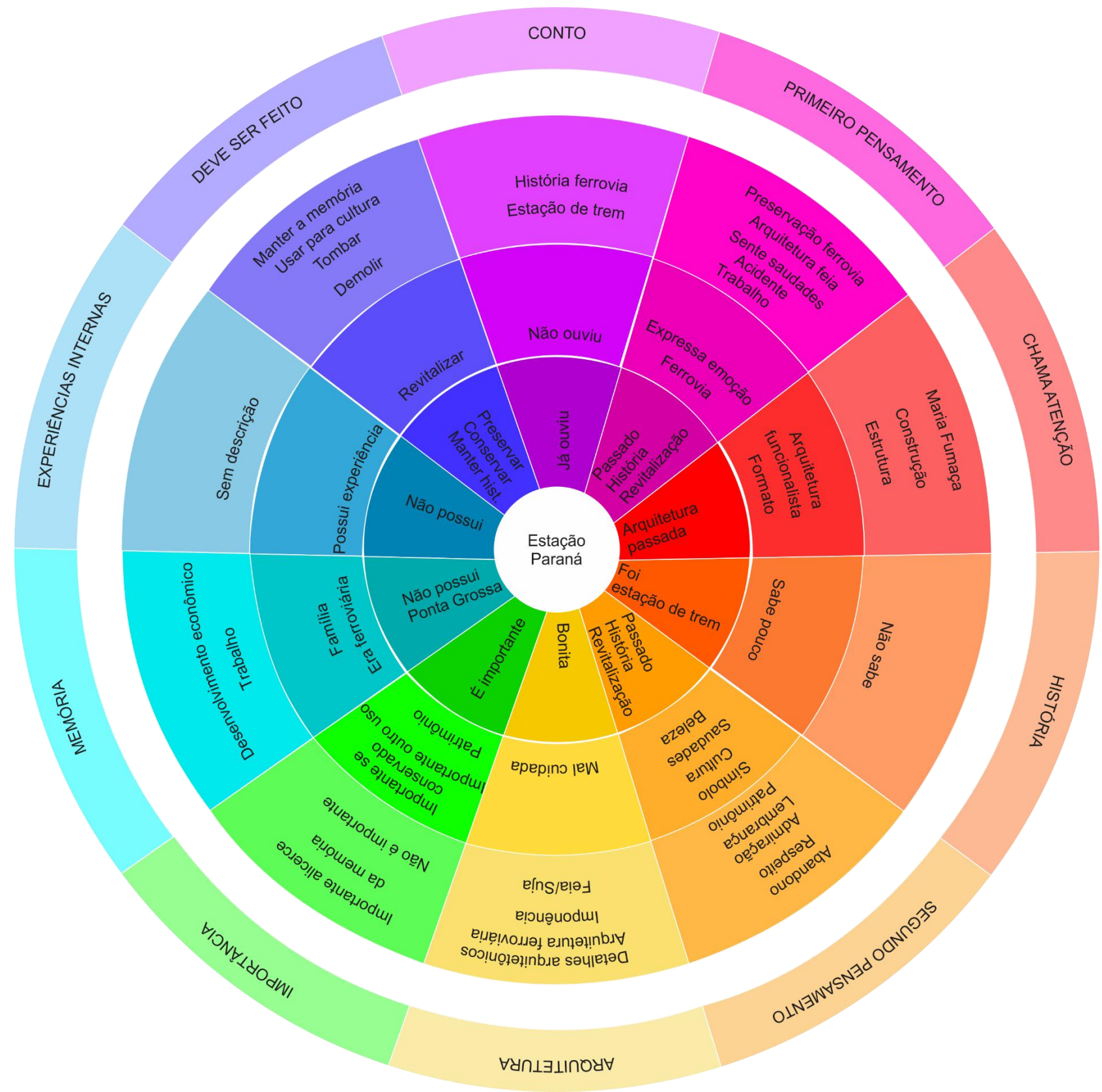
Assim, esse último viés acaba servindo para análises de todos os patrimônios culturais edificados da cidade, pois foi constatado que as percepções das pessoas para com os patrimônios edificados variam pontualmente, sendo que a grande maioria os percebe da mesma forma e intensidade, tornando-as percepções tendenciosas, ou ainda, percepções comuns aos patrimônios culturais edificados de Ponta Grossa (PR).

Mapa Conceitual 1 – Percepções a respeito do Col. Regente Feijó



Fonte: A autora.

Mapa Conceitual 2 – Percepções a respeito da Estação Paraná



Fonte: A autora.

Os mapas conceituais foram formulados a fim de ilustrar a pesquisa qualitativa de cada patrimônio estudado. Cada circunferência condiz com o grau de frequência de citação das palavras-chave, em que quanto mais distante do patrimônio, menor é a frequência das palavras mencionadas. Assim, o primeiro círculo faz referência às palavras-chave mencionadas com muita frequência, o segundo com alguma frequência, e o terceiro, palavras citadas apenas uma vez.

Além disso, os mapas apontam as palavras-chave fazendo relação com cada tema proposto na pesquisa de campo, ou seja, as circunferências foram divididas em dez partes, as quais correspondem à cada pergunta aberta, ficando estabelecido: 1) o primeiro pensamento sobre o patrimônio edificado; 2) o que chama mais a atenção do indivíduo naquele patrimônio?; 3) qual o conhecimento do indivíduo sobre a história daquele patrimônio?; 4) o que a pessoa acha sobre a arquitetura dele; 5) qual a importância daquele patrimônio?; 6) quais as memórias que o indivíduo possui a partir daquele patrimônio?; 7) quais as experiências internas que o participante possui com o patrimônio edificado?; 8) o que deve ser feito com aquele patrimônio?; 9) quais contos o indivíduo tem conhecimento sobre o patrimônio analisado?; e 10) qual o segundo pensamento sobre o patrimônio edificado?.

Verificou-se, assim, que cada patrimônio edificado possui suas próprias características, sendo elas as responsáveis no jogo da percepção. Por isso, ocorre a diferenciação das percepções entre certos temas que dizem respeito sobre o patrimônio. Entretanto, notou-se que mesmo analisando cada mapa conceitual isoladamente, a maioria das percepções se equivalem umas com as outras, independentemente do patrimônio.

Isso fica claro, por exemplo, no caso da Vila Hilda (Mapa Conceitual 3), em que a menção “Fantasma” aparece inúmeras vezes, devido esta ser uma característica própria daquele patrimônio específico. Contudo, as palavras: “passado” e “história” não deixam de existir, confirmando, assim, que são percepções tendenciosas relativas ao patrimônio edificado.

Assim, a seguir serão apresentadas as análises sobre as percepções comuns aos três patrimônios estudados, e que por esse motivo tornam-se percepções condizentes a qualquer patrimônio edificado da cidade.

Passado e memória dão lugar às emoções

A abordagem às pessoas começa com uma introdução prévia³⁶ sobre o assunto dessa pesquisa; introdução essa que tinha intenção de colaborar com o respondente no sentido de aonde a pesquisa queria ir, mas não de influenciar suas respostas. Após, seguia-se com o primeiro questionamento, sendo formulado com intuito de captar a essência desse trabalho, sem que o respondente pudesse ter uma análise prévia sobre o tema (supramencionado), abrindo possibilidades de respostas genuínas. Perguntou-se: “Qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?”. A preocupação era apreender significados e opções ideológicas (MONASTIRSKY, 2006).

Nas respostas observou-se vários tipos de posições, como já era o esperado, sendo a palavra análoga mais utilizada “Passado”. Essa expressão é estabelecida com celeridade dentro de qualquer convenção quando analisado o patrimônio edificado, pois o espaço geográfico é materialmente composto por diversos extratos de tempo, expressos em seus edifícios e espaços públicos, sendo os patrimônios edificados símbolos de um tempo que já se passou, então, alicerces do presente para (re)viver o passado.

Além do discurso passado, os patrimônios se manifestaram como elementos conservadores da memória dos ponta-grossenses, visto que poucos participantes (minoria) conseguiram recordar de imediato experiências diretas e/ou indiretas relativas às edificações estudadas. Segundo ensinamentos de Tuan (2014), Souza (2013) e Rodrigues (2014), pôde-se concluir que os indivíduos que se lembraram de experiências vivenciadas na Estação Paraná, na Vila Hilda ou mesmo no Regente, as percebem como locais especiais carregados de valores mnemônicos, em que lhes são depositados cargas de valorização sentimental, fato esse tangível através das duas respostas selecionadas a seguir: “Adoro essa edificação, saudades dos velhos tempos” (RESPONDENTE A, 2018) – resposta dada à Estação Paraná”; “Colégio que gosto muito, adorava estudar ai, o ensino era muito bom e rígido” (RESPONDENTE B, 2018) – resposta dada ao Colégio Estadual Regente Feijó.

³⁶ A introdução realizada foi: “Essa pesquisa é desenvolvida pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo como foco o Patrimônio Cultural de Ponta Grossa (PR), sendo a/o (falava-se ou escrevia-se o nome do patrimônio em questão) um deles.

Diante disso, esses patrimônios possuem o “[...] poder [de] parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o material [...]” (MONASTIRSKY, 2006, p. 26) e, por esse motivo mostram-se como edificações sensíveis às emoções, agradáveis ou não.

Para a Vila Hilda, além das menções acima descritas (passado, memória e sentimento), a palavra análoga “assombração” apareceu em destaque. Isso ocorre porque soa na cidade muitas lendas a respeito da mansão, principalmente relativas a fatos sobrenaturais. Uma das mais populares diz respeito à lista telefônica, em que foi usada uma fotografia da fachada da antiga residência como capa da lista. Na fotografia aparecia um vulto em uma das vidraças, que se assemelhava à face de um menino. Porém, a equipe que realizou a fotografia afirmou, na época, que isso era impossível, pois no horário que a fotografia foi realizada não havia ninguém no imóvel, dando origem à rumores sobrenaturais.

Para todas as edificações apareceu a expressão análoga: “abandono” e “precisa de reforma”, sendo acentuada na Estação Paraná. Essa sensação que alguns entrevistados possuem está em conformidade com o estado que a edificação se apresenta no espaço geográfico, sendo que parte dessa sensação existe porque a edificação possui uma arquitetura passada e a outra parte, muitas vezes nem levada em consideração, porque o imóvel não está conservado. Afirma-se isso, pois quando o entrevistado trazia à tona essa primeira percepção (no método presencial), questionava-se o porquê dessa resposta, então, o indivíduo respondia que a motivação surgia da arquitetura passada.

Nessa linha de raciocínio, Massey (2008) consegue explicar essa situação quando questiona o discurso da instantaneidade em tempos de globalização, em que o indivíduo torna-se uma vítima da globalização, pois percebe o espaço sem profundidade, ou seja, os patrimônios são percebidos na sua essência puramente horizontal, como se fossem um *outdoor* e não falassem de histórias.

Vivemos, dizem alguns, em uma era espacial. Há uma imaginação da globalização que retrata como um mundo totalmente integrado. [...]. Na forma mais extrema dessa abordagem do atual estado de coisas está uma imaginação de instantaneidade – de um único presente global. Ele se expressa em uma quantidade de formas: em acontecimentos midiáticos globais [...]. O extremo da instantaneidade relembra, mais uma vez, e sob novo disfarce, o espaço como coerência sem costuras de uma estrutura estruturalista, o corte essencial de uma fatia através do tempo. Nessa formulação a temporalidade torna-se impossível [...]. A história torna-se

impensável. Em consequência disso, a apreensão da falta de profundidade. (MASSEY, 2008, p. 119).

Ante todo o exposto, “os edifícios do passado nos falem, eles nos fazem ouvir vozes que nos envolvem em um diálogo” (CHOAY, 2006, p. 140). Esse diálogo atende várias línguas, religiões, etnias, opiniões, idades, culturas; ele é múltiplo e variável. Alguns indivíduos percebem o passado, a história, outros se sensibilizam e outros se frustram.

O patrimônio edificado é a valorização do antigo

As questões seguintes tinham intenção de convidar os participantes a realizar a análise subjetiva não feita anteriormente, sendo assim uma aproximação entre entrevistado e objeto de estudo. Na primeira e na segunda dessas questões, o convite estava pautado na análise referente à forma com a qual a edificação se apresenta no espaço geográfico. Sendo as perguntas respectivamente: “O que mais te chama a atenção nessa edificação?” e, “O que você acha da arquitetura dessa edificação?”. Essas questões traziam à tona a análise subjetiva a respeito da concepção teórica da arte, dos sentidos humanos, em especial a visão, o envolvimento e o conhecimento.

Aqui, algumas respostas foram mencionadas com riqueza de detalhes arquitetônicos, sendo de público envolvido com a arquitetura, daí a aproximação e confiança com a questão: “no prédio, é a arquitetura dele que chama atenção; são os sucos horizontais e detalhes sobre as janelas e no muro da frente detalhado com pilares quadrangulares e a parte superior com curvas” (RESPONDENTE C, 2018) – resposta dada ao Colégio Estadual Regente Feijó.

Contudo, a grande maioria percorreu o caminho da história e da estética de forma simplificada e positiva; ficando a manifestação negativa a cargo de uma só pessoa, em que a mesma afirmou ser feia, antiga e suja a arquitetura da Estação Paraná.

O argumento em relação à história é visível e palpável, pois todas as edificações estudadas possuem projetos arquitetônicos da metade inicial do século XX, que, portanto, remetem ao passado, sendo tais respostas não surpreendentes. Já em relação às respostas positivas quanto à estética, Bonfá (2016) colabora com a análise, quando retrata que as pessoas possuem o poder de enxergar o passado com grandiosidade. Portanto, a admiração estética empregada nos três patrimônios

estudados, condiz com a valorização que os ponta-grossenses depositam em seu passado e em sua história.

Os patrimônios edificados são símbolos que merecem maior atenção

A quarta questão trazia o município de Ponta Grossa para a investigação. A finalidade, aqui, era explorar a compreensão do indivíduo sobre a importância de tais edificações para Ponta Grossa. Não só como edificação, mas como alicerce da história ponta-grossense e da memória. Assim, a pergunta envolvia todos os pontos relativos à percepção; para respondê-la o participante precisava apoiar-se nos seus sentidos, nas suas experiências, na sua memória, no seu envolvimento, na sua construção e posição sociocultural, nas suas emoções e na sua compreensão sobre arte.

Diante disso, nessa questão eclodiu diversas opiniões, poucas negando a importância da existência dos patrimônios na paisagem, outras muitas afirmando sua fundamentalidade no cenário urbano ponta-grossense. Várias respostas positivas traziam em seu bojo a razão representacional dos patrimônios, elencando-os como símbolos históricos, culturais, mnemônicos e arquitetônicos.

A maioria das respostas foram minimalistas (sim/não), havendo poucas justificativas, mas quando mencionadas serviam como advertência aos órgãos competentes pela gestão dos patrimônios culturais, haja vista o estado de conservação e a condução das políticas públicas de incentivo ao conhecimento do legado patrimonial brasileiro.

Recentemente, Lima (2017) verificou o mesmo constatado acima, ou seja, parte da sociedade ponta-grossense compreende a importância da existência dos patrimônios culturais edificados na cidade, mas criticam sobre o prisma do cuidado e do abandono. Todavia, a autora ainda esclarece que o cuidado advém da importância que a sociedade deposita nos patrimônios:

[...] a primeira coisa que ocorre é a determinação de que determinado patrimônio seja importante para a sociedade. Depois disso, vem o processo de cuidados: Restauração, preservação, tombamento e finalmente o uso. Mas não basta só as pessoas terem iniciativa em relação a essa preservação do patrimônio, é de obrigação do poder público tanto federal como o IPHAN, estadual – Secretaria Estadual de Cultura do Paraná -, assim como municipal - Conselho Municipal do Patrimônio Cultural e Artístico de Ponta Grossa (COMPAC), em assegurar que a condição legal e econômica de preservação do patrimônio cultural seja cumprida. (LIMA, 2017, p. 54).

Desse modo, verificou-se que a importância que a sociedade atribui ao patrimônio cultural edificado está totalmente conectado com o estado que este se apresenta no espaço geográfico e como é proposto seu uso. Isto é, parte dos pontagrossenses compreendem os patrimônios como importantes e fundamentais na paisagem urbana, se preenchem a utilidade do mercado capitalista e as lacunas estéticas que a sociedade solicita.

Há de se esclarecer ainda que o descuido não decorre somente pela negligência por parte do poder público. A deterioração provém também de processos humanos realizados a partir das múltiplas concepções ideológicas. Consequentemente, Garbuio e Monastirsky (2018, p. 28) apontam que a sociedade pontagrossense não “está preparada para atender aos cuidados de que o patrimônio necessita”, pois, muitas vezes, não age em prol desse e sim contra.

Assim, as advertências fixadas nas justificativas são válidas em partes, pois todo patrimônio edificado possui história e memória, sendo elas vivenciadas através das marcas deixadas no tempo. O passado é recordado pelas marcas deixadas nas paredes, no chão e no teto. O novo pode ser belo, mas não conta sobre a história. Por isso, cabe à sociedade a missão de realizar “o conhecimento generalizado [...] (mediante educação e divulgação) sobre a importância do patrimônio cultural, sua preservação e manutenção” (GARBUIO, 2018, p. 29), e não o limitar à mercadoria ou a cartão postal.

Os valores espaciais são proporcionais às relações pessoais

As experiências possuem forte influência na composição da percepção do espaço geográfico, sendo a experiência a maneira que o indivíduo constrói e conhece a realidade (Tuan, 2014); elas podem ser formadas a partir de relações pessoais com o próprio espaço ou por meio de relações indiretas.

Assim, a quinta questão preocupava-se quanto às relações que os respondentes possuíam com os patrimônios. Aqui, perguntava-se se o indivíduo conhecia a edificação por dentro.

Infelizmente, houve discrepância acentuada entre os patrimônios. Ficou claro o grande número de pessoas que conhecem pessoalmente o Colégio Estadual Regente Feijó, muitas delas estudaram ali e por isso possuem carinho e afeição pela edificação.

Já nas outras duas edificações, não houve muita positividade, sendo que na Estação Paraná alguns indivíduos deixaram a questão em branco.

Nas respostas, observou-se que quanto maior a expressividade nas respostas – tanto positivamente quanto negativamente – maior era a relação pessoal com o patrimônio analisado. Uma vez que, os indivíduos que se manifestaram como conhecedores das estruturas internas dos patrimônios edificados foram os que mais demonstraram possuir algum tipo de sentimento por eles. Schirru (2017, p. s/n), esclarece que “o relato da memória, narrado por um indivíduo que viveu o episódio, vem carregado de paixões individuais, emoções e entusiasmos que dão veracidade ao conteúdo”.

Portanto, é concluso que a percepção dos patrimônios edificados adquire profundo significado quando há o contínuo acréscimo de sentimento depositado nas relações pessoais ao longo dos anos, pois são as relações pessoais que sugerem os valores espaciais mais acentuados.

Assim, muitos participantes possuem valor acentuado pelo Regente. Poucos pela Estação Paraná e pouquíssimos pela Vila Hilda. Essa análise é justificável, visto que a função de cada uma dessas edificações é proporcional ao número de pessoas que os frequentam e/ou visitam.

A consciência mnemônica é o alicerce da preservação do patrimônio

A sexta, sétima e oitava questões tinham intenção de compreender se os entrevistados conheciam a história dos patrimônios, se as edificações lhe traziam alguma lembrança e, se eles conheciam algum conto relacionado aos patrimônios estudados.

Felizmente, constatou-se que a maioria das pessoas conhecem a história do Colégio Estadual Regente Feijó, da Vila Hilda e da Estação Paraná. Entretanto, muitos descreveram a história com tom inibidor, não compreendendo qual era a precisão exata da resposta, utilizando-se de palavras elementares: Colégio Estadual Regente Feijó – colégio, Vila Hilda – residência, Estação Paraná – estação ferroviária.

Na questão da memória, a pesquisa demonstrou-se genuína a cada patrimônio. A maioria das pessoas possuem algum tipo de lembrança ligada ao Regente, sendo ele, dentre os três analisados, o patrimônio que mais revela memórias. Além do mais,

muitas memórias, aqui, percorrem o caminho das emoções, pelo fato dos participantes terem uma relação pessoal com a edificação – terem estudado lá.

Já em relação às memórias reveladas pela Estação Paraná e pela Vila Hilda, existiram pouquíssimas respostas positivas, sendo que a maioria dos indivíduos não possuem nenhuma lembrança relacionada a essas edificações.

Dito isso, percebeu-se, aqui, que o uso coletivo e popular do patrimônio edificado o eleva a um patamar diferenciado quando comparado a outros que não possuem esse uso coletivo e popular, em que:

as significações e as funções sociais dos espaços se modificam com o passar do tempo. Os espaços que não condensam mais as expressões passadas devem ser reinterpretados como elementos de um novo modelo de signos, sem, contudo, perder a continuidade histórica, sobretudo, com relação à memória coletiva. (MONASTIRSKY, 2006, p. 94).

É o caso da Estação Paraná e da Vila Hilda. São edificações que tiveram suas funções alteradas ao longo do tempo, mas conseguem, de certa forma, passar uma mensagem mnemônica e histórica para a população. A maioria das pessoas não exprimem memórias pessoais referente a esses dois patrimônios, mas conseguem perceber que são instrumentos do resgate da memória.

É bom para Ponta Grossa ter essa edificação?
Sim, bom para lembrar o passado.
Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação?
Não.
Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação?
Não. (RESPONDENTE D, 2018). Resposta dada à Vila Hilda.

Assim como o Respondente D, outros participantes manifestaram essa posição, verificando a existência da consciência coletiva mnemônica. Pois, mesmo o indivíduo não possuindo uma memória particular com o patrimônio, ele compreende que esse patrimônio consegue resgatar memórias de outras pessoas, sendo esse o motivo de sua importância.

Patrimônio cultural deve ser preservado, mantido e conservado

Finalmente, foi questionado as pessoas sobre o que elas acreditavam que deveria ser feito com os patrimônios estudados. Aqui, a resposta dada serviu como sustentação da resposta à quarta pergunta, havendo o seu cruzamento. Assim, o indivíduo que compreende a importância da existência do patrimônio cultural para Ponta Grossa, é o mesmo que entende que esse patrimônio deve ser preservado e

mantido, haja vista ser a edificação que representa a identidade ponta-grossense, como também é palco da sustentação da memória e história, sendo a resposta da grande maioria. Para exemplificar essa afirmação, é apresentada a resposta que se destacou:

Deve-se manter o local, conservá-lo e ser dada uma atenção maior a edificação. Pelo fato da grandiosidade cultural que o mesmo representa e também somado ao fato de que tem exercido um papel fundamental na vida de nós, cidadãos pontagrossenses, pois através de suas memórias conseguimos conhecer com afinco a história de toda uma geração (RESPONDENTE E, 2018) – resposta dada à Estação Paraná.

Por outro lado, infelizmente parte dos respondentes compreendem que as edificações possuem arquitetura ultrapassada e estão mal cuidadas, sendo motivos para substituí-las por edificações que atendam a demanda do mercado capitalista, como também a estética arquitetônica contemporânea. Ironicamente, algumas dessas pessoas possuem envolvimento com o tema, sendo de responsabilidade delas a propagação e divulgação quanto à educação patrimonial.

Educação Patrimonial constitui um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo no qual, a partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural. [...] Destaca-se o papel da escola como agente no trabalho de preservação e valorização do patrimônio cultural. (MALTÊZ et al., 2010, p. 43).

Paralelamente a isso, tem-se o papel do arquiteto na divulgação da importância da preservação do patrimônio cultural, visto que Dimenstein (2017) retrata que o patrimônio cultural constitui um campo inter e transdisciplinar, envolvendo a história, a arquitetura, a geografia, a linguagem, entre outros, sendo a função de cada uma dessas disciplinas a ampliação da educação patrimonial.

Além desses apontamentos, essa questão conseguiu apresentar outra curiosidade referente à percepção dos indivíduos frente aos patrimônios culturais edificados, sendo ela entristecedora, pois revela o baixo índice de educação patrimonial da sociedade ponta-grossense. Em que, alguns participantes não compreendem como o bem cultural se manifesta como patrimônio cultural e, não conhecem o legado cultural e histórico de sua cidade, estado ou nação. Diante disso, não basta existir uma descrição prévia em frente às edificações. É preciso haver uma

incessante educação patrimonial para que toda a sociedade ponta-grossense compreenda as facetas do fenômeno patrimonial.

Felizmente, assim como as outras questões, a maioria dos participantes percebem a importância na preservação, manutenção e conservação do Colégio Estadual Regente Feijó, da Estação Paraná e da Vila Hilda.

Memórias e emoções percebidas como segundo plano

Finalmente, a última pergunta aberta. Aqui, encontrava-se o ápice desse trabalho, pois o indivíduo, após responder todas as perguntas precedentes, havia feito, em seu subconsciente, a análise subjetiva sobre a percepção do patrimônio. Assim, esperava-se, aqui, uma resposta mais detalhada, carregada de significados, expressões, sentimentos e memórias quando comparada à primeira questão. Para isso ocorrer, perguntou-se exatamente: “Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?”.

A questão conseguiu desmistificar a percepção escondida no interior de parte dos indivíduos participantes. O jogo analítico de comparação das duas perguntas iguais mostrou-se totalmente interessante. Num primeiro momento da aplicação do formulário/questionário, a conversa acontecia com homens da multidão, mas conforme a pesquisa fluía, mais interessado torna-se o participante, sendo possível captar o *flâneur* recluso de dentro de cada homem da multidão. Contudo, mesmo havendo a retomada da primeira pergunta, algumas pessoas não conseguiram, mesmo assim, expor suas percepções com mais expressividade, sendo esse fato mais registrado no método presencial, caindo na hipótese prevista por Marconi e Lakatos (2003).

Entretanto, algumas dessas pessoas que não se expressaram (presencial) com riqueza de detalhes nas duas perguntas-chave dessa pesquisa, demonstraram, de alguma maneira, certa emoção, pois “embora certas formas de manifestação das emoções possam ser aprendidas, existem expressões, especialmente as faciais, que são inatas, [...] nos seres humanos” (MIGUEL, 2015, p. 154).

Já o questionário, mesmo não tendo a vantagem da técnica da observação, auxiliando o pesquisador a apreender os sinais humanos, carrega a vantagem do entrevistado possuir maior liberdade nas respostas, visto que há o anonimato e não

há a figura do entrevistador. Por isso, algumas respostas verificadas nos questionários demonstraram mais essa liberdade e expressividade:

Qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?
De alguma forma nos remete ao passado e nos traz informações incríveis.
(RESPONDENTE E, 2018) Resposta dada à Estação Paraná na primeira pergunta.
Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?
Respeito e admiração são os dois sentimentos que me vem ao falar/ lembrar de um local que guarda documentos, histórias, cultura e transmite sensações tão relevantes para nós, o que nos permite abranger nossos conhecimentos.
(RESPONDENTE F, 2018) Resposta dada à Estação Paraná na última pergunta.

O Respondente F conseguiu expressar suas emoções e memórias, mas essa não foi a realidade da maioria do grupo, visto que poucas pessoas conseguiram expressar suas percepções, levando em consideração suas emoções e suas memórias (mesmo existindo). De modo que, a grande maioria não recorreu às emoções e à memória para responder as questões em ambas as técnicas de pesquisa. Evidenciando, assim, que os patrimônios culturais edificados sugerem emoções e revelam memórias; em que parte da sociedade consegue expressar de forma natural essas emoções e essas memórias, porém, a outra parte está subordinada à forma racional do ser humano, isto porque a construção sociocultural da sociedade foi direcionada a pensar que: demonstrar sentimento ou mesmo recordação denota fraqueza, tolice, falta de intelectualidade, pois

O indivíduo é orientado por uma lógica da divisão social do trabalho, onde sua principal preocupação é tornar-se capacitado para exercer uma atividade na cadeia produtiva que seja capaz de suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. A sociedade capitalista não forma indivíduos livres e autônomos como muitas vezes prega o discurso neoliberal. Ela forma indivíduos para o capital, prontos para atenderem os interesses e necessidades do mercado, o que acaba por obliterar o modo ser e legitimar o modo ter e existência. (ALMEIDA, 2017, p. 23).

Isso ficou muito claro quando, especialmente em duas entrevistas, os entrevistados em nenhum momento recorreram às emoções para responder as questões. Todavia, em conversa informal posterior à aplicação do formulário, manifestaram muitas emoções pelos patrimônios, tanto verbais quanto faciais.

Nessa questão, houve poucas respostas que recorreram às memórias, mas quando mencionadas traziam as emoções para exemplificá-las. Além disso, alguns

indivíduos que não trouxeram a memória como primeiro pensamento sobre os patrimônios, trouxeram-na aqui.

Felizmente, muitos participantes concluem que a manutenção e conservação são instrumentos importantes no processo da preservação e divulgação dos patrimônios, visto que o Colégio Estadual Regente Feijó, a Estação Paraná e a Vila Hilda são símbolos culturais, históricos, arquitetônicos, e mnemônicos dos pontagrossenses.

Posto todos esses apontamentos, conclui-se até essa questão, que num primeiro momento as pessoas demonstravam-se inseguras sobre o tema: o que falar, o que não falar, o que sentir, o que não sentir, o que recordar, e o que não recordar. Eram convidadas a sair da zona do homem da multidão e percorrer os corredores do *flâneur*. A maioria continuou tímida, mas, muitas vezes, a timidez era transformada em olhares e feições, positivas e/ou negativas, sendo o anonimato o colaborador efetivo contra ela. Além da timidez, o modo de produção capitalista determinou o rumo de muitas respostas, sendo o elo negativo delas. A forma com a qual o Regente, a Estação e a Vila Hilda se apresentam na paisagem urbana de Ponta Grossa é um dos pontos mais marcantes da percepção, pois várias pessoas expressam o que conseguem captar no sentido da visão, e poucas conseguem expressar as emoções e memórias advindas desses patrimônios, mesmo elas existindo. Madalozzo (2015) consegue justificar essa situação quando traz que:

Em edifícios relativamente novos, as pessoas mencionam muito mais informações e opiniões a respeito das atividades vividas dentro do mesmo do que apontam a respeito do exterior ou do contexto do prédio. Já nos elementos construídos históricos, por haver um uso menos divulgado ou, ainda, por não haver uso, os entrevistados se atêm muito mais à aparência externa e ao estado de conservação de cada edificação. (MADALOZZO, 2015, p. 161).

Assim, os patrimônios estudados passam uma mensagem que fala de vários significados. Esses significados representam os pontagrossenses, e, por isso, são percebidos como símbolos municipais.

3.3 A RELAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS EDIFICADOS COM A PAISAGEM URBANA: REFLEXÕES E RESULTADOS

A paisagem urbana é fruto de obra coletiva produzida pela sociedade e, por isso, contempla todas as dimensões humanas. Nessa concepção, a paisagem revela-se repleta de vida, capaz de expressar sentimentos diversos, alguns contraditórios inclusive. As marcas do tempo impressas na paisagem, facilmente identificadas por aqueles que ali vivem, pois o lugar é o espaço da vida, revelam uma construção histórica cheia de arte e de lembrança (PIRES et al., 2016, 349).

Por ser produzida pela sociedade, a paisagem urbana é transformada constantemente para servir os desejos ou necessidades dos indivíduos. É uma praça revitalizada, é a abertura de novas vias de tráfego, é a construção de edificações, entre outros. O crescimento gradual da população, a disseminação da globalização, a evolução na tecnologia são algumas das situações que colaboram nessa transformação da paisagem.

Para Caetano e Bezzi (2011), a disseminação da globalização é fato marcante nesse processo de transformação. Nessa linha de raciocínio, Massey (2008) relata que o indivíduo é fruto da globalização, sendo ela uma aniquiladora da multiplicidade espacial, em que reduz a diversidade espacial. Por isso, alguns indivíduos globalizados solicitam apreender as mudanças na paisagem urbana, uma vez que a não ocorrência disso resulta em consternação. Tal fato ficou claro quando, infelizmente, foi constatado que certas pessoas percebem a edificação do Colégio Estadual Regente Feijó, da Estação Paraná e da Vila Hilda como sendo uma edificação que representa o atraso da sociedade ponta-grossense, caracterizando-as como antiquadas, ultrapassadas e obsoletas: “Bem, eu sou a favor de modernizar e construir coisas novas, deixando a cidade mais *clean*, com construções modernas” (RESPONDENTE F, 2018) Resposta dada à Vila Hilda. “Acho que deve demolir e construir um moderno” (RESPONDENTE G, 2018) Resposta dada ao Colégio Estadual Regente Feijó.

Há de se destacar, ainda, que as pessoas mencionadas acima possuem uma renda média mensal entre 11 a 20 salários mínimos, pertencendo à elite ponta-grossense. Sobre isso, Pedro Paulo de Melo Saraiva comenta em entrevista à Puls (2016), a elite brasileira é ignorante, pois não possui uma formação cultural, ela adere a todos os modismos:

Um empresário americano é rico há muitas gerações, tem uma estrutura de antepassados. E o europeu nem se fala. Você vai fazer um edifício pós-moderno em Roma? Não fica bem, eles zelam pelo passado. A Europa tem história. E os Estados Unidos têm presente. Mas possuem também mais de um século de boa arquitetura. Nós não. (SARAIVA apud PULS, 2016, p. 31).

Paralelamente a isso, Jacobs (2011) retrata que a solicitação de uma paisagem formada por um padrão estético gera a monotonia e, conseqüentemente, o marasmo, tornando-a desanimada e sem graça. Ponta Grossa, assim como qualquer outra cidade, necessita de edificações diversificadas, que tragam em seu bojo razões de ordem histórica, intelectual, arquitetônica, cultural e mnemônica, visto que a morte dos espaços urbanos está intimamente conectada à apatia das paisagens urbanas (JACOBS, 2011).

Diante disso, parte da elite ponta-grossense não possui uma formação cultural própria, pega para si culturas advindas de núcleos de poder externo, tratando sua própria história, arquitetura, memória e cultura como mercadorias ultrapassadas diante da era contemporânea. Além do mais, como a cidade é desenhada conforme o querer da elite dominante (SANTOS, 1988), o prejuízo patrimonial é sempre temido e, muitas vezes, inevitável. Dito isso, conclui-se que essa parcela da sociedade compreende que a paisagem urbana de Ponta Grossa deve ser formada por padrões estéticos que a globalização sugere, percebendo a relação dos patrimônios analisados com a paisagem ponta-grossense como negativa.

A sociedade contemporânea apresenta característica de segregação, cujas marcas são a alienação, o medo, o anonimato, o individualismo e a indiferença. O reflexo desse comportamento é a ausência de um reconhecimento da própria história e pertencimento na paisagem na qual se insere (SAFE e PEREIRA, 2015, p. 4).

Por outro lado, a maioria dos discursos individuais conseguiram trazer a positividade da relação dos patrimônios edificados com a paisagem urbana.

Eu sinto emoção de ver a beleza dele e, ao mesmo tempo associar isso com minha história. Quando passo aqui procuro as salas que estudei. Eu vejo ele quando passo a pé ou quando paro no semáforo. Muito bom ter ele aí, nesse local. (RESPONDENTE H, 2018) Resposta dada ao Colégio Estadual Regente Feijó.

Assim como esse, vários outros discursos trouxeram a relação de afeto, de carinho e de intimidade que as pessoas possuem com todos os patrimônios

estudados. Essa relação faz com que essas edificações se sobressaíam no jogo da percepção e consigam, por alguns instantes ou mais, resgatar o *flâneur* de cada indivíduo.

Os patrimônios edificados são instrumentos da conservação e manutenção da memória. São capazes de estimular o imaginário dos indivíduos para além de suas paredes. A relação do Regente, da Estação e da Vila Hilda com a paisagem ponta-grossense é uma relação de comunhão, em que a paisagem necessita do patrimônio na mesma proporção que o patrimônio necessita da paisagem. As percepções são relativas ao todo, não há como perceber o patrimônio edificado sem perceber os outros elementos constituintes da paisagem.

Ponta Grossa possui paisagem que aporta várias possibilidades de recordação, pois possui vasto patrimônio cultural edificado, sendo eles lembretes deixados na cidade, sendo capazes de dialogar conteúdos históricos, culturais, arquitetônicos e sociais. Viver permeado desses conteúdos desperta a capacidade de percepção e observação dos indivíduos, ativando os sentidos, processo intuitivo educativo patrimonial (SAFE e PEREIRA, 2015).

A reflexão sobre essa relação: Regente, paisagem; Estação, paisagem, e, Vila Hilda, paisagem, contribuiu para as práticas de preservação conscientes na paisagem urbana ponta-grossense, incluindo a própria população.

Outro resultado que se verificou, resultado esse que tornou-se corrente nas pesquisas sobre patrimônio, é que “a população está sempre descontente com aquilo que lhe é oferecido. [...] Poucas pessoas conhecem as funções dos edifícios históricos ou os eventos que ali ocorrem” (MADALOZZO, 2015, p. 166). Denotando, assim, uma relação de insignificância de tal patrimônio para com a paisagem, visto que algumas pessoas manifestam a compreensão sobre a importância dos patrimônios edificados na paisagem de Ponta Grossa se cumprirem razões de utilidade à educação patrimonial. Todavia, essa utilidade já é realidade nos três patrimônios.

Durante todo o percurso da pesquisa qualitativa foi ficando cada vez mais claro o significado de cada um dos patrimônios estudados. Cada patrimônio passa uma mensagem particular para a sociedade ponta-grossense, que o caracteriza como símbolo daquele respectivo significado. Assim, através dessa pesquisa verificou-se que as pessoas percebem o Colégio Estadual Regente Feijó como um símbolo na paisagem ponta-grossense que carrega significado histórico, mnemônico, cultural e

arquitetônico, pois a edificação fala do passado, das memórias e da arquitetura com os indivíduos.

As pessoas percebem a Estação Paraná como um símbolo na paisagem urbana de Ponta Grossa que fala da história ferroviária, da cultura e da sustentação da memória. Já a Vila Hilda é percebida como símbolo na paisagem que traz em seu bojo razões arquitetônicas, culturais e históricas. Ela passa uma mensagem sobre sua imponência arquitetônica, sobre a identidade cultural ponta-grossense e sobre um passado enraizado em suas paredes.

Assim, verificou-se que a paisagem é uma pintura real carregada de mensagens que dialogam sobre sentimentos, emoções, momentos nostálgicos, e história, sendo, então, portadoras de símbolos, sendo esse o motivo para serem percebidas como importantes e fundamentais.

Ante todo o exposto, é conclusivo afirmar que a partir das reflexões, constatou-se que os resultados obtidos conseguiram atender aos objetivos iniciais da pesquisa: compreender as percepções dos indivíduos pelos patrimônios culturais edificados; compreender as mensagens que os patrimônios edificados passam às pessoas; compreender quais valores e importância as pessoas depositam nos patrimônios; compreender a diferenciação das percepções entre os grupos sociais; e, compreender o conhecimento da sociedade ponta-grossense sobre o legado cultural.

Ainda sobre isso, verificou-se que Ponta Grossa apresenta deficiências em relação ao patrimônio cultural local. No entanto, para que tais deficiências sejam sanadas, cabe mencionar e destacar a importância da contínua relação de todos os elos envolvidos na promoção e incentivo ao patrimônio: poder público, sociedade, proprietários e academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou a importância de se compreender as percepções dos indivíduos pelos patrimônios culturais, sobretudo, os edificados. A valorização simbólica depositada nos patrimônios deriva da construção sociocultural de determinada sociedade, ficando isso evidente nesse trabalho.

Ao longo do trajeto, percebeu-se quão eficaz e interessante foi para a pesquisa a associação interdisciplinar entre a arquitetura e geografia. Elas marcaram a base referencial e toda a discussão entorno dos objetivos. Não obstante a elas, também apareceu em evidência a história – e correlacionada a ela, a memória -, pois ela auxiliou a compreender a relação dos patrimônios no tempo, fato esse determinante nesse trabalho.

Sem intenção de colocar tais ciências em processo comparativo (mais adequada para a pesquisa *versus* menos adequada para a pesquisa), pois cada uma possui suas especificidades que apresentam análises distintas, há de se declarar o papel de destaque da ciência geográfica nessa pesquisa, visto que ela esteve condicionada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, sendo a responsável pelo arcabouço teórico, pelas iniciativas acadêmicas no tema, pelas motivações da pesquisadora, entre outros. Assim, mesmo utilizando outras disciplinas para conseguir alcançar os objetivos, essa pesquisa detém um caráter geográfico.

Quanto à metodologia empregada, a mesma proporcionou facilidade para o cumprimento do objetivo. A decisão de utilizar dois instrumentos metodológicos distintos – Formulário e Questionário, foi assertiva, visto que as vantagens de um mostram-se como as desvantagens do outro e vice versa, sendo dois instrumentos que se autocomplementam. Já a ferramenta *Google Drive* Formulários demonstrou ser o diferencial positivo, pois trouxe vantagem para a realização da análise dos discursos individuais, sendo a celeridade e a contabilização automática das respostas pontos fundamentais nisso.

Assim, pôde-se concluir que o objetivo principal desse trabalho foi atingido com o auxílio das técnicas metodológicas utilizadas, limitando-as em pontos específicos. O primeiro ponto diz respeito ao desinteresse individual sobre o tema, em que muitas pessoas negaram-se a participar da pesquisa em ambos os métodos. Já o segundo corresponde às contradições percebidas nas respostas, sendo tais respostas

interpretadas como atos inseguros, ou ainda, mensagens passadas a fim de agradar a(s) entrevistadora(s).

Para esclarecer cada consideração, as mesmas serão apresentadas através de tópicos, as quais estão elencadas a seguir:

Emoções

As emoções não são reveladas com facilidade. Não externar as emoções é algo inato no ser humano; torna-se para muitos uma insegurança, certas vezes, compreendido como fragilidade. Diante do cenário que o capitalismo influencia a construção sociocultural do indivíduo, esse conceito apresenta-se com mais frequência ainda. Dentro dessa óptica, pensar em emoções é irrelevante. Mesmo provocando-as, observa-se o silêncio emocional, em que somente algumas pessoas conseguem expor seus sentimentos pelos patrimônios. Essa realidade inverte-se à medida que o indivíduo sente-se seguro diante da relação entrevistado e entrevistador, visto que a percepção emocional é agora demonstrada, seja por conversas informais e/ou ocultas (gestos/feições). Desse modo, as pessoas, de fato, sentem algo pelos patrimônios, seja positivo ou negativo. Constata-se que poucas expõem com facilidade seus sentimentos, algumas exteriorizam sentimentos quando existe a ligação direta com o patrimônio percebido, e outras manifestam alguma emoção se gozarem de confiança.

Sociedade moldada no desinteresse patrimonial

Foi ficando evidente que parte da sociedade não possui interesse no patrimônio. O desconhecimento acerca do tema é realidade na vida de muitos indivíduos, em que não compreendem que o bem cultural torna-se patrimônio à medida que lhe é depositado valorização simbólica, não sendo necessário a efetivação do ato jurídico do tombamento para isso. A perspectiva globalizada, tão presente no dia a dia resulta no desinteresse patrimonial; algumas pessoas percebem o patrimônio edificado como sinônimo de atraso social. Existe, ainda, o desinteresse camuflado, sendo alicerçado no interesse individual do ser, em que o indivíduo demonstra desinteresse patrimonial na medida em que o bem cultural não o serve da maneira como ele gostaria, no entanto, compreende que é importante preservar e manter os patrimônios. Assim, nesse ponto de vista os indivíduos preocupam-se na vantagem (econômica, social e/ou cultural) que podem obter através do patrimônio,

porque são moldados por instrumentos capitalistas egocêntricos, em que pensar e agir em prol do bem comum é algo pouco percebido.

A necessidade da educação patrimonial

As cidades estão crescendo em ritmo acelerado, várias edificações novas estão surgindo, e inúmeros patrimônios culturais, sobretudo, os edificadas, desaparecendo. Essa extinção advém do desinteresse social (tanto do poder público quanto da sociedade como um todo) pelo patrimônio, o qual é provocado, também, pela carência de educação patrimonial. Tal educação está longe da pauta de muitos núcleos educacionais, sendo fator de preocupação, pois são peças fundamentais na construção dos indivíduos. A própria pesquisadora aqui, é um exemplo disso; em que teve o primeiro contato com o patrimônio durante sua segunda graduação (Arquitetura e Urbanismo), isso porque é uma ciência que possui familiaridade com tema, caso contrário, permaneceria na escuridão. Compreender o patrimônio é tão importante quanto compreender matemática, língua portuguesa, história, etc. Contudo, as políticas públicas brasileiras de incentivo e difusão da importância do patrimônio caminham lentamente, no entanto, resultados positivos começam a aparecer quando surgem resquícios de consciência coletiva patrimonial.

Dito isso, é evidente a necessidade da aplicação da educação patrimonial em todas as esferas de todas as cidades, pois o desconhecimento social da importância da própria cultura rebaixa o cidadão à ignorância.

Arquitetura

A arquitetura está tão presente no dia a dia das pessoas, que às vezes percebê-la torna-se algo incomum. Os indivíduos caminham pela cidade e muitos não conseguem fazer uma simples reflexão pelas arquiteturas existentes nesse espaço. A arquitetura é arte, seja de qual dimensão for, apesar disso, as pessoas não as percebem sempre assim. Os fatores: prestígio, imponência arquitetônica (tamanho), arquitetura díspar são algumas das razões que elevam as edificações a um grau de contemplação diferenciada.

Analisar a arquitetura empregada no espaço urbano apresenta-se como estudo interessante, pois revela como o espaço geográfico é (re)construído e (re)desenhado. Assim, o trabalho apresenta-se como material de apoio a questões que carregam em

seu bojo a importância de se compreender a arquitetura urbana, visto que ela exibe a cultura, a história e a memória de uma sociedade, e, por isso, deve ser compreendida e analisada.

O que acontece aqui mesmo?

Durante todo o percurso desse trabalho, foi sendo apresentado e reafirmado quão extenso é o campo patrimonial na paisagem urbana ponta-grossense. Os patrimônios edificados estão expostos na cidade para serem contemplados e visitados, quando possível. Porém, esse panorama torna-se pouco percebido, pois as pessoas desconhecem as funções exercidas nas edificações tombadas, mesmo existindo material visível de apoio a esse conhecimento. Assim, parte da sociedade manifesta-se como descontente pela função empregada nas edificações antigas, alegando que as mesmas deveriam servir para algo ligado à cultura, sendo aberto para visitação. Eis que tais afirmações servem de apoio para reafirmar que parte da sociedade local não sabe e não se interessa em saber o que acontece e/ou funciona nas edificações históricas.

Transformar o patrimônio histórico em museu

A alternativa de transformar o patrimônio histórico em museu, como uma forma de promovê-lo e defendê-lo, faz com que o turismo, neste contexto, torne-se fiador da monumentalidade conservada (MONASTIRSKY, 2006, p. 141).

A transformação das funções de um patrimônio cultural para museu repercute positivamente na promoção e na defesa deste. Nesse contexto, o turismo colabora na constante (re)interpretação dos signos patrimoniais. A presença do turista no museu propicia a existência do *flanêur*. Assim, a museificação pode ser uma alternativa interessante em alguns patrimônios.

A pesquisa conseguiu sanar as inquietações de início. No entanto, outras preocupações surgiram através dela, as quais podem dar origem a estudos futuros. O patrimônio cultural e natural merece a devida atenção e compreensão de toda a sociedade brasileira. Para isso, a inserção de políticas públicas de incentivo e promoção devem estar na pauta da agenda dos núcleos educacionais.

A união de todos os agentes do espaço geográfico, sejam eles poder público, iniciativa privada, sociedade organizada, academia, é fundamental para compor a contribuição ao patrimônio, pois cada um deles detém uma contribuição para com o tema. Quando há a fragilidade de um desses agentes a compreensão sobre o patrimônio torna-se debilitada. Com isso, mesmo as cidades, especialmente aqui Ponta Grossa, possuindo iniciativas a fim de incentivar e promover o patrimônio cultural, estão muito aquém do ideal, sendo o ideal um processo percebido a longo prazo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas se transformam em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa de distinção dos “Mestres da Arte”. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 81-94.

ALMEIDA, Felipe Mateus de. Reflexões sobre o amor na sociedade capitalista. **Revista Espaço Livre**, v. 12, n. 23, p. 21-27, 2017.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Paisagens culturais e patrimônio cultural: contribuições introdutórias para reflexões. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 186-194.

ALVES, Ana Paula Aparecida Ferreira. **Os mundos rural e urbano: relações e interações a partir do cotidiano da comunidade de São João no Vale do Ribeira – PR**. 2011. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR.

ANDERSON, Kay; SMITH, Susan. Editorial: emotional geographies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, ano 26, nº 1, p. 7-10, mar. 2001.

ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar e Cultura, 2013. p. 98-105.

ARTIGAS, Vilanova. A arquitetura moderna brasileira. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. p. 195-197.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papiros, 2000.

BATISTA, Niltonci (Org.). **Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2004.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENATTI, Camila. A geografia cultural: das concepções clássicas às novas tendências e dinâmicas na contemporaneidade. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 2-11, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeni (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 84-91.

BOMFIM, Natanael Reis; ROCHA, Lurdes Bertol (Orgs.). **As representações na geografia**. Ilhéus: Editora da UESC, 2012.

BONFÁ, Douglas Cerdeira. Antiguidade, identidade e os usos do passado. **Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade**, Campinas, nº 30, p. 11-32, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. **Atividade Legislativa**. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art216.asp>. Acesso em: set. 2017.

BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco; FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência: Olhares e Pesquisa em Saberes Educacionais**. Araxá, v. 7, nº 7, p. 237-250, 2011.

CAETANO, Jessica Nene, BEZZI, Meri Lourdes. Reflexões na Geografia cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, ano 23 n. 3, 2011, p. 453 – 466.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAU/BR. **O arquiteto e a preservação do patrimônio histórico**. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/o-arquiteto-e-a-preservacao-do-patrimonio-historico/>>. Acesso em: out. 2017.

CEZAR, Adieliton Tavares; JUCÁ-VASCONCELOS, Helena Pinheiro. Diferenciando sensações, sentimentos e emoções: uma articulação com a abordagem gestáltica. **Revista IGT na Rede**, v. 13, nº 24, p. 4-14, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil – mito fundador e sociedade autoritária**. 4. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2001. p. 103.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 147.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. p. 282.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. p. 458.

CLAVAL, Paul. Geografia cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina/PR, v. 20, nº 3, p. 5-24, set./dez. 2011.

COELHO NETO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação**. Diagramação da Teoria do Signo. São Paulo: Perspectiva, 1996 (Coleção Debates).

COLIN, Sílvio. **Uma introdução à arquitetura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Uapê, 2011. p. 189.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1966.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-48.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 84-122.

CUCHÊ, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: Editora da USP, 2002.

DAGNINO, Ricardo de Sampaio. A geografia de Alexander von Humboldt: diálogos entre arte e complexidade. **Revista Caminhos da Geografia**. Uberlândia, v. 9, n. 26, p. 65-83, jun. 2008.

DIMENSTEIN, Dora. **Educação patrimonial, memória e cidadania**: a experiência dos professores de história na rede municipal de Jaboatão dos Guararapes – PE. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2017. Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Mílton Santos, da Universidade Federal da Bahia.

DROPA, Márcia Maria; SOUZA, Luiz Fernando de; BAH, Miguel; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Patrimônio cultural em Ponta Grossa (Paraná, Brasil): articulações possíveis entre memória, história e turismo. **Revista Publicatio UEPG – Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes**, v. 20, nº 1, p. 31-42, 2012.

DROPA, Márcia Maria. **A narrativa dos idosos**: análise a partir de Walter Benjamin – uma contribuição para a educação patrimonial. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa/PR.

DROPA, Márcia Maria; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Bourdieu e o campo patrimonial. **II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO – "Políticas do Patrimônio e Produção Cultural"**. Ponta Grossa, 2015.

DUNCAN, James. Paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeni (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2004. p. 91-132.

DUNCAN, James. Geografia e emoções. Pessoas e lugares: sentidos, sentimentos e emoções. **Revista Geografar**. Curitiba, v. 9, nº 1, p. 200-218, jun. 2014.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática, 1991.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. O patrimônio e as paisagens: novos conceitos para velhas concepções?. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, USP/São Paulo, nº 32, p. 83-113, 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

FRASSON, Antônio Carlos; GOMES, Silvestre Alves. Tropeirismo: Processo civilizatório da Região Sul do Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/frasson_artigo.pdf>. Acesso em: dez. 2018.

FURINI, Luciano Antônio. **Geografia e representações sociais**. 2013. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:htp://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Teoriaymetodo/Teoricos/13.pdf>>. Acesso em: jan. 2019.

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem sonora do Boi-de-Mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFPR, Curitiba.

GARBUIO, Maiara. A conservação da Mansão Vila Hilda, do Colégio Regente Feijó e da Estação Paraná: um princípio fundamentado pela sociedade. **Revista Perspectiva Geográfica-Campus Marechal Cândido Rondon**, v. 13, nº 18, p. 15-31, 2018.

GIOVANAZ, Marlise. Mário de Andrade: ativista da preservação do patrimônio cultural no Brasil. **Ciências & Letras. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras**. Porto Alegre, nº 31, p. 209-217, jan./jun. 2002.

GONÇALVES, José Reinaldo Santos. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 175-189.

GUIMARÃES, Simone Koniski. **Estado e patrimônio cultural: a memória da hidrovía do Rio Iguaçu/PR**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa/PR.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Marco Aurélio M. Pereira. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1999. p. 188.

HALL, Stuart. **Representations: culture representations and signifying practices**. London: Routledge Publications, 1997.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de estética**: volume I. Tradução de Marco Aurélio Werle. 1. ed. São Paulo: Editora da USP, 1999. p. 290.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de estética**: volume III. Tradução de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Editora da USP, 2002. p. 330.

IPARDES. **Caderno Estatístico Município de Ponta Grossa**, 2019. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=84000>>. Acesso em: maio 2019.

IPHAN. **Mário de Andrade**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/80anos/noticias/detalhes/1024/mario-de-andrade>>. Acesso em: outubro 2017.

IPHAN. Patrimônio material. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em: jan. 2018.

JACINTO, Janério Manoel; MENDES, César Miranda; PEREHOUSKEI, Nestor Alexandre. O rural e o urbano: contribuições para a compreensão da relação do espaço rural e do espaço urbano. **Revista Percurso**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 173-191, 2012.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JOHANSEN, Elizabeth. Casa do Divino: a construção da territorialidade de um patrimônio cultural. **II Congresso Internacional de História UEPG-UNICENTRO: Ponta Grossa/PR**, 2015.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

KATTIAVIANA, Hayssa; TELES, Andressa Stefany; DROPA, Márcia Maria. O Complexo Ferroviário de Ponta Grossa como espaço cultural e possível espaço turístico. **Festival de Turismo das Cataratas do Iguaçu. VII Fórum Internacional de Turismo do Iguassu**, 2013, Foz do Iguaçu.

KROETZ, Lando Rogério. **As estradas de ferro do Paraná 1880-1940**. 1985. 262 fl. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LEFEBVERE, Henri. **Espacio y política**. Barcelona: Península, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001. p. 143.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é arquitetura**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 86.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Editora da USP, 2003.

LIMA, Jaine de. **Percepções sobre a memória social e a preservação do patrimônio cultural na cidade de Ponta Grossa - PR: a Casa Justus**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia, UEPG, Ponta Grossa/PR.

LOPES, Jacson Girão. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. **Revista Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 23-30, 2012.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**. Sobre a categoria da particularidade. Tradução de Carlos Nélon Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 153.

LYRA, Cyro Correa (Coord.). **Guia dos bens tombados: Paraná**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994. p. 202.

MADALOZZO, Nisiane. **Memória social e cidade contemporânea: o velho Centro Ferroviário de Ponta Grossa/PR**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa/PR.

MARÇAL, Maria Antônia. Regente Feijó: Memórias de uma escola. In: BATISTA, Niltonci (Org.). **Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2004. p. 119-129.

MALTÊZ, Camila Rodrigues; CORRÊA SOBRINHO, Cristiane Paula; BITTENCOURT, Daphne Lorene Alves et al. Educação e patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do patrimônio cultural. **Pedagogia em Ação**, v. 2, n. 2, p. 39-49, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINIAK, Vera Lúcia. Educação e imigração na província do Paraná: análise da constituição das escolas étnicas para os filhos de imigrantes. **Revista Histedbr**, Campinas, n. 52, p. 119-137, 2013.

MARTINS, Lucas. **Mapa rodoviário do Paraná**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/mapas/mapa-rodoviario-do-parana/>>. Acesso em: ago. 2018.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2008.

McDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. (Orgs). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Tradução de Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 159-183.

MELLO, Ricardo Bianca de. **A cultura da crença: uma reflexão sobre o espaço simbólico e o simbolismo na arquitetura religiosa**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo/SP.

MELO FILHO, Dirceu Rogério Cadena de. Há que se ler a paisagem: a contribuição da geografia para a construção da significância cultural. **Revista Caminhos da Geografia – on-line**, v. 14, nº 15, p. 173-180, mar. 2013.

MENDES, Conrado Moreira. A pesquisa *on-line*: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextus Revista Digital**, n. 2, jan. 2009.

MÉO, Guy de. Patrimônio, continuidade ou ruptura no uso e nas representações dos lugares?. **Revista Geosaberes**, v. 5, nº 1, p. 58-66, 2014.

MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **Ferrovia: patrimônio cultural**. Estudo sobre a ferrovia brasileira a partir da região dos Campos Gerais/PR. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis/SC.

MOREIRA, Igor A. G. **O espaço geográfico: geografia geral e do Brasil**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1981. p. 288.

NABOZNY, Almir. Da paisagem como olhar do geógrafo à paisagem como olhar os olhares dos outros. **Geografia – Ensino e Pesquisa**, v. 15, nº 1, p. 17-40, 2011.

NIEMEYER, Oscar. O problema social da arquitetura. In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 184-188.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Abordagem fenomenológica da percepção e representação na Geografia**, 2012. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Nuevastecnologias/Teledeteccion/01.pdf>>. Acesso em: fev. 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara AunKhoury. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História da PUC/ São Paulo**, São Paulo, nº 10, p. 7-18, dez. 1993.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da USP, 1987. p. 8-27.

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. **Revista Caminhos de Geografia**, v. 11, nº 35, p. 173-178, 2010.

PEREIRA, Élson Manoel. Cidade, urbanismo e mobilidade urbana. **Geosul**, v. 29, ESPECIAL, p. 75-92, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2015v30n60p73>>. Acesso em: set. 2017.

PISSETTI, Rodrigo Fernandes; SOUZA, Carla Farias. Art Déco e Art Nouveau: confluências. **Revista Imagem**. Aceito em dezembro de 2011, v. 1, nº 1, p. 17-24.

PMPG. **A cidade**. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade>>. Acesso em: ago. 2018.

PMPG. **Plano Diretor**. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/1283>>. Acesso em: jul. 2018.

PMPG. **Prédio da Associação Beneficente 26 de outubro**. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/predio-da-associacao-beneficente-26-de-outubro>>. Acesso em: ago. 2018.

PULS, Maurício. **Nossa elite é ignorante**. 2016. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/PedroPauloSaraiva.pdf>>. Acesso em: jan. 2019.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: Olhares e Pesquisa em Saberes Educacionais**. Araxá, v. 4, nº 4, p. 129-148, 2008.

RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**. Madrid: Visor, 1987.

ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v.4/5, p. 67-79, 2003.

RODRIGUES, João Freire. O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios. **Análise Social**, Lisboa, v. 49, nº 211, p. 430-456, jun./ago. 2014. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_211_d04.pdf>. Acesso em: out. 2017.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 160.

RUCKSTADLER, Vanessa Campos Mariano. Fontes para a história da educação no norte pioneiro paranaense: um inventário dos cursos e escolas normais (1938-1971). **ANAIIS DA XIV JORNADA DO HISTEDBR: Pedagogia Histórico-Crítica, Educação e Revolução: 100 anos da Revolução Russa**. UNIOESTE – FOZ DO IGUAÇU-PR. 2017.

SAFE, Simone M. S.; PEREIRA, Stael de Alvarenga Costa. Paisagem e patrimônio: o papel da historicidade. **Fórum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável**. Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2015.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como se fosse um jogo de cartas**. São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SCHIRRU, Ana Carla. A importância do patrimônio cultural para a cidade: identidade social e planos urbanos. **IX Mestres e Conselheiros**, Belo Horizonte, 2017.

Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/52381.pdf>>. Acesso em dez. 2018.

SCHOENHERR, Rafael. **A imagem da música no espaço público em Ponta Grossa/PR de 2010 a 2014: implicações geográficas do fotojornalismo cultural**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa/PR.

SEEC/PR. **Antigo Edifício Fórum da Comarca de Ponta Grossa**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=147>>. Acesso em: ago. 2018.

SEEC/PR **Colégio Estadual Regente Feijó**. Disponível em: <<https://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=146>>. Acesso em: jul. 2018.

SEEC/PR **Edifício situado à Praça Marechal Floriano**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=148>>. Acesso em: ago. 2018.

SEEC/PR **Estações de Passageiros da Estrada de Ferro de Ponta Grossa**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=145>>. Acesso em: jul. 2018.

SEEC/PR **Vila Hilda**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=144>>. Acesso em: jul, 2018.

SILVA, Márcia Alves Soares da. Por uma geografia das emoções a partir da proposta de Merleau-Ponty em “A Fenomenologia da Percepção”. **Anais Semana de Geografia**, v. 1, nº 1. Ponta Grossa: UEPG, p. 144-147, 2015.

SOUZA, Antônio Gilberto Abreu de. **Arquitetura e cotidiano social do Centro Histórico de Fortaleza** – da *Belle Époque* ao ocaso do início do século XXI – (2012). Tese (Doutorado em Artes). Programa de Pós-Graduação em Artes, da Escola de Belas Artes, UFMG, Belo Horizonte/MG.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 319 p.

TEIXEIRA, Marizete Argolo; NITSCHKE, Rosane Gon Alves; PAIVA, Mirian Santos. Análise dos dados em pesquisa qualitativa: um olhar para a proposta de Morse e Field. **Rev. Rene**. Fortaleza/CE, v. 9, n. 3, p. 125-134, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina, PR: Editora da UEL, 2013.

VALE, Tatiane Ferrari do. **A gestão do território e os benefícios de um geopark:** ações visando a implantação o Projeto Geopark Fernando de Noronha (PE), 2017. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa/PR.

VILLELA, Ana Teresa Cirigliano. **Técnicas retrospectivas, restauração e patrimônio histórico.** Londrina: Editora e Distribuidora Educacional, 2017. p. 208.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura.** Porto Alegre: Editora da USC, 2003.

XAVIER, Luíza Almeida; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. O conceito da personalidade: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. **X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional.** Maringá, 2011.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** 5. ed. Tradução de Maria Isabel Gaspar e Gélton Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 126.

— . —

DOCUMENTOS CONSULTADOS EM ARQUIVOS PÚBLICOS.
VH/CPC. **Arquivo com dossiê da Vila Hilda.** Ponta Grossa, 20 nov. 2017.

APÊNDICE A – Formulário e Questionário realizados na pesquisa

DOCUMENTO 1 - Formulário sobre a percepção dos indivíduos diante dos patrimônios culturais: Colégio Estadual Regente Feijó, Estação Paraná e Vila Hilda no município de Ponta Grossa (PR);

DOCUMENTO 2 – Questionário sobre a percepção dos indivíduos pelo Colégio Estadual Regente Feijó no município de Ponta Grossa (PR);

DOCUMENTO 3 – Questionário sobre a percepção dos indivíduos pela Estação Paraná no município de Ponta Grossa (PR);

DOCUMENTO 4 – Questionário sobre a percepção dos indivíduos pela Vila Hilda no município de Ponta Grossa (PR);

DOCUMENTO 1 - Formulário sobre a percepção dos indivíduos diante dos patrimônios culturais: Colégio Estadual Regente Feijó, Estação Paraná e Vila Hilda no município de Ponta Grossa (PR)

FORMULÁRIO – Patrimônio: _____ Data: _____ Nº: _____

- 1) Estando você aqui, diante dessa edificação, qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?

- 2) O que mais te chama a atenção nessa edificação?

- 3) O que você acha da arquitetura dele?

- 4) É bom para Ponta Grossa ter essa edificação?

- 5) Você conhece essa edificação por dentro?

- 6) O que você sabe sobre a história dessa edificação?

- 7) Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação?

- 8) Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação?

- 9) Depois dessa conversa... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?

10) Em que cidade você reside?

11) Sexo: () F () M

12) Escolaridade:

- () sem escolaridade
- () Fundamental - até nona série completa
- () Médio - até terceiro ano do segundo completo
- () Superior - concluído

13) Qual sua profissão:

14) Idade:

- () criança - 0/12
- () jovem - 13/25
- () adulto - 26-60
- () idoso + 60

15) Renda familiar:

- () sem renda
- () até 1SM - R\$ 900,00
- () de 2 a 4 SM - R\$ 900,00 à 4.600,00
- () de 5 a 10 SM - R\$ 4601,00 à 9.000,00
- () de 11 a 20 SM - R\$ 9.001,00 à 18.000,00
- () + 20 SM
- () não declarou.

DOCUMENTO 2 – Questionário sobre a percepção dos indivíduos pelo Colégio Estadual Regente Feijó no município de Ponta Grossa (PR)

Pesquisa sobre o Colégio Estadual Regente Feijó (Ponta Grossa/PR)

Essa pesquisa é desenvolvida pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo como foco o Patrimônio Cultural de Ponta Grossa (PR), sendo o Colégio Estadual Regente Feijó um deles. Assim, para auxiliar nessa pesquisa, solicita-se que seja realizada as respostas das perguntas abaixo.

***Obrigatório**

Colégio Estadual Regente Feijó



Qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação? *

Sua resposta

O que mais te chama a atenção nessa edificação? *

Sua resposta

O que você acha da arquitetura dele? *

Sua resposta

É bom para Ponta Grossa ter essa edificação? *

Sua resposta

Você conhece essa edificação por dentro? *

Sua resposta

O que você sabe sobre a história dessa edificação? *

Sua resposta

Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação?
(memória) *

Sua resposta

Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação?
(conto) *

Sua resposta

O que você acha que deve ser feito com essa edificação? Por
quê? *

Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação? *

Sua resposta

Qual a cidade onde reside? *

Sua resposta

Sexo *

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

Escolaridade *

- ☐ sem escolaridade
- ☐ Fundamental - até nona série completa
- ☐ Médio - até terceiro ano completo
- ☐ Superior - concluído

Qual sua profissão? *

Sua resposta

Idade *

- ☐ criança - 0/12 anos
- ☐ jovem - 13/25 anos
- ☐ adulto - 26/60 anos
- ☐ idoso - mais de 60 anos

Renda familiar *

- ☐ sem renda
- ☐ até 1 salário mínimo
- ☐ de 2 à 4 salários mínimos
- ☐ de 5 à 10 salários mínimos
- ☐ de 11 à 20 salários mínimos
- ☐ mais de 20 salários mínimos
- ☐ não declarou

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

**DOCUMENTO 3 – Questionário sobre a percepção dos indivíduos pela Estação
Paraná no município de Ponta Grossa (PR)**

Pesquisa sobre a Casa da Memória (Ponta Grossa/PR)

Essa pesquisa é desenvolvida pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo como foco o Patrimônio Cultural de Ponta Grossa (PR), sendo a Casa da Memória um deles. Assim, para auxiliar nessa pesquisa, solicita-se que seja realizada as respostas das perguntas abaixo.

**Obrigatório*

Casa da Memória



Casa da Memória



Qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação? *

Sua resposta

O que mais te chama a atenção nessa edificação? *

Sua resposta

O que você acha da arquitetura dele? *

Sua resposta

É bom para Ponta Grossa ter essa edificação? *

Sua resposta

Você conhece essa edificação por dentro?

Sua resposta

Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação?
(memória) *

Sua resposta

Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação?
(conto) *

Sua resposta

O que você acha que deve ser feito com essa edificação? Por
quê? *

Sua resposta

Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual
a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação? *

Sua resposta

Qual a cidade onde reside? *

Sua resposta

Sexo *

☐ Masculino

☐ Feminino

Escolaridade *

- ☐ sem escolaridade
- ☐ Fundamental - até nona série completa
- ☐ Médio - até terceiro ano completo
- ☐ Superior - concluído

Qual sua profissão? *

Sua resposta

Idade *

- ☐ criança - 0/12 anos
- ☐ jovem - 13/25 anos
- ☐ adulto - 26/60 anos
- ☐ idoso - mais de 60 anos

Renda familiar *

- ☐ sem renda
- ☐ até 1 salário mínimo
- ☐ de 2 à 4 salários mínimos
- ☐ de 5 à 10 salários mínimos
- ☐ de 11 à 20 salários mínimos
- ☐ mais de 20 salários mínimos
- ☐ não declarou

DOCUMENTO 4 – Questionário sobre a percepção dos indivíduos pela Vila Hilda no município de Ponta Grossa (PR)

Pesquisa sobre a Mansão Vila Hilda (Ponta Grossa/PR)

Essa pesquisa é desenvolvida pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tendo como foco o Patrimônio Cultural de Ponta Grossa (PR), sendo a Mansão Vila Hilda um deles. Assim, para auxiliar nessa pesquisa, solicita-se que seja realizada as respostas das perguntas abaixo.

***Obrigatório**

Mansão Vila Hilda



Qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação? *

Sua resposta

O que mais te chama a atenção nessa edificação? *

Sua resposta

O que você acha da arquitetura dele? *

Sua resposta

É bom para Ponta Grossa ter essa edificação? *

Sua resposta

Você conhece essa edificação por dentro? *

Sua resposta

O que você sabe sobre a história dessa edificação? *

Sua resposta

Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação?
(memória) *

Sua resposta

Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação?
(conto) *

Sua resposta

O que você acha que deve ser feito com essa edificação? Por
quê? *

Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação? *

Sua resposta

Qual a cidade onde reside? *

Sua resposta

Sexo *

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

Escolaridade *

- ☐ sem escolaridade
- ☐ Fundamental - até nona série completa
- ☐ Médio - até terceiro ano completo
- ☐ Superior - concluído

Qual sua profissão? *

Sua resposta

Idade *

- ☐ criança - 0/12 anos
- ☐ jovem - 13/25 anos
- ☐ adulto - 26/60 anos
- ☐ idoso - mais de 60 anos

Renda familiar ★

- ☐ sem renda
- ☐ até 1 salário mínimo
- ☐ de 2 à 4 salários mínimos
- ☐ de 5 à 10 salários mínimos
- ☐ de 11 à 20 salários mínimos
- ☐ mais de 20 salários mínimos
- ☐ não declarou

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

**APÊNDICE B – Documentos retirados da Tese de Doutorado de Márcia Maria
Dropa**

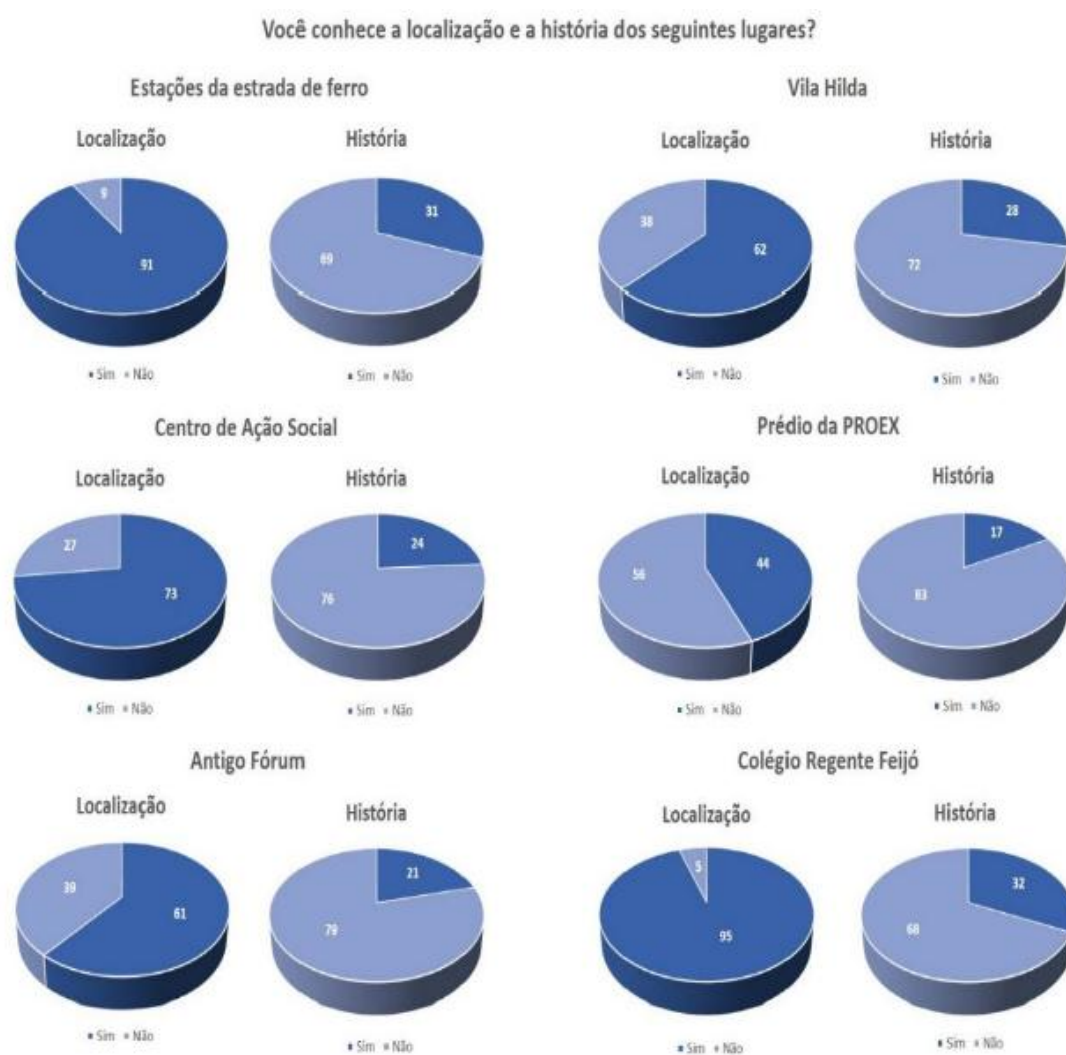
FIGURA 1 - Gráfico sobre o conhecimento da população ponta-grossense a respeito de locais e história dos patrimônios estudados;

FOTOGRAFIA 1 - Centro de Ação Social;

FOTOGRAFIA 2 - Antigo Fórum;

FOTOGRAFIA 3 – PROEX.

Figura 1 - Gráfico sobre o conhecimento da população ponta-grossense a respeito de locais e história dos patrimônios estudados



Autor: Márcia Maria Dropa, 2016/ Fonte: Dropa (2016).

Fotografia 1 - Centro de Ação Social



Autor: N.d., década de 1960 / Fonte: Dropa (2016)/ Acervo: Museu Campos Gerais

Fotografia 2 - Antigo Fórum



Autor: Renato Pereira/ Fonte: Dropa (2016)/ Acervo: Compac (2015)

Fotografia 3 - Prédio da PROEX



Autor: N.d./Fonte: Dropa (2016)/ Acervo: Foto Elite (1995)

APÊNDICE C – Síntese das respostas

Síntese 1 - Respostas sobre o Colégio Estadual Regente Feijó;

Síntese 2 – Respostas sobre a Estação Paraná;

Síntese 3 – Respostas sobre a Vila Hilda.

Síntese 1 - Respostas sobre o Colégio Estadual Regente Feijó

Total: 32 respostas transcritas e observadas

Palavras-chave citadas apenas uma vez

(*) palavras-chave citadas com alguma frequência

(**) palavras-chave citadas com muita frequência

1. Qual a primeira coisa que você pensa ao ver o Colégio Estadual Regente Feijó?

- Passado e história **
- Expressa emoção *
- Sente saudades *
- Dos amigos de colégio **
- Imponência arquitetônica *
- Felicidade
- Admiração
- Bom colégio
- Revitalização
- Símbolo ponta-grossense

2. O que mais te chama a atenção nessa edificação?

- Arquitetura como um todo **
- As janelas *
- A cor *
- O tamanho
- Diferente das outras edificações
- Arquitetura passada *

3. O que você acha da arquitetura dele?

- Bonita/linda **
- Revitalização
- Presença de vários movimentos arquitetônicos *
- Antiga
- Lembra a colonização

4. É bom para Ponta Grossa ter essa edificação?

- Sim/ Claro **
- É um patrimônio histórico *
- Não
- Alicerce da Memória *

5. Você conhece essa edificação por dentro?

- Sim **
- Não *

6. O que você sabe sobre a história dessa edificação?

- sabe que é um colégio **
- sabe pouco *

7. Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação? (memória)

- Não *
- Estudou no colégio **
- Dos amigos **
- Festa cívica
- Sente felicidade *
- Lembra das aulas
- Do passado
- A escadaria de madeira *
- Sim *

8. Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação? (conto)

- Sim **
- Não *
- História de alunos *
- História dos professores
- Porão assombrado

9. O que você acha que deve ser feito com essa edificação? Por quê?

- Revitalizado *

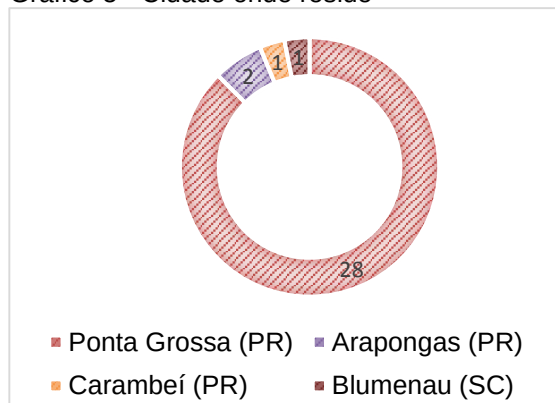
- Continuar colégio
- Preservado **
- Conservado **
- Tombado *
- Demolido
- Manter a história **
- Alicerce da memória *

10. Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?

- Abandono
- Um símbolo da cidade *
- Revitalização
- Lembranças *
- Admiração
- Saudades *
- Bonito *
- Passado/ história **
- Exprime emoção *

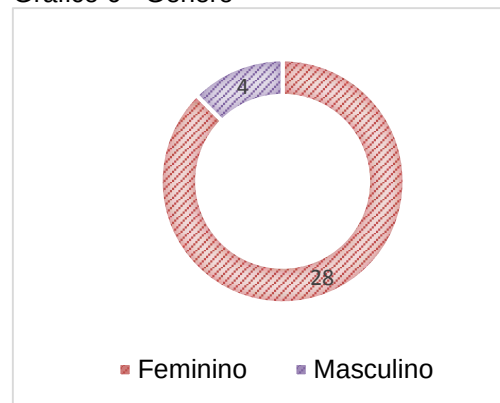
Os gráficos abaixo representam as respostas das questões 11 e 12 respectivamente:

Gráfico 5 - Cidade onde reside



Fonte: A autora.

Gráfico 6 - Gênero



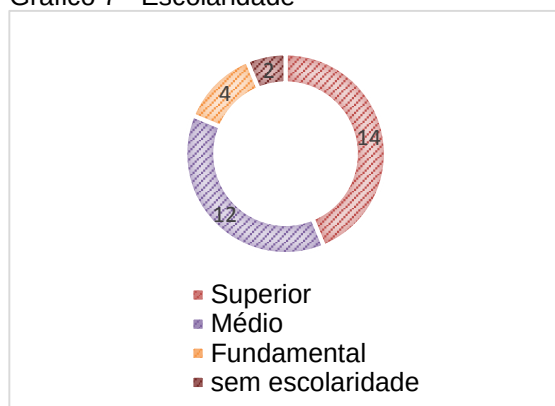
Fonte: A autora.

13. Qual sua profissão?

- Costureiro (a)
- Fonoaudiólogo (a)
- Secretário (a)
- Estudante **
- Professor (a) *
- Vendedor (a)
- Analista de sistemas
- Staff de eventos
- Arquiteto (a) *
- Promotor (a) de eventos
- Aposentado (a) **
- Do lar
- Bancário (a)
- Apresentador (a)

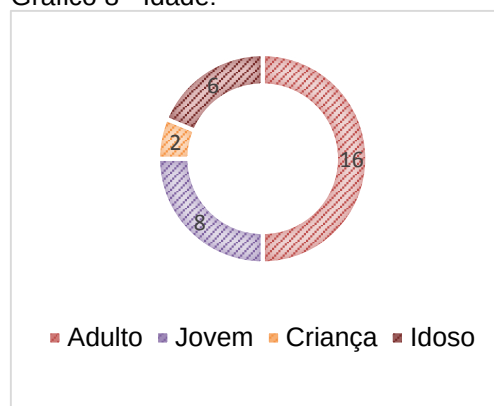
Os gráficos abaixo representam as respostas das questões 14, 15 e 16 respectivamente:

Gráfico 7 - Escolaridade



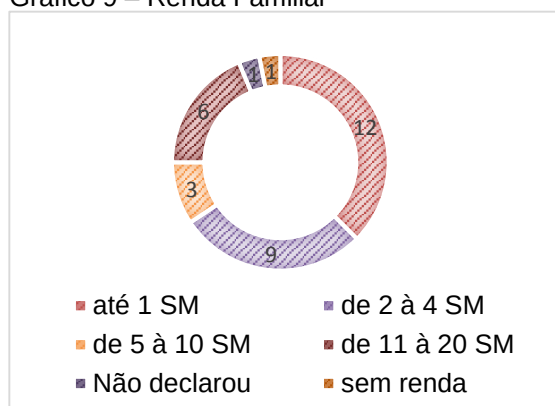
Fonte: A autora.

Gráfico 8 - Idade:



Fonte: A autora.

Gráfico 9 – Renda Familiar



Fonte: A autora.

Síntese 2 - Respostas sobre a Estação Paraná

Total: 27 respostas transcritas e observadas

Palavras-chave citadas somente uma vez,

(*) palavras-chave citadas com alguma frequência,

(**) palavras-chave citadas com muita frequência

1. Qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?

- Passado e história **
- Expressa emoção *
- Sente saudades
- Revitalização **
- Trabalho
- Ferrovia *
- Acidente
- Preservação da ferrovia
- Arquitetura feia

2. O que mais te chama a atenção nessa edificação?

- Estrutura
- Arquitetura funcionalista *
- Construção
- Maria Fumaça
- Arquitetura passada **
- Formato *

3. O que você acha da arquitetura dele?

- Detalhes arquitetônicos
- Arquitetura ferroviária
- Imponência arquitetônica
- Suja
- Mal cuidada *
- Legal
- Bonita **
- Feia

4. É bom para Ponta Grossa ter essa edificação?

- Sim/ Claro **
- Sim, patrimônio histórico *
- Não
- Importante se conservado *
- Importante com outro uso *

5. Você conhece essa edificação por dentro?

- Sim *
- Não **

6. O que você sabe sobre a história dessa edificação?

- Foi uma estação de trem **
- sabe pouco *
- Não sabe

7. Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação? (memória)

- Não **
- Lembra Ponta Grossa **
- Da família *
- Do desenvolvimento econômico
- Da era ferroviária *
- Do trabalho

8. Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação? (conto)

- Sim **
- Não *
- Estação de trem
- História da ferrovia

9. O que você acha que deve ser feito com essa edificação? Por quê?

- Revitalizado *
- Preservado **
- Conservado **
- Usado para cultura

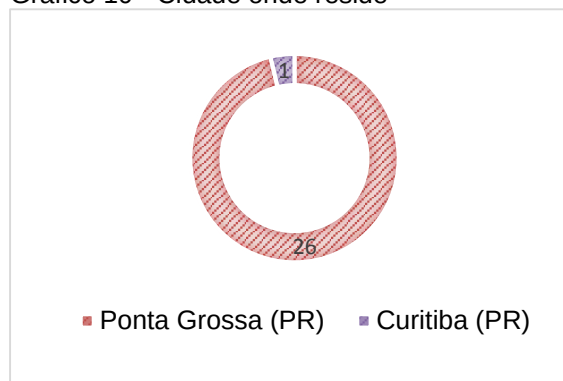
- Demolir
- Tombada
- Manter a história **
- Manter a memória

10. Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?

- Abandono
- Respeito
- Admiração
- Beleza *
- Símbolo da cidade *
- Revitalização **
- Lembranças
- Saudades *
- Passado/ história **
- Patrimônio de Ponta Grossa
- Cultura *

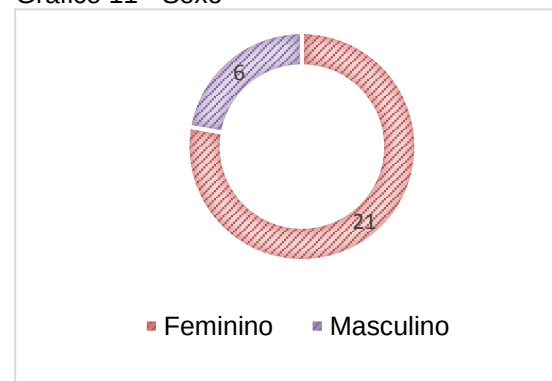
Os gráficos abaixo representam as respostas das questões 11 e 12 respectivamente:

Gráfico 10 - Cidade onde reside



Fonte: A autora.

Gráfico 11 - Sexo



Fonte: A autora.

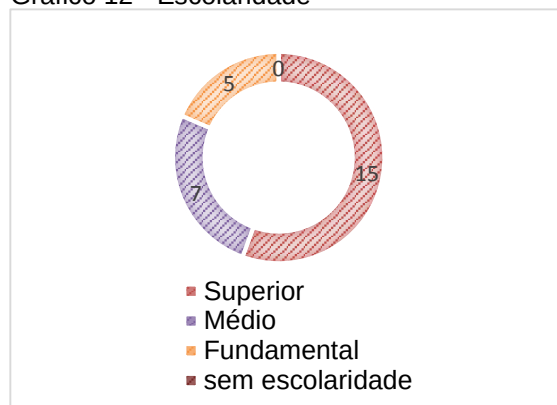
13. Qual sua profissão?

- Recepcionista
- Economista
- Secretário (a)
- Engenheiro (a) civil

- Professor (a) **
- Vendedor (a) *
- Engenheiro eletricista
- Aposentado (a) **
- Corretor (a) de imóveis
- Estudante **
- Não informou

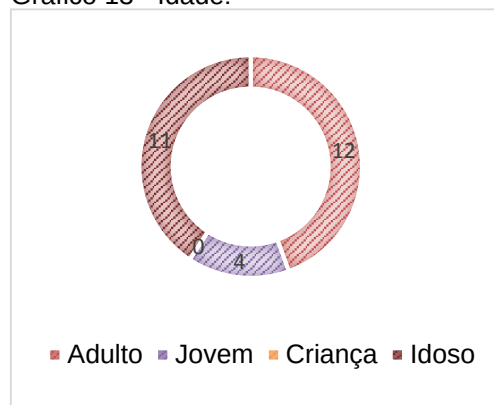
Os gráficos abaixo representam as respostas das questões 14, 15 e 16 respectivamente:

Gráfico 12 - Escolaridade



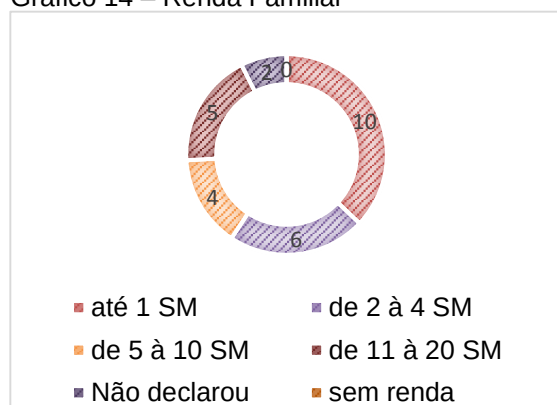
Fonte: A autora.

Gráfico 13 - Idade:



Fonte: A autora.

Gráfico 14 – Renda Familiar



Fonte: A autora.

Síntese 3 - Respostas sobre a Vila Hilda

Total: 28 respostas transcritas e observadas

Palavras-chave citadas somente uma vez,

(*) palavras-chave citadas com alguma frequência,

(**) palavras-chave citadas com muita frequência

1. Qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?

- Passado e história **
- Assombração/fantasmas **
- Imponência arquitetônica *
- Expressa emoção
- Museu
- Beleza *
- Tristeza

2. O que mais te chama a atenção nessa edificação?

- Riqueza de detalhes arquitetônicos **
- Tipo de construção *
- As janelas *
- Falta de cores
- Imponência arquitetônica **
- A beleza
- A localização

3. O que você acha da arquitetura dele?

- Bonita/ linda **
- Luxuosa
- Antiga *
- Construção que se destaca *

4. É bom para Ponta Grossa ter essa edificação?

- Sim/ Claro **
- É um patrimônio histórico *

- Devia ser museu
- Não vejo benefício
- Sim, alicerce da memória *

5. Você conhece essa edificação por dentro?

- Sim *
- Não **

6. O que você sabe sobre a história dessa edificação?

- sabe que foi uma residência **
- sabe das histórias de assombração *

7. Você tem alguma lembrança relacionada a essa edificação? (memória)

- Não **
- Biblioteca
- Capa da lista telefônica*
- Do trabalho

8. Alguém já lhe contou alguma história sobre essa edificação? (conto)

- Sim *
- Não **
- Histórias de fantasmas

9. O que você acha que deve ser feito com essa edificação? Por quê?

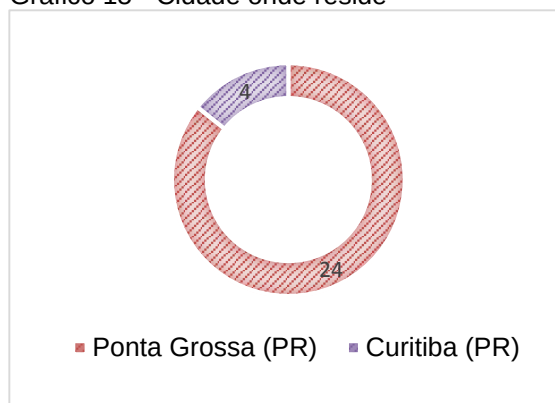
- Tornar patrimônio cultural
- Transformar em museu/ poder visitar *
- Preservado **
- Conservado **
- Mantido como patrimônio cultural
- Demolir/ substituir *
- A história da cidade deve ser preservada e mantida **
- Preservado, pois é alicerce da memória

10. Depois dessa análise... Voltamos para a primeira pergunta: qual a primeira coisa que você pensa ao ver essa edificação?

- Passado e história **
- Beleza arquitetônica *
- Medo
- Vontade de conhecer
- Assombração
- Patrimônio *
- Memórias

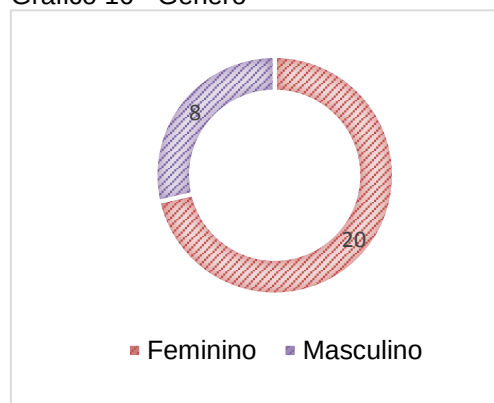
Os gráficos abaixo representam as respostas das questões 11 e 12 respectivamente:

Gráfico 15 - Cidade onde reside



Fonte: A autora.

Gráfico 16 - Gênero



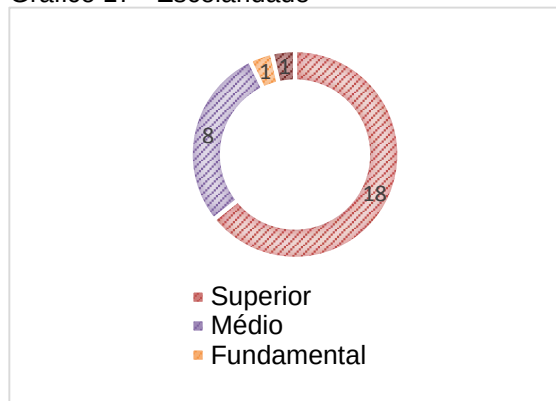
Fonte: A autora.

13. Qual sua profissão?

- Bancário (a) *
- Dentista *
- Empresário (a) **
- Arquiteto (a) *
- Do lar
- Professor (a) *
- Estudante
- Coordenador (a) administrativo
- Artista

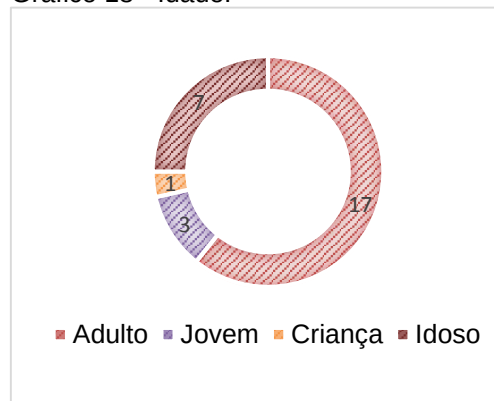
Os gráficos abaixo representam as respostas das questões 14, 15 e 16 respectivamente:

Gráfico 17 - Escolaridade



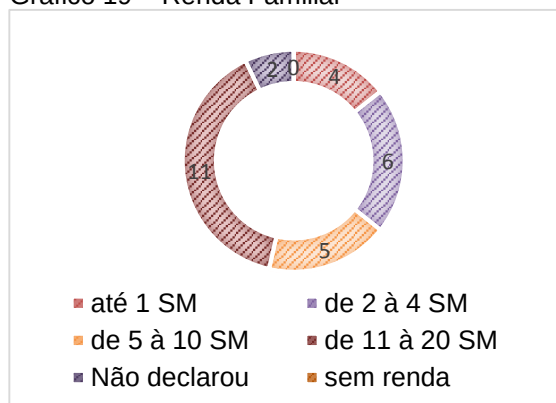
Fonte: A autora.

Gráfico 18 - Idade:



Fonte: A autora.

Gráfico 19 – Renda Familiar



Fonte: A autora.